



Iury Rangel dos Santos

A Igreja e a Peste

As três maiores pandemias superadas pelos cristãos

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Luís Corrêa Lima

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2023



Iury Rangel dos Santos

A Igreja e a Peste

As três maiores pandemias superadas pelos cristãos

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Luís Corrêa Lima
Orientador
PUC-Rio

Lúcia Pedrosa de Pádua
PUC-Rio

Brian Gordon Lutalo Kibuuka
UEFS

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Iury Rangel dos Santos

Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB (FAECAD) e em Processos Gerenciais pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Especialista em Ciências da Religião pela Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB (2016). Atua como pesquisador na área da teologia sistemático-pastoral, no enfoque da História da Igreja.

Ficha Catalográfica

Santos, Iury Rangel dos

A Igreja e a Peste: as três maiores pandemias superadas pelos cristãos / Iury Rangel dos Santos; orientador: Luís Corrêa Lima. – 2023.

132 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2023.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Peste justiniana. 3. Peste negra. 4. Gripe espanhola. 5. História do cristianismo. 6. História das doenças. I. Lima, Luís Corrêa. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Ao meu eterno filho, Théo Rangel (*in memoriam*), fonte
de inspiração e coragem durante toda a jornada.

Agradecimentos

Ao soberano Deus, verdadeiro possuidor do conhecimento e da força, que graciosamente concede sabedoria aos sábios e ciência aos inteligentes.

Ao meu orientador, Dr. Luís Corrêa Lima, desde o início engajado na realização deste projeto e sempre solícito no compartilhamento de materiais e direcionamentos para a confecção da pesquisa.

Ao CNPq, à CAPES e à PUC-Rio, pelo investimento, patrocínio e oportunidade, sem os quais a pesquisa seria inviável.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia da PUC-Rio, pelos ensinamentos e auxílios que tornaram a caminhada segura e proveitosa.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora, cujos apontamentos e observações enriqueceram a pesquisa.

À minha querida mãe, Alba Rangel, que desde cedo instigou em mim o apreço pelo estudo e pela religião.

À minha adorável esposa, Palloma Rangel, pela compreensão e apoio incondicionais durante toda a jornada de estudo.

Ao meu querido amigo, Adalberto Telles, principal incentivador para minha participação no Programa de Mestrado em Teologia.

À Igreja Nova Vida de Padre Miguel, pelas intercessões sempre fervorosas, tão úteis na superação das dificuldades que surgiram no caminho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Santos, Iury Rangel; Lima, Luís Corrêa. **A Igreja e a Peste: as três maiores pandemias superadas pelos cristãos**. Rio de Janeiro, 2023. 127p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A pesquisa recorda as três maiores pandemias da Era Cristã: a Peste Justiniana, no século VI, a Peste Negra, no século XIV e a Gripe Espanhola, no século XX. Investiga-se em cada moléstia a natureza da doença, sua origem, sintomas, percursos e impactos. Enfatiza-se a maneira como a Igreja atravessou cada período pandêmico, revelando suas crenças e interpretações para as pragas, a forma como tentava afastar o mal e a assistência que fornecia aos enfermos e enlutados. A pesquisa revela ainda se os cristãos amadureceram suas respostas às crises, se aspectos litúrgicos foram adaptados e se interpretações escatológicas sofreram alguma alteração. Seguindo a ordem cronológica em que as pestilências se sucederam, dedica-se o primeiro capítulo ao estudo da Peste Justiniana, revelando, por exemplo, como o contexto geográfico e social da época contribuía para a disseminação de doenças. A pesquisa avança até a Baixa Idade Média, quando Europa, Ásia e África são assoladas pela Peste Negra, e mostra, entre outras coisas, as frustrantes tentativas médicas e religiosas de lidar com a praga. Finalmente, o último capítulo explora a maior pandemia da história, a Gripe Espanhola, dissertando sobre sua alta letalidade e a maneira diversa como os cristãos oriundos de diferentes denominações reagiram.

Palavras-chave

Peste Justiniana; Peste Negra; Gripe Espanhola; História do Cristianismo; História das Doenças.

Abstract

Santos, Iury Rangel. Lima, Luís Corrêa (Advisor). **The Church and the Plague: the three greatest pandemics overcome by Christians.** Rio de Janeiro, 2020. 130p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The research recalls the three greatest pandemics of the Christian Era: the Justinian Plague, in the 6th century, the Black Death, in the 14th century and the Spanish Flu, in the 20th century. The nature of the disease, its origin, symptoms, routes and impacts are investigated in each sickness. It emphasizes how the Church went through each pandemic period, revealing its beliefs and interpretations for the plagues, the way it tried to ward off evil and the assistance it provided to the sick and mourning. The survey also reveals whether Christians have matured their responses to crises, whether liturgical aspects have been adapted and whether eschatological interpretations have undergone any changes. Following the chronological order in which the pestilences followed one another, the first chapter is devoted to the study of the Justinian Plague, revealing, for example, how the geographic and social context of the time contributed to the spread of diseases. The research advances to the Late Middle Ages, when Europe, Asia and Africa were ravaged by the Black Death, and shows, among other things, the frustrating medical and religious attempts to deal with the plague. Finally, the last chapter explores the greatest pandemic in history, the Spanish Flu, discussing its high lethality and the diverse way in which Christians from different denominations reacted.

Keywords

Justinian Plague; Black Plague; Spanish flu; History of Christianity; History of Diseases.

Sumário

1. Introdução.....	11
2. Peste Justiniana.....	15
2.1. A Peste	15
2.1.1. Todos os caminhos levam pestes a Roma.....	15
2.1.2. Nova capital, velhos problemas	19
2.1.3. Justiniano: ambição e frustração.....	20
2.1.4. De Pelúcio para o mundo.....	23
2.1.5. Uma complicação de doenças	27
2.1.6. O inimigo invisível	29
2.1.7. Impactos da peste	32
2.2. A Igreja.....	36
2.2.1. Até os confins da terra	37
2.2.2. Fé, esperança e caridade.....	40
2.2.3. Deus da peste	43
2.2.4. A concorrência árabe	46
2.2.5. Conclusão: A Igreja supera a Peste Justiniana.....	48
3. Peste Negra	50
3.1. A Peste	50
3.1.1. O Velho Mundo não evolui	50
3.1.2. Guerra biológica.....	53
3.1.3. Peste: bubônica, negra e letal.....	58
3.1.4. Médicos que parecem pássaros	61
3.1.5. O triunfo da morte	63
3.2. A Igreja.....	66
3.2.1. O cativo de Avignon	66
3.2.2. Pestilência x Penitência	70
3.2.3. As reformas e a peste	75
3.2.4. De quem é a culpa?	78
3.2.5. Conclusão: A Igreja supera a Peste Negra	84

4. Gripe Espanhola	86
4.1. A Peste	86
4.1.1. Guerra mundial, doença global	86
4.1.2. Ondas de terror	90
4.1.3. Influenza H1N1	93
4.1.4. Bailarina da morte	97
4.2. A Igreja.....	102
4.2.1. O grande século	102
4.2.2. Devoção dentro e fora do templo	106
4.2.3. Tempo do fim ou do recomeço?	111
4.2.4. Conclusão: A Igreja supera a Gripe Espanhola	115
5. Considerações finais.....	116
6. Referências bibliográficas	120

Livra-nos, Senhor, deste vírus, mas também de todos os outros que se escondem dentro dele. Livra-nos do vírus do pânico disseminado, que em vez de construir sabedoria nos atira desamparados para o labirinto da angústia. Livra-nos do vírus do desânimo que nos retira a fortaleza de alma com que melhor se enfrentam as horas difíceis. Livra-nos do vírus do pessimismo, pois não nos deixa ver que, se não pudermos abrir a porta, temos ainda possibilidade de abrir janelas. Livra-nos do vírus do isolamento interior que desagrega, pois o mundo continua a ser uma comunidade viva. Livra-nos do vírus do individualismo que faz crescer as muralhas, mas explode em nosso redor todas as pontes. Livra-nos do vírus da comunicação vazia em doses massivas, pois essa se sobrepõe à verdade das palavras que nos chegam do silêncio. Livra-nos do vírus da impotência, pois uma das coisas mais urgentes a aprender é o poder da nossa vulnerabilidade. Livra-nos, Senhor, do vírus das noites sem fim, pois não deixas de recordar que Tu Mesmo nos colocaste como sentinelas da aurora.

José Tolentino Mendonça

1

Introdução

Dezembro de 2019 foi singular na história recente. Notícias de Wuhan, capital da província chinesa de Hubei, revelavam ao mundo o surgimento de um novo vírus altamente letal, cujos sintomas iniciais se assemelhavam aos de uma gripe comum, mas que em poucos dias, em um número significativo de pacientes, evoluíam para um quadro clínico complexo e, muitas vezes, irreversível. Não demoraria até que o coronavírus, denominado COVID-19, se espalhasse pelo planeta, deixando vítimas por toda parte.

O que inicialmente fora tratado como uma “Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional” (ESPII) ganhou novo status em 11 de março de 2020. A Organização Mundial da Saúde (OMS) avaliou que a COVID-19 já podia ser caracterizada como uma pandemia, o que, tratando-se de uma doença causada por um coronavírus, era algo inédito. O que até então era conhecido do grande público apenas por meio da indústria cinematográfica passaria agora a ser vivenciado como uma experiência real e indesejável.

A declaração de que o mundo atravessava uma pandemia, bem como as respectivas implicações decorrentes desse cenário, impunha à sociedade global um “novo normal”. O vestuário ganharia novos acessórios, empresas elaborariam outras estratégias de produção, atletas aprenderiam formas diferentes de competir e até as religiões repensariam suas liturgias. A população precisava se adaptar à nova realidade e discutir um jeito eficiente de preservar a própria vida e seguir em frente.

Nesse meio estava a Igreja. Os cristãos do século XXI nunca tinham lidado com algo parecido. Epidemias locais, tragédias humanitárias, crises políticas são, até certo ponto, corriqueiras.¹ Mas, uma pandemia, havia pelo menos um século que os crentes não enfrentavam algo de tamanha dimensão. Como celebrar as liturgias e sacramentos? O que responder aos irmãos enlutados? De que maneira cumprir a grande comissão de evangelizar o mundo? Onde assistir aos fiéis enfraquecidos e

¹ Sobretudo, no que tange à saúde pública, objeto desta pesquisa, pode-se destacar algumas crises sanitárias de ampla repercussão nos últimos vinte anos, como: o vírus Ebola, no oeste africano; a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), no sul da China; a Gripe Aviária, em Hong Kong; e a Gripe A, também considerada pandêmica. Recuando o recorte até a segunda metade do século XX, destacam-se ainda: a epidemia de AIDS (desde 1981), a Gripe de Hong Kong (1968-1970) e a Gripe Asiática (1957-1958). Nenhuma dessas crises, porém, alcançou a amplitude da pandemia de COVID-19.

desanimados? Estas e muitas outras questões povoavam a mente de clérigos, ministros, sacerdotes, padres, pastores, leigos e cristãos em geral.

Contudo, o que para os crentes hodiernos pode parecer uma novidade, a História revela tratar-se de um cenário já conhecido pela Igreja. Outras pandemias assolaram a humanidade, cada qual provocando em suas respectivas épocas as mesmas indagações da população cristã que comunga a fé sob o terror da COVID-19. Resgatar esse testemunho histórico pode elucidar a Igreja que atravessa dias tão sombrios, endossando práticas eficientes no combate à crise sanitária, bem como desmitificando ideias e comportamentos que só contribuem para a disseminação do mal.

Aliás, as próprias Escrituras contêm diversos relatos de epidemias.² Entre as dez pragas lançadas sobre o Egito, houve ao menos duas epidemias, uma sobre animais e outra sobre seres humanos (Ex 9,1-12); no deserto, mais de catorze mil e setecentos israelitas morreram com uma praga após se rebelarem contra Moisés e Arão (Nm 16,46-50); outros vinte e quatro mil foram atingidos por uma praga após novo episódio envolvendo idolatria e prostituição (Nm 25,9); nos dias de Davi, setenta mil foram vítimas de uma peste após o censo promovido pelo rei (2Sm 24,15). Há quem sugira, inclusive, que foi uma forma de peste bubônica que atingiu os filisteus na ocasião em que tomaram a arca da aliança (1Sm 5-6)³, afora as diversas menções a pestilências nos textos proféticos.⁴

Esta pesquisa destaca as três maiores pandemias da Era Cristã: a Peste Justiniana, a Peste Negra e a Gripe Espanhola. As duas primeiras se referem à mesma doença causada por uma bactéria, enquanto a última tem um vírus como responsável. Ambas, porém, foram altamente letais, deixando um rastro de mortalidade e assolação inesquecíveis.

A primeira pandemia sob análise será a Peste Justiniana, praga responsável por milhões de mortes em meados do século VI. Será exposto o contexto geográfico e social do Império Romano que favorecia a disseminação de doenças, bem como os principais dados históricos da peste, sua origem, sintomas e desdobramentos.

² Em alusão às pestilências, os principais vocábulos hebraicos usados pelos autores bíblicos foram: *neḡa*’, *maggēpā*, *neḡēp*, *makkā* e *deḥer*. Em comum entre esses substantivos é o fato de ambos, à exceção de *deḥer*, carregarem a ideia de golpe, ferida (STRONG, J., *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego* de Strong). O pensamento comum no mundo pagão era de que deuses ou demônios afligiam as pessoas com doenças golpeando-as (KLEINIG, J. W., *Leviticus*, p. 274).

³ HUGHES, R. B.; LANEY, J. C., *Tyndale concise Bible commentary*, p. 117.

⁴ Exemplos: Jr 21,6-7; Hab 3,5; Ez 14,19.

Aborda-se também nesse capítulo as ações eclesiais no combate à praga, a teologia que permeava o imaginário cristão na época e a forma como a crise sanitária de então impactou na gradativa perda da hegemonia cristã para o Islam nas regiões norte-africanas e médio-orientais.

Na sequência, estuda-se o período turbulento da Baixa Idade Média, no qual se desenrolou a Peste Negra. Novamente, é dada atenção ao contexto geográfico e social que, àquela altura, ainda contribuía para a propagação de pestilências na Europa, Ásia e África. A pesquisa revela ainda o conturbado pano de fundo eclesiástico, desde o Cativo de Avignon, no século XIV, até as reformas do século XVI, mostrando também como os cristãos tentaram afastar a moléstia aplacando a ira divina com suas penitências, e quais grupos foram acusados de serem os responsáveis pela praga.

Por fim, a pesquisa avança até o século XX, recordando a maior pandemia da história: a Gripe Espanhola. Os anos de 1918 e 1919 são colocados em destaque sem esquecer o contexto construído pelos anos precedentes, enquanto deflagrava-se a Primeira Guerra Mundial. O estudo acompanha as três principais ondas de contaminação e disserta sobre a alta mortalidade provocada pela moléstia. Observa-se também como a Igreja reagiu e que diferentes interpretações e expectativas foram cultivadas nos diversos segmentos cristãos.

Os intervalos entre cada moléstia – oito séculos da primeira para a segunda, e seis séculos da segunda para a terceira – favorecem uma visão mais espaçada, permitindo que se observe a evolução das reações da Igreja à cada pandemia. Será possível perceber, por exemplo, se os cristãos amadureceram suas respostas às crises, se aspectos litúrgicos foram adaptados e ainda se interpretações escatológicas sofreram alguma alteração.

Importante antecipar que vários aspectos socioeconômicos, ambientais e ecológicos favorecem o surgimento de pandemias. Destacam-se: a adaptação dos micro-organismos, a suscetibilidade para a infecção, o estresse ambiental provocado pela expansão agrícola, as alterações climáticas, a globalização do mercado de produtos alimentares e industrial, o aumento populacional e as viagens internacionais.⁵ Cada contexto, porém, apresenta suas peculiaridades que esta pesquisa pretende, quando necessário, chamar à atenção.

⁵ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 97.

Ainda que se admita certa distinção entre “epidemia” e “pandemia” – a primeira geralmente empregada quando uma doença excede o número previsto de casos em uma coletividade ou região, e a segunda quando extrapola as fronteiras de um território, propagando-se por outros países e continentes⁶ –, não se pretende ser tão rígido no uso desses vocábulos nesta pesquisa, sendo eventualmente tratados como sinônimos.

Conforme se perceberá ao longo do texto, vasta bibliografia foi consultada para melhor embasamento das informações, desde obras de História e Teologia até aquelas vinculadas às Ciências Biológicas. Há que se reconhecer, no entanto, que a Peste Negra e a Gripe Espanhola foram mais bem documentadas. A Peste Justini-ana, nesse quesito, justamente por ser a mais antiga, exige um aproveitamento mais exaustivo das poucas obras que sobreviveram produzidas por testemunhas oculares, diferentemente das pandemias posteriores, nas quais é possível trabalhar com maior variedade de escritores.

⁶ SOUZA, C. M. C., Da gripe espanhola à COVID-19, p. 69-70.

2

Peste Justiniana

Naqueles dias não parecia ser fácil ver ninguém nos lugares públicos, pelo menos de Bizâncio, mas todos que estavam sãos permaneciam em suas casas, cuidando dos enfermos e chorando os mortos. E se fosse encontrado alguém caminhando é porque carregava um cadáver.

Procópio de Cesareia

2.1

A Peste

Das três pandemias objetos desta pesquisa, a Peste Justiniana é, sem dúvida, a menos famosa. No entanto, o lúgubre retrato supracitado, atribuído a Procópio de Cesareia, revela um pouco da gravidade da praga que será analisada nas próximas páginas. Essa descrição dos piores dias da pestilência em Bizâncio – a qual, diga-se, bem poderia se aplicar a muitas outras cidades atingidas – ressalta algumas características do cenário pandêmico a serem aprofundadas aqui, como a preocupação com as formas de contágio e a alta taxa de mortalidade.

A despeito de a maior incidência da Peste Justiniana ter ocorrido nos dias do imperador bizantino que lhe empresta o nome, precisamente entre os anos de 541 a 544 d.C., este capítulo cobre outros surtos de peste bubônica até o século VIII. Lança-se mão, portanto, de historiadores medievais orientais e ocidentais, às vezes, inclusive, descrevendo épocas e regiões distintas, com o fim de expor as diferentes percepções e reações à doença. Antes, porém, que se chegue ao cenário pandêmico do sexto século, convém apresentar o contexto que o precede, a saber, os dias em que o antigo império europeu ainda era sediado em Roma.

2.1.1

Todos os caminhos levam pestes a Roma

A locomoção humana sempre foi um elemento determinante para o transporte de micro-organismos de uma região para outra, fato que em toda a história contribuiu na propagação de pestilências. Pessoas enfermas ou que estão incubando germes em seu organismo levam a doença para outros locais e contaminam seus

moradores, os quais, quando fazem o mesmo movimento migratório, levam as enfermidades adiante.⁷

Foi assim durante o apogeu do Império Romano. Dentre as mais importantes contribuições romanas para os territórios conquistados e adicionados ao Império, destaca-se o amplo sistema viário, objeto de alto investimento do governo. Em suma, Roma encurtou as distâncias entre a Europa, a Ásia e a África. Desde a famosa Via Ápia (lat. *Via Appia*), construída em 312 d.C., passando pela igualmente insigne Via Egnácia⁸ (lat. *Via Egnatia*), estima-se que os romanos construíram mais de 400.000 km de estradas, incluindo cerca de 80.500 km de vias pavimentadas permanentes, cuja maior parte ainda existe.⁹

Conforme descreve A. C. DeBarros, o sistema viário romano “era composto por estradas dispostas de modo estratégico, cruzando vales e montes, e atingindo não apenas as regiões mais distantes do Império, como também as fronteiras das nações não dominadas por Roma”.¹⁰ Sobre a qualidade dessas estradas, T. R. Reid detalha:

E não eram apenas caminhos que acompanhavam o curso dos rios: as estradas romanas eram meticulosamente construídas. Sob o calçamento havia nada menos que três níveis estruturais. O centro da pista erguia-se em um ângulo específico, permitindo o escoamento da água das chuvas; nos trechos mais íngremes, o pavimento apresentava ranhuras a fim de facilitar a passagem de animais e homens; a cada milha romana (cerca de 1.500m) havia placas, numeradas sequencialmente, com diversas informações como a distância até o vilarejo mais próximo e o nome do batalhão de engenharia que havia trabalhado naquele trecho. Com trocas regulares de montaria, os mensageiros conseguiam percorrer sem problemas cerca de 300 km por dia — velocidade bem maior que a que é possível hoje em muitas regiões do antigo império.¹¹

Além das vias terrestres, as rotas marítimas também merecem menção. DeBarros comenta que as viagens pelo mar eram seguras e rápidas, já que algumas décadas antes de Cristo a paz e a tranquilidade de navegação no Mar Mediterrâneo foram garantidas pelas incursões das frotas romanas comandadas por Pompeu, as

⁷ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 36.

⁸ As costas leste e oeste da Macedônia eram ligadas por esta estrada. Ao passar pelas cidades de Filipos e Tessalônica, por ocasião de suas viagens missionárias, é provável que o Apóstolo Paulo tenha usado a Via Egnácia (KELHOFFER, J. A., *Egnatian Way*, p. 375-376).

⁹ GABRIEL, R. A., *The Great Armies of Antiquity*, p. 9.

¹⁰ DEBARROS, A. C., *Doze homens, uma missão*, p. 39.

¹¹ REID, T. R., *The power and the glory of the Roman Empire*, p. 13.

quais reduziram bastante os perigosos ataques piratas na região.¹² Nesse período, navios podiam cruzar o Mediterrâneo de Gibraltar até Roma em sete dias, e dali até Alexandria em dezoito.¹³

Se por um lado, a ampliação do sistema viário, sobretudo pavimentado, potencializou a capacidade de deslocamento das legiões romanas¹⁴, por outro, facilitou a propagação de epidemias por todo o Império. Sobre isso, Stefan C. Ujvari comenta:

Esse vasto e eficiente sistema de transporte desenvolvido pelo Império Romano, com a diminuição das distâncias, criou condições para que germes de outros continentes, Ásia e África, chegassem à Europa. E criou condições para as epidemias percorrerem áreas extensas — as primeiras pandemias da História. O agente infeccioso era introduzido em determinada localidade do Império e, pelas estradas romanas, levado a regiões contínuas por caminhos percorridos pelas pessoas infectadas, como legionários, comerciantes e viajantes. O trajeto seguido pelas epidemias era concordante com os percursos de locomoção humana. E, como todos os caminhos levavam a Roma, a cidade foi o alvo das epidemias.¹⁵

O poderoso exército romano era incapaz de proteger sua capital dos micro-organismos. O intenso afluxo populacional, somado às condições de acomodação e higiene, fazia com que Roma apresentasse condições propícias à hospedagem de agentes infecciosos oriundos das mais diversas regiões do Mediterrâneo.¹⁶ Exemplo dessas más condições de acomodação eram as *ínsulas* (lat. *insulae*), “apartamentos de vários andares, muitas vezes mal construídos e destinados a abrigar as camadas mais baixas da sociedade romana”.¹⁷ Esses cubículos aglomeravam famílias pobres umas por cima das outras, literalmente, formando um cenário ideal para agentes infecciosos se disseminarem.

Assim, antes mesmo da peste que assolou Constantinopla nos dias de Justiniano, outras epidemias, embora inferiores quanto às taxas de contaminação e mortalidade, trouxeram também muitas perdas à antiga capital imperial, Roma.¹⁸

¹² DEBARROS, A. C., Doze homens, uma missão, p. 40.

¹³ DEIROS, P. A., Historia del Cristianismo, p. 38.

¹⁴ GABRIEL, R. A., The Great Armies of Antiquity, p. 10.

¹⁵ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 37.

¹⁶ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 37.

¹⁷ HUBBARD, M. V., Christianity in the Greco-Roman World, p. 274.

¹⁸ A relação de pestilências exposta nesse parágrafo se restringe à fase imperial da civilização romana (27 a.C. – 476 d.C.). Se ampliado o recorte até o período monárquico (753 – 509 a.C.) e republicano (509 – 27 d.C.), diversas outras epidemias poderiam ser mencionadas, muitas das quais estão documentadas na obra *Ab Urbe condita*, de Tito Lívio (59 a.C. – 17 d.C.). Entre as trinta e cinco obras sobreviventes de seu acervo (havia cento e quarenta e duas, originalmente), o historiador

Destacam-se: a epidemia, possivelmente de malária ou antraz, proveniente do Egito, que chegou à Itália em 79 d.C.; a Peste de Osório, talvez sarampo, que atingiu Roma em 125 d.C.; a Peste dos Antônios, que se alastrou pela Ásia Menor, Grécia e Egito, até chegar a Roma em 166 d.C.; e a Peste de Cipriano, que fez as primeiras vítimas na Etiópia, em 250 d.C., até causar mortandade e devastação também em Cartago, Alexandria e Roma¹⁹, a qual, nas palavras de Gibbon, “devastou sem interrupção cada província, cada cidade e quase cada família do império romano”.²⁰

Indubitavelmente, portanto, a incidência de epidemias também contribuiu para o enfraquecimento e consequente declínio do antigo império europeu. As ofensivas bárbaras pressionaram uma instituição já desgastada por corrupção, crise econômica, conflitos religiosos, guerras civis e pelas próprias mudanças no modo romano de manter a paz, estas expostas por Montesquieu em seu clássico “Considerações sobre as Causas da Grandeza e Decadência dos Romanos”.²¹ Contudo, as recorrentes pestilências que devastaram o Império não podem ser ignoradas, sobre as quais comenta Ujvari:

Diversos fatores contribuíram para a crise do Império Romano, entre os quais a escassez de escravos, uma vez que o sistema econômico se baseava no escravismo e na agricultura latifundiária. Outro fator foi o número crescente de invasões dos povos bárbaros no século IV, que se estendeu até o século seguinte com as invasões finais, assinalando o término do Império do Ocidente. Contudo, as epidemias foram coadjuvantes no declínio desse império. Tais catástrofes infecciosas causaram, em parte, a diminuição populacional em toda a Europa entre os séculos III e VIII — estima-se de setenta milhões para trinta milhões de habitantes.²²

As pestilências infligiram aos romanos mortandades muito mais numerosas que as próprias guerras. Estima-se que o maior prejuízo em combate sofrido pelos romanos tenha sido na Batalha de Adrianópolis (378 d.C.), quando o exército imperial perdeu cerca de vinte mil soldados nas mãos dos godos. Esta soma é bastante inferior à taxa de mortalidade da menor das epidemias supracitadas, a Peste dos

romano registrou pelo menos 31 episódios epidêmicos: um no século VII a.C.; dois no século V a.C.; dez no século IV a.C.; seis no século III a.C.; e seis no século II a.C. (RUIZ-MOIRET, D., *Tite-Live Et Les Maladies Pestilentielle*, p. 6).

¹⁹ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 37-39.

²⁰ GIBBON, E., *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, p. 341.

²¹ SECONDAT, C-L., *Consideraciones sobre las causas de la grandeza y decadencia de los romanos*, p. 281-294.

²² UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 39.

Antônios, que pode ter vitimado sete milhões de pessoas, aproximadamente. Nas palavras de Harper, “os germes foram mais mortais que os germânicos”.²³

2.1.2

Nova capital, velhos problemas

O século IV da Era Cristã testemunhou a paulatina transferência da centralização política e comercial de Roma para Constantinopla, nome dado à antiga Bizâncio, após a reconstrução da cidade promovida por Constantino, em 330 d.C. A nova capital oriental “devia servir como uma nova Roma, a partir da qual o imperador podia inspecionar as mais vulneráveis fronteiras do Império, que se estendiam ao longo do Danúbio e do Eufrates”.²⁴

Tal mudança foi fomentada pela crise que afetava a antiga capital romana. Já no século III d.C., o Império dava sinais de sua derradeira decadência, conforme descreve Gibbon:

Dos grandes jogos seculares celebrados por Filipe até a morte do imperador Galieno decorreram (248-268 d.C.) vinte anos de opróbrio e infortúnio. Durante esse período calamitoso, cada instante de tempo foi marcado, cada província do mundo romano foi afligida por invasores bárbaros e tiranos militares; o império arruinado parecia próximo do momento derradeiro e fatal de sua extinção.²⁵

Grant também avalia este mesmo período, de maneira a encontrar no século III d.C. os sinais de um colapso iminente do Império. Assim o autor britânico introduz sua obra “O Colapso e Recuperação do Império Romano” (*The Collapse and Recovery of the Roman Empire*):

O interessante desse período é que o império romano [...] mostrava todos os sinais de colapso. Mas não entrou em colapso - continuou, no Oeste, por mais duzentos anos, e no Leste por muito, muito mais tempo. [...] No entanto, tentei não perder de vista a principal característica da época, [...] que o império romano parecia maduro para a desintegração completa, mas isso não ocorreu.²⁶

Na tentativa de salvaguardar a hegemonia romana e preservar a unidade do Império, Constantinopla passa a sediar o governo a partir de 330 d.C., até ser, por

²³ HARPER, K., *The Fate of Rome*, p. 18.

²⁴ ANGOLD, M., *Bizâncio*, p. 17.

²⁵ GIBBON, E., *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, p. 289.

²⁶ GRANT, M., *The Collapse and Recovery of the Roman Empire*, p. 17.

Teodósio, reconhecida como capital oriental, em 395 d.C., por ocasião da divisão do Império.²⁷ O Império Romano do Oriente, como se tornaria conhecido desde então, tem em sua nova capital, Constantinopla, a imagem de poder e glória antes ostentada por Roma.

Constantinopla recebeu muito investimento, sendo vista como “a cidade guardada por Deus, a Nova Jerusalém”.²⁸ Angold a descreve como sendo “cortada por duas avenidas principais”, tendo ainda uma grande praça em cujos arredores estavam “todas as principais instituições do império”.²⁹ Sua arquitetura possuía um estilo composto por elementos greco-romanos e orientais.³⁰

Se por um lado a elevação ao status de capital oriental trouxe a Constantinopla progresso e investimento, a nova condição política e comercial da cidade lhe atraiu alguns dos mesmos incômodos que atormentavam Roma, dentre os quais a incidência de epidemias. Sobre isso, declara Ujvari:

Naquele período, Constantinopla desenvolvia-se e crescia, com novos edifícios, templos e as igrejas de Santa Irene e Santa Sofia. O comércio pelas embarcações mediterrâneas agora convergia para essa cidade. Do Egito chegavam embarcações carregadas de trigo, seda e especiarias; estas, porém, provenientes do comércio realizado no mar Vermelho pelos navios procedentes da Índia, berço de várias epidemias. Essa rota comercial desconhecida dos romanos provavelmente transportou ratos infectados da costa indiana. Seguindo pelo mar Vermelho, esses animais atingiram o litoral africano por vias comerciais terrestres até chegarem ao Egito.³¹

2.1.3 Justiniano: ambição e frustração

Após sucederem-se no trono imperial as dinastias constantiniana (306 – 363 d.C.), valentiniana (364 – 392 d.C.), teodosiana (379 – 457 d.C.) e leonina (457 – 518 d.C.), Flavius Peterus Sabbatius, posteriormente conhecido como Justiniano, o Grande, ingressa no cenário político, primeiramente subornando as “facções do

²⁷ TAYLOR, M. D., The complete book of Bible basics, p. 266.

²⁸ ANGOLD, M., Bizâncio, p. 18.

²⁹ ANGOLD, M., Bizâncio, p. 18-19.

³⁰ GIETMANN, G., Byzantine Architecture, p. 94.

³¹ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 39.

circo”³² para aclamar seu tio, Justino, imperador em 518 d.C.³³ Justino, que não tinha filhos, acabou adotando seu sobrinho, o qual herdou sua coroa em 527 d.C.³⁴

Justiniano, que já tinha atuado como administrador no governo de seu tio, tinha a pretensão de, “com a ajuda de Deus, conceder ao mundo o que os imperadores anteriores não tinham conseguido fazer”.³⁵ Sua principal ambição era, em resumo, resgatar a glória do Império Romano, marcando-a agora com traços cristãos. Angold assim o descreve:

O imperador não tinha intenção de restaurar um Império do Ocidente com capital em Roma ou em Ravena. Talvez tenha apresentado sua política em termos de uma restauração, ou *renovatio*, do Império Romano [...]. O senso de romanidade de Justiniano era produto de uma nova Roma, que talvez fosse em termos superficiais e esquemáticos modelada na antiga, mas de caráter inteiramente diferente. Formava-se uma ideologia de natureza cristã, não uma nostalgia do acordo augustano. Os projetos de construção de Justiniano deixam isso claro. Visavam, em primeiro lugar, a transformar Constantinopla numa capital convenientemente cristã, condizente com a nova ordem.³⁶

Sem dúvida, o maior legado deixado por Justiniano I foi no âmbito legislativo. Publicado em 529 d.C., o Código de Justiniano foi uma revisão e ampliação do Código de Teodósio, compilado no século anterior. Suplementado por outras constituições, formou o *Corpus Juris Civilis*, declaração oficial e ordenada do direito romano, e gradualmente aceita, com certas variações locais, em toda a Europa Ocidental.³⁷

As ambições de Justiniano pareciam bem encaminhadas. Seu governo era próspero, e sua mão de obra, ampla. Havia relativa calma nas relações com seu principal rival oriental, a Pérsia, e seus demais inimigos eram relativamente fracos,

³² Os circos, também chamados de hipódromos, eram recintos para corridas de bigas, patrocinadas por funcionários públicos e cidadãos ricos. Os jogos ali realizados passaram a servir a interesses políticos, sendo ocasiões oportunas para que o imperador ganhasse prestígio atendendo às demandas da população. As equipes profissionais eram identificadas por sua cor (vermelho, branco e os principais, azul e verde), tornando-se o foco das facções políticas (FERGUSON, E., *Backgrounds of Early Christianity*, p. 103-104). Os hipódromos passaram a sediar as cerimônias de aclamação dos novos imperadores a partir do século V, e fizeram parte da vida pública bizantina até 1204 (ANGOLD, M., *Bizâncio*, p. 30).

³³ ANGOLD, M., *Bizâncio*, p. 31.

³⁴ WEBBER, R. E., *Justinian I*, p. 391.

³⁵ GALLI, M.; OLSEN, T., *Justinian I and Theodora I*, p. 312.

³⁶ ANGOLD, M., *Bizâncio*, p. 32.

³⁷ CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A., *Code of Justinian*, p. 921.

dispersos e desunidos. Além disso, sua campanha de retomada do Egito e da Itália lhe trazia boas expectativas.³⁸

Contudo, foi durante o governo de Justiniano I (527 – 565 d.C.) que o Império Bizantino enfrentou uma de suas mais graves crises sanitárias. Em 541 d.C., uma terrível pandemia se alastrou por todas as províncias orientais, e “paralisou o governo e a sociedade por pelo menos três anos”.³⁹ O próprio Justiniano foi acometido da doença, mas se recuperou, sorte que outras centenas de milhares de pessoas não tiveram. Aliás, sua contaminação pela praga se refletiu na cunhagem de moedas do 15º ano de seu governo (542 d.C.), quando a imagem do imperador passou a ser retratada com certa deformidade no rosto, algumas vezes coberta por uma máscara, possivelmente aludindo ao tempo em que estava acometido pelos bubões.⁴⁰

Justamente porque o primeiro surto da doença ocorreu nos dias do dito imperador, a epidemia se tornou conhecida como “Peste Justiniana”. Nas palavras de Sandgren, “a praga parece ter drenado Justiniano de sua energia, bem como de sua grandiosa ambição”.⁴¹ O monarca e sua esposa, Teodora, dezessete anos mais jovem, sobreviveram à peste, mas ela, ainda em 548 d.C., com apenas quarenta e oito anos de idade, faleceu vítima de câncer e sem deixar filhos⁴², fato que deixou o imperador ainda mais debilitado emocionalmente, levando muitos anos para se recuperar da perda.⁴³

A pandemia parece ter afetado, inclusive, a supracitada reforma jurídica promovida por Justiniano. Sarris observa que até 541 d.C., ano em que a praga começou a se espalhar, o imperador emitiu cerca de quinhentas e trinta leis, número bastante superior ao período de 546 d.C., quando a praga já havia totalmente se instalado, até a morte de Justiniano, em 565 d.C., ínterim no qual apenas dezenove leis foram emitidas. Entretanto, no intervalo de 542 a 545 d.C., uma enxurrada de legislações foi promulgada, boa parte das quais preparava a população para os surtos epidêmicos.⁴⁴

Entre as regulamentações criadas nesse curto período de quatro anos, destacam-se as leis que tentavam amparar o setor bancário, importante nas operações

³⁸ RUSSELL, J. C., *That Earlier Plague*, p. 181.

³⁹ ANGOLD, M., *Bizâncio*, p. 35.

⁴⁰ POTTIER, H., *L'empereur Justinien survivant à la peste bubonique*, p. 685-687.

⁴¹ SANDGREN, L. D., *Vines Intertwined*, p. 618.

⁴² TUCKER, R. A., *Parade of Faith*, p. 128.

⁴³ ANGOLD, M., *Bizâncio*, p. 35.

⁴⁴ SARRIS, P., *New Approaches to the 'Plague of Justinian'*, p. 330.

fiscais do Estado.⁴⁵ Outras leis visavam garantir a ordem e a justiça numa sociedade surpreendida com tantas mortes, como a *novella* 118, que regulamenta a distribuição de herança das pessoas que morriam sem testamento.⁴⁶ Outra preocupação era a inflação, já que comerciantes, artesãos e agricultores estavam se aproveitando da crise sanitária para aumentarem os preços em 100% ou até 200%, prática condenada na *novella* 122.⁴⁷

2.1.4 De Pelúcio para o mundo

A principal dificuldade na pesquisa sobre a Peste Justiniana é a escassez documental. Muito do que se sabe sobre o percurso e a própria natureza da praga depende de textos, sobretudo de gênero narrativo, que sobreviveram nos séculos seguintes. Os avanços no campo da Epidemiologia já próximo ao término do milênio passado, somados ao aperfeiçoamento das técnicas de pesquisa da Arqueologia, Microbiologia, Genética e afins, até trouxeram mais luzes aos estudos das pestilências medievais, incluindo a pandemia do século VI.⁴⁸ Contudo, alguns dados permanecem imprecisos.

As principais fontes literárias sobreviventes advêm dos séculos VI, VII e VIII, as quais foram preservadas em variados idiomas, como grego, latim, siríaco, árabe e irlandês antigo. Os materiais foram produzidos por escritores oriundos de diferentes meios religiosos, políticos e geográficos.⁴⁹

Procópio de Cesareia (500 – 565 d.C.), por exemplo, testemunha ocular da Peste Justiniana, legou às gerações futuras seu relato sobre a praga. No segundo volume de sua “História das Guerras”, o historiador bizantino assim descreve sua impressão da pandemia:

Por esse tempo, eclodiu uma epidemia de peste que esteve a ponto de acabar com toda a raça humana. E a verdade é que, para qualquer outra calamidade das que o céu ordena, até poderia talvez arriscar, quem ousar, uma explicação de sua causa, como costumam fazer aqueles que têm a capacidade de fantasiar razões absolutamente incompreensíveis para os demais mortais, e fantasiar teorias bizarras sobre os fenômenos naturais; e embora saibam que o que dizem é uma insensatez,

⁴⁵ SARRIS, P., New Approaches to the ‘Plague of Justinian’, p. 331.

⁴⁶ MILLER, D. J. D.; SARRIS, P. (Orgs.), The Novels of Justinian, p. 767-773.

⁴⁷ MILLER, D. J. D.; SARRIS, P. (Orgs.), The Novels of Justinian, p. 799-800.

⁴⁸ FREITAS, E. C., A Peste na Gália do Século VI, p. 129.

⁴⁹ SARRIS, P., New Approaches to the ‘Plague of Justinian’, p. 324.

consideram-se satisfeitos em enganar com suas mentiras e convencer o primeiro que encontram em seu caminho. Para este desastre, no entanto, não há maneira de expressar com palavras um motivo, nem o conceber mentalmente, salvo que nos remontemos à vontade de Deus. Pois não afetou uma parte específica da terra ou a um certo tipo de homens, nem foi reduzido a uma determinada estação do ano, a partir da qual alguma conjectura sobre suas causas poderia ser determinada, mas se espalhou por toda a terra, atraindo qualquer vida humana, por mais diferentes que alguns homens fossem de outros, sem poupar naturezas ou idades.⁵⁰

Outro historiador bizantino, contemporâneo de Procópio, foi Evágrio Escolástico (536 – 590 d.C.). Seu relato da peste, marcado por seu próprio drama pessoal de ter perdido esposa, filhos e parentes para a doença⁵¹, também revela a natureza misteriosa da praga que assolou o mundo de sua época.

Não começou de acordo com qualquer período fixo, nem foi o tempo de sua cessação uniforme; mas, apoderou-se de alguns lugares no início do inverno, outros no decorrer da primavera, outros durante o verão e, em alguns casos, quando o outono estava avançado. Em alguns casos, tendo infectado uma parte de uma cidade, deixava o restante intocado; e, frequentemente, em uma cidade não infectada pode-se observar alguns lares excessivamente desperdiçados; e em vários lugares, enquanto uma ou duas famílias pereceram totalmente, o resto da cidade permaneceu sem ser visitado: mas, como aprendemos por observação cuidadosa, somente as famílias não infectadas sofreram no ano seguinte. Mas, a circunstância mais singular de todas foi esta; que se acontecesse que algum habitante de uma cidade infectada morasse em um lugar que a calamidade não havia visitado, somente estes seriam acometidos pela desordem.⁵²

Um terceiro historiador do século VI d.C., testemunha ocular da Peste Justiniana, desta vez proveniente da costa Jônia, foi João de Éfeso (507 – 588 d.C.). Seu relato da praga, preservado nas Crônicas do Pseudo-Dionísio de Tel Mahre, reproduz a mesma dificuldade de Procópio e Evágrio para descrever a tormenta que assolava o mundo de então.

Somos incapazes de contar não apenas (sobre) aqueles (eventos) que ocorreram no Egito e Alexandria, mas (também) sobre aqueles muitas vezes tão numerosos (que) ocorreram (no) resto das cidades e regiões da Palestina, de todo o Norte e o Sul e o Leste até o Mar Vermelho. Ao mesmo tempo em que na região da capital essas coisas ainda eram conhecidas (apenas) por boatos, pois ainda eram remotas, e também antes da peste (chegar) à Palestina, estávamos lá. [...] Dia após dia, nós também, como todo mundo, batemos na porta do túmulo. Se era tarde, pensávamos que a morte viria sobre nós à noite, e novamente se amanhecia, nosso rosto estava voltado o dia inteiro para o túmulo.⁵³

⁵⁰ PROCÓPIO de Cesareia, Guerras II,22,1-4.

⁵¹ EVÁGRIO ESCOLÁSTICO IV,29.

⁵² EVÁGRIO ESCOLÁSTICO IV,29.

⁵³ PSEUDO-DIONYSIUS de Tel Mahre, Chronicle, p. 80.

Os historiadores supracitados não concordam sobre a origem da pandemia. Para Procópio, a peste teria começado entre os egípcios residentes em Pelúcio, de onde teria se propagado em duas direções: por um lado, para Alexandria e o resto do Egito, e por outro, para as fronteiras com a Palestina, de onde, então, se espelhara pelo mundo.⁵⁴ João de Éfeso, conforme citação acima, também sugere um percurso parecido.⁵⁵ Já Evágrio defende que a pestilência “originou-se da Etiópia [...] e fez um circuito pelo mundo inteiro em sucessão, não deixando [...] nenhuma parte da raça humana sem ser visitada pela doença”.⁵⁶

Entretanto, a origem da Peste Justiniana tem sido revisitada por pesquisadores contemporâneos. Sarris, por exemplo, à luz da evidência genética, sugere que a praga tenha primeiro chegado às Ilhas Britânicas, antes de ser detectada em Pelúcio. Em seu artigo intitulado *Novas Abordagens para a 'Praga de Justiniano'* (“*New Approaches to the 'Plague of Justinian'*”), publicado na edição de 2022 da revista *Past & Present*, o historiador britânico relata: “no momento em que escrevo, por exemplo, parece agora inteiramente concebível que a doença tenha sido introduzida na França⁵⁷ através das terras baixas da Grã-Bretanha”.⁵⁸

O fato é que, pelo menos por enquanto, Pelúcio permanece apontada pela maioria dos pesquisadores como o berço da Peste Justiniana. A moderna Tell Farama, situada a nordeste do delta do Nilo⁵⁹ – provavelmente, identificada no oráculo de Ezequiel contra o Egito como *Sîn* (Ez 30,15-16)⁶⁰ –, era, durante o Império Romano, uma importante estação na rota para o Mar Vermelho.⁶¹ Servia, principalmente, ao transporte de alimentos, óleos e tecidos.⁶²

Tsiamis, Poulakou-Rebelakou e Petridou argumentam, a partir de uma série de dados históricos, incluindo achados arqueológicos, que o porto de Clysma⁶³ teria

⁵⁴ PROCÓPIO de Cesareia, *Guerras* II,22,6.

⁵⁵ PSEUDO-DIONYSIUS de Tel Mahre, *Chronicle*, p. 80.

⁵⁶ EVÁGRIO ESCOLÁSTICO IV,29.

⁵⁷ Antigo Reino dos Francos existente na Idade Média.

⁵⁸ SARRIS, P., *New Approaches to the 'Plague of Justinian'*, p. 342.

⁵⁹ WEINSTEIN, J. M., *Pelusium*, p. 765.

⁶⁰ MELTZER, E. S., *Pelusium*, p. 222.

⁶¹ RUPPRECHT, A., *Pelusium*, p. 756.

⁶² TSIAMIS, C.; POULAKOU-REBELAKOU, E.; PETRIDOU, E., *The Red Sea and the port of Clysma*, p. 211.

⁶³ Moderna Suez (LONGMAN III, T.; ENNS, P.; STRAUSS, M., *King's Highway*, p. 1014)

funcionado como porta de entrada para a bactéria causadora da praga, de onde então teria alcançado Pelúcio e Alexandria.⁶⁴ Em resumo, argumentam:

A pandemia havia começado em Pelúcio, no Egito, mas, provavelmente, esse porto servia apenas como centro de distribuição da doença. [...] O acima sugere um vasto tráfego comercial no Mar Vermelho e a importância que Clysma adquiriu durante o século VI d.C. Por razões históricas, acredita-se que Clysma, provavelmente, tenha sido a porta de entrada de *Yersinia pestis* no Egito bizantino quando a epidemia eclodiu.⁶⁵

Os primeiros casos da doença em Pelúcio e Alexandria, e depois na Palestina, foram registrados entre agosto e setembro de 541 d.C.⁶⁶ No ano seguinte, a praga se espalhou por Constantinopla e Ilíria, além da costa africana do Mediterrâneo ocidental e a Espanha, chegando em 543 d.C. à Itália e à Gália⁶⁷ e, finalmente, à Irlanda em 544 d.C.⁶⁸ Ao Leste, a pandemia percorreu as estradas romanas deixando vítimas na Síria, na Pérsia⁶⁹ e nas Índias.⁷⁰ Conforme Ujvari, “a infecção espalhou-se por terra pelo interior dos continentes, porém sempre próximo ao litoral, poupando regiões mais centrais”.⁷¹

A peste ainda causaria outros surtos no próprio século VI a.C., mesmo após a morte do imperador Justiniano (565 d.C.). Na Gália, por exemplo, houve mais três ondas: 571 d.C., 582-584 d.C. e 588-591 d.C.⁷² Em seus dias, Evágrio Escolástico calcula que a pandemia já teria durado cinquenta e dois anos.⁷³

A verdade, porém, é que até o século VIII d.C. (e possivelmente mais tarde no Oriente Médio⁷⁴), outras incidências da mesma praga seriam registradas em diversas partes da Europa, Ásia e África. Biraben e Le Goff contabilizam nesse período pelo menos vinte surtos com duração de nove a treze anos.⁷⁵ E Delort conclui:

⁶⁴ TSAMIS, C.; POULAKOU-REBELAKOU, E.; PETRIDOU, E., The Red Sea and the port of Clysma, p. 215.

⁶⁵ TSAMIS, C.; POULAKOU-REBELAKOU, E.; PETRIDOU, E., The Red Sea and the port of Clysma, p. 216.

⁶⁶ KISLINGER, E.; STATHAKOPOULOS, D., Pest und Perserkriege Bei Prokop Chronologische Überlegungen Zum Geschehen 540-545, p. 87-88.

⁶⁷ FREITAS, E. C., A Peste na Gália do Século VI, p. 131.

⁶⁸ SARRIS, P., New Approaches to the ‘Plague of Justinian’, p. 318.

⁶⁹ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 40.

⁷⁰ GIBBON, E., The history of the decline and fall of the Roman Empire, p. 294.

⁷¹ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 40.

⁷² FREITAS, E. C., A Peste na Gália do Século VI, p. 138.

⁷³ EVÁGRIO ESCOLÁSTICO IV, 29.

⁷⁴ SARRIS, P., New Approaches to the ‘Plague of Justinian’, p. 319.

⁷⁵ BIRABEN, J.-N.; LE GOFF, J., La peste dans le Haut Moyen Âge, p. 1492-1493.

Resta que, com ou sem ratos, a peste devastou durante 200 anos as margens do Mediterrâneo, desorganizando a sua fiscalização, arruinando os esforços de Justiniano, acentuando a deflação demográfica que talvez tenha atraído os bárbaros do nordeste e permitido a expansão dos Árabes para o sul. Resumindo, entre numerosas causas, ela contribuiu para precipitar o fim do mundo antigo e quebrar a superioridade do eixo mediterrânico.⁷⁶

Logo, é difícil determinar a data exata em que a Peste Justiniana teria sido erradicada. No Oriente, a última menção de um surto epidêmico com expressa menção de bubões como sintomas ocorre entre os anos de 740 e 750 d.C., na Síria. Já no Ocidente, a praga ainda seria registrada até um pouco mais tarde, em 767 d.C., na Itália. Após essas ocorrências, não há documento em bom estado que ateste a última manifestação da peste na Alta Idade Média.⁷⁷

2.1.5 Uma complicação de doenças

Do que exatamente se tratava a peste? Novamente, o testemunho daqueles que viveram os anos mais sombrios do sexto século da Era Cristã é valioso para determinar as causas e sintomas da doença.

A primeira característica a chamar a atenção de Procópio de Cesareia era o aparentemente inofensivo e leve estado febril. O historiador bizantino observou que algumas vítimas não apresentavam os sintomas de uma febre comum, como, por exemplo, o aumento da temperatura corporal, fato que deixava pacientes e médicos inicialmente desacreditados em uma possível piora no estado de saúde. Contudo, poucas horas depois dos primeiros sintomas, a vítima era acometida por tumores nas virilhas, axilas, e alguns até nas orelhas.⁷⁸

Esses tumores relatados por Procópio, também chamados “bubões”, deram à pandemia do século VI d.C. a alcunha de “peste bubônica”. Inclusive, Gregório de Tours (538 – 594 d.C.), outra testemunha ocular daquela praga, comenta que as feridas tinham forma de mordeduras de serpentes e tornavam a vítima insensível.⁷⁹ Já Paulo Diácono (720 – 799 d.C.), comentando uma epidemia de peste que acometeu a província da Ligúria durante o governo de Narsete na Itália (553 – 564

⁷⁶ DELORT, R., Que a peste seja do rato, p. 116.

⁷⁷ BIRABEN, J.-N.; LE GOFF, J., La peste dans le Haut Moyen Âge, p. 1508.

⁷⁸ PROCÓPIO de Cesareia, Guerras II, 22, 15-17.

⁷⁹ GREGÓRIO de Tours, História dos Francos IV, 31.

d.C.), descreve esses tumores como “glândulas grandes como uma noz ou uma tâmara nas áreas inguinais e em outras partes delicadas do corpo”, ao que se “seguia uma forte febre que em três dias levava à morte”.⁸⁰

A evolução desses bubões acabava por determinar a possibilidade de recuperação do enfermo. Quando abertos, era possível enxergar uma substância negra, do tamanho de uma lentilha, cujo aspecto sinalizava que fim teria o paciente.⁸¹ Nas palavras de Ujvari, “se houvesse ruptura dessas tumorações com supuração, o paciente teria chance de cura; caso contrário, apresentaria piora clínica no quinto dia, com letargia, delírio, vômitos sanguinolentos e morte”.⁸²

Além dos sintomas comuns à maioria dos pacientes, febre e tumores, a praga causava outras reações bastante diversificadas, as quais variavam de indivíduo para indivíduo. Evágrio Escolástico descreveu a peste como uma “complicação de doenças” justamente por causa da variedade de sintomas que era capaz de apresentar: sangramento nos olhos, inchaços no rosto, delírios, erupção de carbúnculos, convulsões, entre outros.⁸³ Procópio de Cesareia ainda acrescenta que alguns pacientes entravam em coma profundo, sobrevivendo, nestes casos, somente se tivessem quem os alimentassem, enquanto outros eram atormentados por alucinações paranoides.⁸⁴

A maneira como a pestilência se espalhava era intrigante. Médicos, políticos, religiosos tentavam superar o conhecimento ainda rudimentar que detinham à época, para desvendar o caminho que a praga percorria entre uma vítima e outra. Ademais, os próprios remédios produziam efeitos contrários, fato que frequentemente frustrava os prognósticos de morte ou recuperação.⁸⁵ Evágrio narra a dificuldade que havia para justificar a letalidade bastante seletiva que a doença possuía.

As formas de transmissão da doença eram diversas e inexplicáveis: uns pereceram por simplesmente conviver com os infectados, outros apenas por tocá-los, outros por entrarem em seus aposentos, outros por frequentarem lugares públicos. Alguns, tendo fugido das cidades infectadas, escaparam de si mesmos, mas transmitiram a doença aos saudáveis. Alguns estavam totalmente livres de contágio, embora tivessem se associado a muitos que estavam aflitos, e tocaram muitos não apenas em suas doenças, mas também quando mortos. Alguns, também, que desejavam a morte, por

⁸⁰ DIACONO, P., *Storia Fatti De' Langobardi*, p. 67.

⁸¹ GIBBON, E., *The history of the decline and fall of the Roman Empire*, p. 294.

⁸² UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 40.

⁸³ EVÁGRIO ESCOLÁSTICO IV, 29.

⁸⁴ PROCÓPIO de Cesareia, *Guerras II*, 22, 19-20.

⁸⁵ GIBBON, E., *The history of the decline and fall of the Roman Empire*, p. 295.

causa da perda total de seus filhos e amigos, e com essa visão se colocavam o máximo possível em contato com os doentes, não foram infectados; como se a pestilência lutasse contra seu propósito.⁸⁶

Em razão da enigmática forma como a peste se propagava, algumas medidas básicas de prevenção, desconhecidas à época de Justiniano, não foram tomadas. Com base em casos isolados, certas pessoas estavam convencidas de que não havia risco de contaminação em interlocuções próximas, hipótese que estimulava as visitas e cuidados aos doentes por parte de amigos e parentes. Além disso, nenhuma restrição foi imposta ao comércio das províncias romanas. O contágio pelo ar, descoberto somente em tempos posteriores, levava, assim, a praga para regiões cada vez mais distantes.⁸⁷

Com o avanço da peste, percebeu-se que algumas vítimas eram mais vulneráveis. Para as mulheres grávidas, por exemplo, a praga era, geralmente, mortal, embora, via de regra, o sexo feminino se mostrasse menos suscetível que o masculino. Nos jovens, a doença costumava ser mais letal, e muitos dos que se recuperavam perdiam a fala.⁸⁸

2.1.6 O inimigo invisível

Com os recursos disponíveis no século VI d.C., era, de fato, impossível identificar o verdadeiro causador da praga. Somente no século XVII, quando o holandês Anton Van Leeuwenhoek (1632 – 1723) aperfeiçoou as lentes microscópicas, é que os micro-organismos passaram a ser percebidos pelo homem.⁸⁹ Com isso, um novo olhar pôde ser lançado sobre as doenças, inclusive aquelas que causaram epidemias em tempos remotos.

A causa microbiológica da praga ainda permaneceria desconhecida até 1894, quando Alexandre Emil Jean Yersin (1863 – 1943), bacteriologista suíço de família francesa, conseguiu isolar a bactéria responsável pela peste.⁹⁰ A princípio, ela foi

⁸⁶ EVÁGRIO ESCOLÁSTICO IV, 29.

⁸⁷ GIBBON, E., *The history of the decline and fall of the Roman Empire*, p. 296.

⁸⁸ GIBBON, E., *The history of the decline and fall of the Roman Empire*, p. 295.

⁸⁹ COPPEDGE, D. F., *Microscopic Magnificence*.

⁹⁰ Além de Alexandre Yersin, o bacteriologista japonês Shibasaburo Kitasato também está ligado à descoberta do bacilo da peste. No entanto, Yersin apresentou resultados mais concisos e corretos, enquanto a descrição de Kitasato continha erros. Além disso, apenas Yersin destacou a importância dos ratos na transmissão da doença (ECHENBERG, M., *Alexandre Yersin*, p. 798).

denominada *Bacterium pestis*, depois ficou conhecida como *Pasturella pestis*, até finalmente, já em 1967, em homenagem a seu descobridor, ser renomeada como *Yersinia pestis*.⁹¹

Que a bactéria descoberta por Alexandre Yersin esteja diretamente relacionada à pandemia do século VI d.C. tem sido comprovado por algumas evidências. Como exemplo, uma escavação arqueológica de um cemitério medieval na Alemanha recuperou dois esqueletos femininos – presumivelmente, mãe e filha sepultadas juntas –, datados da segunda metade daquele século. Em ambos, através da análise molecular de suas arcadas dentárias, foram detectadas sequências de DNA específicas de *Yersinia pestis*.⁹²

Sobre a bactéria que vitimou centenas de milhares de pessoas no século VI d.C., e que ainda voltaria a atormentar o mundo em pelo menos outras duas pandemias nos séculos XIV e XIX, Perry e Fetherston, então no departamento de Microbiologia, Imunologia e Genética Molecular da Universidade de Kentucky, explicam que:

O gênero *Yersinia*, membro da família *Enterobacteriaceae*, é composto por 11 espécies, das quais 3 são patógenos humanos (*Y. pestis*, *Y. pseudotuberculosis* e *Y. enterocolitica*⁹³). A espécie tipo, *Y. pestis*, é um cocobacilo gram-negativo, imóvel, não formador de esporos (0,5 a 0,8 mm de diâmetro e 1 a 3 mm de comprimento) que exibe coloração bipolar com coloração de Giemsa, Wright ou Wayson. O organismo cresce em temperaturas de 4 a 40°C (ideal de 28 a 30°C); o pH ideal para crescimento varia entre 7,2 a 7,6; entretanto, extremos de pH 5 a 9,6 são tolerados (32, 125, 214, 215). *Y. pestis* tem paredes celulares típicas e composições lipídicas de células inteiras e um antígeno enterobacteriano, em comum com outras bactérias entéricas.⁹⁴

Uma das formas como a bactéria causadora da peste contaminava o ser humano foi desvendada ainda no século XIX, por Paul-Louis Simond (1858 – 1947). O biólogo francês descobriu que a pulga, posteriormente identificada como *Xenopsylla Cheopis*, era o principal vetor da doença, sendo responsável pela

⁹¹ STEENSMA, D. P.; KYLE, R. A., Alexandre Yersin, p. E7.

⁹² WIECHMANN, I.; GRUPE, G., Detection of *Yersinia pestis* DNA in Two Early Medieval Skeletal Finds From Aschheim, p. 48-49.

⁹³ As demais espécies são inofensivas para os humanos. Elas vivem no solo ou na água, e não têm a capacidade de causar doenças em mamíferos (HARPER, K., The Fate of Rome, p. 207).

⁹⁴ PERRY, R. D.; FETHERSTON, J. D., *Yersinia pestis*, p. 37.

disseminação entre ratos e humanos.⁹⁵ Conforme Delort, “depois de ter picado um empestado, homem ou rato, a pulga inocula o bacilo nos indivíduos sãos”.⁹⁶

A descoberta de Simond colocou em evidência também o papel dos ratos na disseminação da praga, fazendo jus à famosa declaração de Bourdon de Sigrais: “os ratos fornecem, no gênero histórico, o mais belo tema do mundo; estão relacionados com tudo, tudo está relacionado a eles”.⁹⁷ Todavia, antes que sejam injustamente vilanizados como os maiores culpados pela Peste Justiniana, urge esclarecer que outros roedores também podiam transmiti-la, como o arganaz, o leirão, a marmota, o hamster, entre outros.⁹⁸ Ademais, Delort ainda argumenta:

Uma das provas de que a ratazana-preta não pode ser tida como responsável desta primeira peste é que os países do Ocidente onde ela de fato existia, como a Suíça, a Áustria e a Alemanha, foram precisamente os menos atingidos. Nenhum texto cita concentrações anormais de ratazanas mortas ou moribundas, melhor, nenhum achado arqueológico autoriza a crer que elas fossem suficientemente numerosas para constituírem o reservatório subterrâneo donde saía de dez em dez ou de doze em doze anos novo surto epidêmico.⁹⁹

De qualquer forma, a Peste Justiniana pode ser classificada como uma zoonose¹⁰⁰, transmitida, principalmente, pela picada de pulgas contaminadas, cuja apresentação clínica mais comum é a do tipo bubônica, mas que inclui outras formas sépticas sem bubão, peste pneumônica, meningite e faringite.¹⁰¹ Aliás, quando o acometimento era pulmonar, a praga podia ser transmitida até pela eliminação da bactéria na tosse dos doentes.¹⁰²

Sabe-se atualmente que a cepa de peste bubônica, da qual descenderiam as pestes Justiniana e Negra nos séculos VI e XIV d.C., respectivamente, surgiu muito tempo antes, na Idade do Bronze. Antes de causar a primeira pandemia, a doença emergiu na Ásia Central e, provavelmente, viajou com comerciantes e exércitos, além dos mantimentos e dos roedores pulgões que os acompanhavam, evoluindo à

⁹⁵ MOLLARET, H. H., La découverte par Paul-Louis Simond du rôle de la puce dans la transmission de la peste, p. 1947-1948.

⁹⁶ DELORT, R., Que a peste seja do rato, p. 111.

⁹⁷ BOURDON DE SIGRAIS, C-G., Histoire des rats pour servir à l'histoire universelle, p. 8.

⁹⁸ DELORT, R., Que a peste seja do rato, p. 115.

⁹⁹ DELORT, R., Que a peste seja do rato, p. 115-116.

¹⁰⁰ Refere-se a qualquer doença transmitida aos ser humanos por animais (SOANES, C.; STEVENSON, A., zoonosis /ˌzuːəˈnəʊsɪs, ˌzəʊə-/).

¹⁰¹ TSIAMIS, C.; POULAKOU-REBELAKOU, E.; PETRIDOU, E., The Red Sea and the port of Clysma, p. 209.

¹⁰² UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 40.

medida que passava por diferentes climas e hospedeiros, até apresentar as características genéticas que lhe deram condições de causar os surtos epidêmicos do sexto século em diante.¹⁰³

Narrando a história natural da bactéria *Yersinia pestis*, Harper sugere que alguns poucos arranjos genéticos não fizeram que a Peste Justiniana se propagasse antes do século VI d.C.

A peste pode ter batido às portas do império antes do reinado de Justiniano, mas a hora da pandemia ainda não estava próxima. Até o século VI, as circunstâncias não estavam alinhadas para o grande evento. Alguma combinação de fatores genéticos ou ecológicos impediu a explosão da pandemia. Vale a pena vasculhar a possibilidade de que uma pequena transformação genética tenha dado o impulso final. O DNA de *Y. pestis* das vítimas mais recentes da Idade do Bronze tinha todas as ferramentas genéticas necessárias. Mas um fator de virulência crucial, o *pla*, construído pelo plasmídeo pPCP1, ainda carecia de um pequeno ajuste que aumentasse seu potencial mortal. Algum tempo antes do surto Justiniano, houve uma única mutação no aminoácido 259 na proteína *pla*. Em testes de laboratório, essa pequena substituição transforma uma bactéria perigosa em uma bactéria selvagem. Essa mutação, ou outra semelhante, pode explicar a nova explosividade da bactéria. No século VI, *Y. pestis* era, em sua composição genética, o agente virulento que causaria as grandes pandemias.¹⁰⁴

De maneira ainda mais técnica e precisa, Perry e Fetherston explicam quais ribotipos do DNA da *Yersinia pestis* estão por trás das pandemias dos séculos VI, XIV e XIX:

A ribotipagem identificou 16 padrões que podem ser organizados nos três biótipos clássicos. Dois ribotipos (B e O) compreendem a maioria das cepas examinadas e podem ser responsáveis por todas as três pandemias de peste. Guiyoule *et al.* sugeriram que o antigo ribotipo O causou a primeira pandemia, enquanto a segunda pandemia foi causada por um mutante deste clone incapaz de reduzir o nitrato (*mediaevalis* ribotipo O). As localizações geográficas das cepas sugerem que o ribotipo B *orientalis* iniciou a terceira pandemia.¹⁰⁵

2.1.7 Impactos da peste

A maneira como a Peste Justiniana afetou o mundo, bem como os desdobramentos causados por seu intermédio nas esferas sociais, religiosas, políticas e científicas, tem suscitado debates desde o século passado. Posições conflitantes revelam

¹⁰³ SARRIS, P., New Approaches to the 'Plague of Justinian', p. 319.

¹⁰⁴ HARPER, K., The Fate of Rome, p. 216.

¹⁰⁵ PERRY, R. D.; FETHERSTON, J. D., *Yersinia pestis*, p. 37.

a tendência de alguns pesquisadores maximizarem os efeitos da pestilência, enquanto, por outro lado, há quem defenda uma visão cada vez mais reducionista acerca das diferenças no mundo entre antes e depois da praga.¹⁰⁶

Nos piores meses da pandemia, estima-se que de cinco a dez mil pessoas morriam diariamente em Constantinopla, além de muitas outras cidades esvaziarem e perderem suas colheitas.¹⁰⁷ A maior baixa relatada em um único dia contou dezesseis mil vítimas¹⁰⁸, e a soma total foi abandonada quando atingiu duzentos e trinta mil mortos.¹⁰⁹ Desde então, nenhum registro foi mantido, sequer alguma conjectura, da mortalidade causada pela praga¹¹⁰, fato que somado à tendência de cronistas antigos exagerarem o número de mortos, leva a maioria dos estudiosos modernos a evitarem atribuir números à pandemia do século VI d.C. Estima-se, no entanto, uma perda populacional, nas regiões afetadas, acima de 50%, despovoamento este causado não apenas pela peste, mas também por outras doenças, como a varíola, que se disseminavam concomitantemente.¹¹¹

Os múltiplos falecimentos decorrentes da pestilência se refletiam, naturalmente, na desordem dos sepultamentos. Os cemitérios não estavam preparados para comportar tantos defuntos diariamente. Gregório de Tours, por exemplo, comenta sobre circunstâncias em que dez ou mais corpos eram empilhados em uma única vala, devido à falta de covas suficientes.¹¹² Assim, as vítimas, a quem sequer restavam amigos e parentes, jaziam insepultos nas ruas ou em casas desoladas, até que magistrados fossem autorizados a enterrá-las em covas profundas além dos arredores das cidades.¹¹³

Qualquer releitura concernente aos impactos da pandemia nos séculos VI a VIII d.C. precisa considerar a drenagem demográfica causada pela praga. Le Goff e Biraben afirmam que “a demografia ocidental deve ter conhecido, no século VII e na primeira metade do século VIII, seu ponto mais baixo desde o início do Império Romano”, queda esta causada pelos surtos epidêmicos do século VI, associados à varíola e às grandes invasões.¹¹⁴ Para Angold, a peste bubônica “minou as

¹⁰⁶ SARRIS, P., *New Approaches to the ‘Plague of Justinian’*, p. 323.

¹⁰⁷ GIBBON, E., *The history of the decline and fall of the Roman Empire*, p. 297.

¹⁰⁸ PSEUDO-DIONYSIUS de Tel Mahre, *Chronicle*, p. 86.

¹⁰⁹ SANDGREN, L. D., *Vines Intertwined*, p. 618.

¹¹⁰ GIBBON, E., *The history of the decline and fall of the Roman Empire*, p. 297.

¹¹¹ PERRY, R. D.; FETHERSTON, J. D., *Yersinia pestis*, p. 36.

¹¹² GREGORIO de Tours, *História dos Francos IV*, 31.

¹¹³ GIBBON, E., *The history of the decline and fall of the Roman Empire*, p. 295.

¹¹⁴ BIRABEN, J.-N.; LE GOFF, J., *La peste dans le Haut Moyen Âge*, p. 1499.

fundações econômicas e demográficas do império e solapou a viabilidade da *polis*, que estivera no centro da vida provinciana”.¹¹⁵

Outras áreas bastante afetadas pela praga foram a arte e a literatura. Mesmo o Oriente, enriquecido nos séculos precedentes com a vasta literatura grega, sofreu, sobretudo no século VII d.C., com a terrível escassez de produção literária. No Ocidente, a situação era praticamente a mesma. Russell avalia que, “não fossem os mosteiros irlandeses e gregos, o declínio intelectual poderia ter sido permanente”.¹¹⁶

Le Goff e Biraben, ainda argumentando positivamente a respeito da relevância das consequências demográficas, financeiras e políticas que a Peste Justiniana teria provocado, também enumeram outros fatos possivelmente atrelados à crise sanitária iniciada no século VI d.C. Destacam-se: a descida dos eslavos aos Bálcãs e à Grécia; sobrecarga nas finanças do Império Bizantino devido à perda de receitas fiscais; a invasão da Itália pelos lombardos; a revolta dos Berberes contra os bizantinos no norte da África; a inversão de poder na Europa, entre outros. Como os mesmos afirmam, “se ousássemos levar essa hipótese longe demais, sem dúvida, argumentaríamos que a Peste Justiniana, depois de talvez ter contribuído para explicar Maomé, também poderia ter explicado Carlos Magno”.¹¹⁷

K. Harper vai além. O historiador americano acredita que a peste bubônica, somada às mudanças climáticas, está diretamente relacionada ao próprio colapso do Império Bizantino.

No Leste, um Império Romano ressurgente desfrutou de poder renovado, prosperidade e aumento populacional. Esse renascimento foi violentamente interrompido por uma das piores catástrofes ambientais registradas na história – o golpe duplo da peste bubônica e uma pequena era glacial. O choque demográfico resultou em um fracasso do império em câmera lenta, culminando nas perdas territoriais decisivas para os exércitos do Islã. Não só o remanescente do Império Romano foi reduzido a um estado bizantino, mas os sobreviventes foram deixados para habitar um mundo com menos pessoas, menos riqueza e conflitos perpétuos entre religiões apocalípticas concorrentes, incluindo o Cristianismo e o Islamismo.¹¹⁸

Há historiadores, por outro lado, que apresentam análises mais moderadas sobre os impactos da Peste Justiniana. Mordechai e Eisenberg, por exemplo,

¹¹⁵ ANGOLD, M., Bizâncio, p. 35.

¹¹⁶ RUSSELL, J. C., That Earlier Plague, p. 181-182.

¹¹⁷ BIRABEN, J.-N.; LE GOFF, J., La peste dans le Haut Moyen Âge, p. 1499-1508.

¹¹⁸ HARPER, K., The Fate of Rome, p. 21.

defendem uma perspectiva minimalista sobre as consequências da praga. Apesar de reconhecerem sua amplitude geográfica, sua alta mortalidade e seus efeitos devastadores de curto prazo em várias ocasiões, argumentam que “os efeitos da peste não foram uniformes, nem tão catastróficos a ponto de causar mortalidade substancial em nível social”. E acrescentam: “as evidências disponíveis sugerem que quaisquer impactos diretos de médio ou longo prazo da peste nas sociedades ou na população do mundo mediterrâneo foram menores”.¹¹⁹

Wickham, em linha com as análises de Mordechai e Eisenberg, argumenta que a melhor evidência de declínio populacional não é de fontes orientais – em geral mais explícitas, segundo o autor –, mas de ocidentais. Além disso, nas regiões onde alguma redução populacional poderia ser calculada, como Itália, África, Gália e Inglaterra, a peste não é a responsável direta, ou quando muito, apenas uma entre outras causas mais relevantes. Para o historiador britânico, “a peste do século VI, por mais dramáticas que sejam suas incidências locais, foi um evento marginal na história demográfica de nosso período”. E conclui: “As quedas populacionais que vemos, em vários períodos diferentes, devem ter tido causas locais”.¹²⁰

Ward-Perkins, por sua vez, reconhece que a praga causou “um golpe demográfico substancial para a população do império”, mas acredita que isso, junto com outros problemas, desempenhou um “papel subsidiário” na crise econômica que assolou o Império Romano. O especialista em Antiguidade Tardia aponta as invasões germânicas do século V d.C. como principais responsáveis pela derrubada da antiga economia ocidental.¹²¹

Uma alternativa a análises tão extremas sugere que os impactos da Peste Justiniana devam ser medidos separadamente, de acordo com cada cidade ou região atingida. Sarris, por exemplo, acredita que a praga afetou algumas sociedades mais do que outras, de maneira que conclusões minimalistas, que destacam os melhores cenários, ou catastrofistas, que superestimam os piores, devam ser evitados.¹²² O britânico acrescenta, porém, que as áreas urbanizadas foram mais prejudicadas que as rurais, e argumenta:

¹¹⁹ MORDECHAI, L.; EISENBERG, M., *Rejecting Catastrophe*, p. 7.

¹²⁰ WICKHAM, C., *Framing the Early Middle Ages*, p. 548-549.

¹²¹ WARD-PERKINS, B., *The Fall of Rome and The End of Civilization*, p. 133-134.

¹²² SARRIS, P., *New Approaches to the ‘Plague of Justinian’*, p. 340.

Como observado anteriormente, naquelas partes do início da Idade Média Ocidental que a peste bubônica atingiu no século VI, as populações eram mais rurais e dispersas do que no Oriente Próximo ou Médio contemporâneos, ou que seriam no contexto da Peste Negra na Baixa Idade Média, provavelmente permitindo a redução mais rápida da doença. Como resultado, é provável que a Peste Justiniana tenha impactado significativamente por mais tempo os territórios onde o urbanismo estava mais profundamente arraigado; no oitavo século EC, isso significava, principalmente, terras que estavam sob o controle dos califados Omíadas e Abássidas ou, em menor grau, Bizâncio. Nessas áreas, é provável que a sobrevivência de reservatórios de peste perto de populações urbanas substanciais tenha sido propícia a repetidas recorrências de alta letalidade, enquanto a doença provavelmente se extinguiu em outros lugares.¹²³

De certa forma, o fato de haver fontes literárias oriundas de contextos tão diversificados, publicadas, inclusive, em idiomas variados, sugere, ao menos, que a praga teve amplo alcance. Uma vez que não havia uma cultura literária uniforme que abrangesse autores bizantinos, sírios, egípcios e de outras nacionalidades afetadas pela peste, é plausível concluir que várias sociedades foram atingidas. É natural, contudo, que os relatos dos autores que testemunharam os primeiros surtos no século VI d.C. sejam mais estridentes que os dos escritores dos séculos seguintes, para quem a pandemia já era uma realidade recorrente e familiar.¹²⁴

2.2 A Igreja

Uma vez apresentada a Peste Justiniana, com seus respectivos sintomas e impactos, será destacada, agora, a maneira como a Igreja atravessou aquele período tão sombrio. O exame da piedade religiosa e da hermenêutica praticadas à época revela o tipo de Cristianismo que sobreviveu à Alta Idade Média. Contrasta-se aqui a Igreja crescente dos quatro primeiros séculos, que nem o poderoso Império Romano foi capaz de frear, com a Igreja dos séculos VII e VIII, que ainda no contexto da pandemia, parece ganhar um sistema religioso rival à altura.

¹²³ SARRIS, P., *New Approaches to the 'Plague of Justinian'*, p. 340.

¹²⁴ SARRIS, P., *New Approaches to the 'Plague of Justinian'*, p. 325.

2.2.1 Até os confins da terra

A “seita” nascida em Jerusalém na década de 30 d.C. não demorou a se espalhar pelo mundo conhecido de então, atingindo as principais cidades do Império Romano. Atos dos Apóstolos, principal obra canônica a narrar os primeiros avanços do Cristianismo, revela o vertiginoso crescimento da nova religião, que não parava de multiplicar seus adeptos.¹²⁵ Na verdade, Lucas, autor da obra, apresenta a trajetória da Igreja desde Jerusalém, passando pela Síria e Ásia Menor, até ultrapassar as fronteiras asiáticas e penetrar o continente europeu. O livro encerra com o Apóstolo Paulo em Roma, em uma prisão domiciliar, mas divulgando a doutrina evangélica com a total aquiescência das autoridades imperiais.¹²⁶

Naturalmente, alguns fatores contribuíram para a rápida propagação da fé cristã ainda no primeiro século. Deiros aponta pelo menos três fontes de apoio para a expansão do Cristianismo: as romanas, as gregas e as judaicas.¹²⁷ Apesar da importância das contribuições gregas (idioma, cosmovisão, filosofia e cultura) e judaicas (monoteísmo, Escritura Sagradas, diáspora, sinagoga, universalismo e messianismo), merecem especial menção as contribuições romanas indicadas pelo referido autor.

Deiros resume a contribuição romana para a expansão do Cristianismo através de cinco palavras latinas que ressaltam cada aspecto: a) *pax*, a Paz Romana reduziu as guerras e conflitos que poderiam atrapalhar a difusão dos ensinamentos de Jesus Cristo; b) *lex*, a flexibilidade, tolerância e abertura das leis romanas favoreceram o trabalho dos missionários; c) *via*, as vias terrestres e marítimas facilitavam o deslocamento dos pregadores itinerantes; d) *rex*, o governo proporcionava proteção, e garantia o desenvolvimento do comércio e das missões cristãs; finalmente, e) *ars*, o desenvolvimento intelectual, refletido na engenharia, na arquitetura, nas artes, o qual foi adaptado também para o uso cristão.¹²⁸

Contudo, ainda nas páginas neotestamentárias, percebe-se uma mudança na situação da Igreja perante o governo. Foster e Friend¹²⁹ observam que na epístola

¹²⁵ Atos 6,7; 9,31; 12,24; 16,5; 19,20.

¹²⁶ BRUCE, F. F., *The Book of the Acts*, p. 8.

¹²⁷ DEIROS, P. A., *Historia del Cristianismo*, p. 37-43.

¹²⁸ DEIROS, P. A., *Historia del Cristianismo*, p. 38-39.

¹²⁹ FOSTER, J.; FRIEND, W. H. C., *The first advance*, p. 74.

destinada à comunidade cristã estabelecida na capital imperial, escrita na década de 50, as autoridades ainda são tratadas em alta estima, como “agentes de Deus”.¹³⁰ No entanto, missivas posteriores, como Hebreus e 1Pedro, revelam que naquele mesmo século os cristãos ainda sofreriam calúnias e espoliação de bens¹³¹, até finalmente o Apocalipse retratar o Império como um feroz adversário da Igreja.¹³²

O primeiro levante romano contra os cristãos se dá a partir de 64 d.C., durante o governo de Nero. Na noite de 18 de julho daquele ano, um grande incêndio, que duraria seis dias, alastrou-se por Roma. A fim de inocentar-se, o imperador acusou os cristãos.¹³³ Tácito, historiador romano do primeiro século, revela que uma multidão de cristãos foi presa, jogada aos cães, crucificada e queimada, para que “onde o dia falhasse servissem de iluminação noturna”.¹³⁴ Contudo, a perseguição neroniana não se espalhou além da capital, e sua motivação não tinha tanto a ver com razões religiosas.¹³⁵

Mais tarde, outros imperadores também se mostrariam hostis e intolerantes aos cristãos. Destacam-se: Domiciano (81 – 96 d.C.), que reivindicou culto, Trajano (98 – 117 d.C.), que instruiu Plínio quanto ao julgamento de cristãos, além de Adriano (117 – 138 d.C.), Antônio Pio (138 – 161 d.C.), Marco Aurélio (161 – 180 d.C.), Cômodo (177 – 192 d.C.) e Severo (193 – 211 d.C.), em cujos governos os cristãos sofreram perseguições apenas locais, mas que não chegaram a representar ameaças de extermínio em todo o Império.¹³⁶

A oposição ao Cristianismo ganha maior proporção a partir de meados do século III d.C. A proximidade de completar um milênio da fundação de Roma¹³⁷ fomentou os anseios pela revivência da antiga glória da cidade. Décio (249 – 251 d.C.), entendendo que a restauração do esplendor romano passava pelo restabelecimento da religião tradicional, decretou que os cristãos de todo o Império abandonassem sua fé ou morressem, fato que desencadeou a primeira perseguição efetivamente generalizada contra a Igreja. Seus sucessores, Galo (251 – 253 d.C.) e Valeriano (253 – 260 d.C.), ainda derramariam sangue de muitos mártires, porém a

¹³⁰ Romanos 13,1-7

¹³¹ 1Pedro 2,12; Hebreus 10,34

¹³² Apocalipse 13-17

¹³³ FOSTER, J.; FRENCH, W. H. C., *The first advance*, p. 71.

¹³⁴ TACITUS, C., *Annales* XV,44.

¹³⁵ FOSTER, J.; FRENCH, W. H. C., *The first advance*, p. 72.

¹³⁶ DEIROS, P. A., *Historia del Cristianismo*, p. 75-79.

¹³⁷ Para a tradição latina, Roma teria sido fundada em 748 a.C., pelos irmãos Rômulo e Remo.

derradeira – e talvez mais cruel – perseguição contra a religião cristã se daria nos tempos de Diocleciano (284 – 305 d.C.), que ordenou em 303 d.C. a destruição de templos e livros daquela que já era a religião mais popular do Império.¹³⁸

Dentre as várias razões por trás da hostilidade de Roma contra os cristãos, Deiros chama a atenção para a própria maneira como o Estado usava a religião. O historiador latino-americano explica:

As razões para a crescente oposição oficial do Império foram diversas. O conceito romano de religião foi uma causa importante. Para os romanos, a religião era uma questão política e, portanto, um interesse do Estado. O Estado controlava os deuses conhecidos e desconhecidos, e tentava prever e manipular o futuro através da religião. O sistema religioso no Império Romano era um mecanismo do Estado para o controle social. O próprio governo romano pretendia ser divino, na pessoa do imperador. Os imperadores eram considerados “poderes” dos quais dependiam as vidas das pessoas. Por outro lado, o Império Romano temia associações secretas que pudessem assumir um caráter político e novas religiões não reconhecidas pelo Estado. Daí, qualquer grupo ou seita religiosa, que não se ajustava às expectativas do governo romano, era facilmente acusado de sedição ou subversão. Desse modo, a dissidência religiosa se transformava em sedição política, com as consequências imagináveis.¹³⁹

Se Roma ainda não se rendia à fé cristã, isso não impedia que aos poucos pequenas nações abraçassem o evangelho. Edessa, após a conversão do rei Abgar VIII, tornou-se o primeiro reino cristão. Aliás, a capital de Osroena abrigou o mais antigo templo cristão e a mais antiga tradução do Novo Testamento grego para outro idioma de que se têm notícia, tudo isso ainda no segundo século da Era Cristã.¹⁴⁰ No século seguinte, após o trabalho missionário de um certo Gregório¹⁴¹, a Armênia se tornaria, conforme endossa o historiador Sozomen, a primeira nação a abraçar o Cristianismo.¹⁴²

O quarto século da Era Cristã, contudo, trouxe consigo uma das maiores reviravoltas da história eclesiástica. Em 311 d.C., na Nicomédia, Galério emite o Édito de Tolerância, pelo qual dá fim à perseguição iniciada oito anos antes, reconhecendo o fracasso na tentativa de impor aos cristãos as antigas crenças romanas. Dois anos depois, Constantino promulga o Édito de Milão, ampliando o decreto

¹³⁸ DEIROS, P. A., *Historia del Cristianismo*, p. 79-80.

¹³⁹ DEIROS, P. A., *Historia del Cristianismo*, p. 74.

¹⁴⁰ FOSTER, J.; FREND, W. H. C., *The first advance*, p. 88-89.

¹⁴¹ LATOURETTE, K. S., *A History of Christianity*, p. 79.

¹⁴² SOZOMEN, *Hist. Eccl.* II,8.

anterior ao restituir as propriedades confiscadas da Igreja.¹⁴³ Finalmente, após alguns curtos períodos de perseguições locais, Teodósio torna o Cristianismo religião oficial do Império por meio do Édito de Tessalônica, em 380 d.C.

Desde então, já dispondo de apoio político, a Igreja avança seu proselitismo. Estima-se que no final do século VI d.C. 21% da população mundial era cristã, e pelo menos 39% já estava evangelizada. Além disso, as Escrituras já estavam disponíveis em catorze idiomas.¹⁴⁴

2.2.2

Fé, esperança e caridade

Conforme assegura Jean Bottéro, “em todas as culturas se aprendeu muito cedo a combater o mal físico com os meios disponíveis: é a medicina empírica”.¹⁴⁵ Nas comunidades cristãs primitivas, porém, não havia espaço para a medicina grega, considerada uma arte pagã. No segundo século, inclusive, cristãos que se aventuraram a estudar Galeno (129 – 217 d.C.), proeminente médico romano, foram excomungados.¹⁴⁶

No entanto, à medida que a Igreja se tornava a mais influente instituição religiosa do mundo, passava a caber-lhe também a responsabilidade pelo progresso e cuidado da sociedade. O conhecimento da medicina está agora com os cristãos, e os pacientes, muitos dos quais também eram irmãos na fé, necessitavam não apenas de instruções dogmáticas, mas também de tratamentos médicos. Enquanto a maior parte da população era analfabeta, os membros do clero dominavam a arte da leitura, mantendo, assim, vastos tratados médicos em suas bibliotecas.¹⁴⁷

Motivados pelos ensinamentos de Jesus Cristo, os cristãos sempre tiveram o cuidado com os enfermos, os famintos, os encarcerados e os carentes em geral como base fundamental de sua ética.¹⁴⁸ As perseguições a que foram submetidos nos três primeiros séculos, todavia, limitavam a assistência aos enfermos, obrigando os

¹⁴³ SCHAFF, P.; SCHAFF, D. S., History of the Christian church, p. 71-74.

¹⁴⁴ KURIAN, G. T., Christian Centuries.

¹⁴⁵ BOTTÉRO, J., A magia e a medicina reinam na Babilônia, p. 12.

¹⁴⁶ Sigerist, H. E., Civilization and Disease, p. 140.

¹⁴⁷ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 42-43.

¹⁴⁸ Textos como Mateus 25,31-46; Lucas 10,25-37 ressaltam esse aspecto da ética cristã.

crentes a cuidarem dos pacientes nos locais onde os encontravam ou em suas próprias casas.¹⁴⁹

A partir do quarto século da Era Cristã, beneficiada pelo Édito de Milão (313 d.C.), a Igreja torna-se capaz de oferecer aos doentes um tratamento mais humanitário. Um dos primeiros movimentos eclesiais com esta finalidade se dá no Concílio de Niceia (325 d.C.), quando é determinada a criação de hospitais em cada cidade sob a supervisão de um bispo.¹⁵⁰ Esses “hospitais”, cabe esclarecer, eram, na verdade, alojamentos que abrigavam não apenas pessoas enfermas, mas também os pobres e peregrinos em geral, sendo chamados de “xenodóquia” (gr. *xénos* = estranho, estrangeiro + *déxētai* = receber).¹⁵¹

Atribui-se a Basílio de Cesareia (330 – 379 d.C.) a criação do primeiro hospital, na Capadócia, em 369 d.C. Ao que parece, não se tratava de uma xenodóquia, mas de um “nosocómio” (gr. *nósos* = doença + *koméō* = cuidar), pois atendia exclusivamente aos doentes.¹⁵² Após a pioneira obra de Basílio, surgiram outros estabelecimentos da mesma natureza, como um nas proximidades de Antioquia, em 380 d.C., criado para tratar pacientes com elefantíase e câncer, os quais eram proibidos de entrar na cidade. Tais instituições aumentaram ainda mais nos séculos V e VI d.C.¹⁵³

Logo, os hospitais cristãos foram de grande valia para o tratamento e recuperação das pessoas acometidas pela Peste Justiniana. No século VI d.C., tornaram-se parte comum dos mosteiros¹⁵⁴, sendo em meados do mesmo século protegidos pelos cânones décimo terceiro e décimo quinto do Sínodo de Orleans (549 d.C.)¹⁵⁵, além de serem regulamentados pelo próprio imperador Justiniano.¹⁵⁶

Ainda que se multiplicassem os hospitais nas partes oriental e ocidental do Império, a esperança de cura para os doentes não era depositada apenas na medicina. A invocação dos santos mártires já era praticada, todos os quais podiam interceder a Deus pelos enfermos já que a todos eram atribuídas curas milagrosas. Gradualmente, porém, ocorreu certa especialização, e alguns santos passaram a ser

¹⁴⁹ SCHMIDT, A. J., How Christianity Changed the World, p. 155.

¹⁵⁰ SCHAFF, P.; WACE, H., The Captions of the Arabic Canons Attributed to the Council of Nice, p. 50.

¹⁵¹ SCHMIDT, A. J., How Christianity Changed the World, p. 155.

¹⁵² SCHMIDT, A. J., How Christianity Changed the World, p. 156.

¹⁵³ LEWIS, O. F., Social Service of The Church, p. 467.

¹⁵⁴ SCHMIDT, A. J., How Christianity Changed the World, p. 157.

¹⁵⁵ LEWIS, O. F., Social Service of The Church, p. 467.

¹⁵⁶ ORNELLAS, C. P., Os hospitais, p. 255.

invocados contra doenças específicas. Assim, a partir do século VII, São Sebastião se tornou o protetor ideal contra a peste. A tradição de que teria resistido a inúmeras flechas atiradas pelos arqueiros de Diocleciano fez dele o padroeiro daqueles que igualmente eram atingidos pelos dardos da praga. Este culto começou na comuna de Pavia, na Itália, em 680 d.C.¹⁵⁷

Em geral, a fé era exercitada através de orações, jejuns, vigílias, muitas, inclusive, dirigidas por sacerdotes que abriam mão dos refúgios que lhes eram oferecidos, a fim de assistirem aos enfermos e enlutados. Gregório de Tours cita alguns exemplos dessa abnegada postura. O padre Cato, “um sacerdote de grande bondade e amigo caloroso dos pobres”, permaneceu oficiando missas e funerais, até morrer vitimado pela peste.¹⁵⁸ De forma semelhante agiu o bispo Teodoro, que no auge da praga em Marselha enclausurou-se na Igreja de São Victor, dedicando-se à oração e à vigilância em favor da cidade, na companhia de alguns poucos que permaneceram com ele.¹⁵⁹ Galo de Clermont¹⁶⁰, alegando ter sido avisado por um anjo que sua cidade seria poupada da peste durante oito anos, liderou uma procissão até o santuário de São Juliano, em Brioude.¹⁶¹

Na verdade, fugir da pandemia não parecia uma alternativa útil aos cristãos em geral. Gregório de Tours, por exemplo, relata o caso do bispo Cautino, que “depois de correr de um lugar para outro com medo dessa praga, voltou para a cidade, pegou e morreu na véspera do Domingo da Paixão”.¹⁶² Em Nantes, parte oeste da França, os habitantes saíram da cidade por três anos, porém muitos que voltaram acabaram mortos pela peste.¹⁶³ O mesmo aconteceu em Marselha, onde a aparente tranquilidade pós-epidêmica atraiu o povo de volta à cidade, o que causou novo surto e mais mortandade.¹⁶⁴

Nem o clero foi poupado pela pestilência, que atingiu também o papado. Pelágio II, que ascendeu ao pontificado em novembro de 579 d.C., morreu vítima da peste no início de fevereiro de 590 d.C.¹⁶⁵ Inclusive, durante o surto que contaminou

¹⁵⁷ SIGERIST, H. E., *Civilization and Disease*, p. 141-142.

¹⁵⁸ GREGÓRIO de Tours, *História dos Francos* IV,31.

¹⁵⁹ GREGÓRIO de Tours, *História dos Francos* IX,22.

¹⁶⁰ Este é o São Galo I (489 – 553 d.C.), bispo de Clermont, conhecido por sua simplicidade, abnegação e mansidão, cujo dia de celebração é 1º de julho (BUTLER, A., *The Lives of the Fathers, Martyrs and Other Principal Saints*, p. 8-9).

¹⁶¹ GREGÓRIO de Tours, *História dos Francos* IV,5.

¹⁶² GREGÓRIO de Tours, *História dos Francos* IV,31.

¹⁶³ FREITAS, E. C., *A Peste na Gália do Século VI*, p. 138.

¹⁶⁴ GREGÓRIO de Tours, *História dos Francos* IX,22.

¹⁶⁵ BÖHMER, H., *Pelagius*, p. 437.

o Sumo Pontífice, seu sucessor, Gregório Magno, ainda diácono à época, organizou procissões penitenciais em Roma.¹⁶⁶

Entretanto, concorriam com a assistência oferecida pelo clero eclesiástico oficial muitos outros profetas populares, cada qual atraindo centenas de discípulos esperançosos por cura e alívio. Le Goff e Biraben, comentando as convulsões sociais daquela época, explicam que “os pseudoprofetas [...] canalizavam temores e revoltas contra os poderosos e os ricos, embora a epidemia mostrasse que se acreditava que Deus atingia tanto os ricos quanto os pobres, contrariamente aos seus hábitos”.¹⁶⁷ Gregório de Tours menciona um homem proveniente de Bourges, interior da França, que praticava adivinhação, curandeirismo e caridade, até se autointitular o próprio Cristo e reivindicar adoração. Gregório revela que até bispos da igreja se juntaram a ele, formando uma multidão de três mil seguidores. Seu movimento, no entanto, extinguiu-se com seu assassinato, após o qual seus discípulos teriam se dispersado, e suas fraudes, reveladas.¹⁶⁸

2.2.3 Deus da peste

Os povos antigos acreditavam que os fenômenos naturais, assim como as infecções, resultavam de obras divinas, representadas em cada civilização pelas mais diferentes entidades. Algumas obras gregas, por exemplo, reproduzem a crença de que as doenças eram enviadas pelo deus Apolo¹⁶⁹, enquanto Asclépio, seu filho, detinha a arte da cura. Com isso, o culto a Asclépio se propagou por centenas de templos, aonde os doentes afluíam e buscavam sua recuperação por meio de jejuns, banhos, óleos e procedimentos terapêuticos. Quando o tratamento se mostrava ineficaz, justificava-se o insucesso argumentando que o paciente não havia se purificado adequadamente.¹⁷⁰ Na concepção babilônica, igualmente, todas as doenças

¹⁶⁶ FREITAS, E. C., A Peste na Gália do Século VI, p. 137-138.

¹⁶⁷ BIRABEN, J.-N.; LE GOFF, J., La peste dans le Haut Moyen Âge, p. 1498.

¹⁶⁸ GREGÓRIO de Tours, História dos Francos X,25.

¹⁶⁹ Exemplo da atribuição de pragas ao deus Apolo pode ser encontrado na *Ilíada*, de Homero. Logo no primeiro canto do épico poema, Crises, sacerdote de Apolo, oferece um resgate para sua filha Criseida, capturada por Agamenon, comandante dos gregos. Em vista da recusa de Agamenon em devolver Criseida a seu pai, Apolo lança uma pestilência entre as tropas gregas, que só é aplacada quando Crises resgata sua filha (Homero, *Ilíada* I,57-100).

¹⁷⁰ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 21.

provinham dos deuses, cabendo ao médico-sacerdote descobrir e interpretar suas intenções para acalmá-los.¹⁷¹

Às vezes, inclusive, as pragas podiam ser vistas de maneira positiva, como uma forma de os deuses protegerem seus devotos adoecendo os inimigos. Foi assim, por exemplo, que a tradição judaica interpretou a moléstia que acometeu os assírios nos dias de Ezequias (2Rs 19,35). O que o Texto Sagrado relata como um anjo ferindo os adversários, Flávio Josefo, citando Beroso, menciona uma peste enviada por Deus que matou cento e oitenta e cinco mil assírios.¹⁷²

Le Goff e Biraben esclarecem que os comportamentos despertados pela peste medieval, baseados em antigas tradições médicas, bíblicas, ou oriundos da própria mentalidade ancestral coletiva, foram modificados e enriquecidos no século VI d.C. Convictos de um iminente Juízo Final, justificado pela predominância do pecado coletivo, sobressaiu-se a imagem de um Deus sempre irado, passível de apaziguamento por meio de peregrinações e procissões.¹⁷³

As penitências praticadas durante a Peste Justiniana muito tinham a ver com a correlação que se fazia da praga com o juízo divino. Assim, esmolas, procissões, vigílias, jejuns eram meios de os homens se salvaguardarem do castigo sobre os pecados do mundo, fosse com a cura imediata da doença, ou pelo menos com a garantia de obtenção do Reino por vir. Pseudo-Dionísio assim descreve essa expectativa popular:

Como nos dias de Noé, quando aquele homem abençoado junto com sua família ouviu a mensagem da ameaça e da perdição, ele ficou com medo e não a desprezou, mas teve o cuidado de construir a arca que se tornou (uma salvação) para ele, para a própria vida e para tudo o que tinha, assim também neste tempo, da mesma maneira que aquele beato, muitas pessoas conseguiram em poucos dias construir para si navios de esmolas, para que pudessem transportá-los através daquela torrente de chamas; outros em prantos (o conseguiram) por esmolas e também distribuindo seus bens aos necessitados; (ainda) outros por lamento e humildade, vigílias, abstinência e clamor lamentável a Deus. Desta forma, muitas pessoas que temeram e tremeram puderam comprar para si o reino.¹⁷⁴

O medo do castigo fazia com que a população religiosa procurasse meios de aplacar a ira divina, ou ao menos desviá-la. Muitas pessoas chegavam a se

¹⁷¹ SIGERIST, H. E., *Civilization and Disease*, p. 132.

¹⁷² JOSEPHUS, F., *Antiguidades X*, 1,5.

¹⁷³ BIRABEN, J.-N.; LE GOFF, J., *La peste dans le Haut Moyen Âge*, p. 1498.

¹⁷⁴ PSEUDO-DIONYSIUS de Tel Mahre, *Chronicle*, p. 86.

aglomerar dentro dos templos na expectativa de que ali estivessem protegidas da peste. Justiniano chegou mesmo a estabelecer pena de morte contra o homossexualismo. Seu receio era que Constantinopla estivesse sendo julgada tal como Sodoma e Gomorra.¹⁷⁵

Naturalmente, a leitura teológica que se fazia da praga tornava a relação entre política e religião ainda mais simbiótica. Por um lado, a participação de imperadores em disputas religiosas, prática que mesmo naquela época já podia ser considerada antiga, tornou-se ainda mais intensa. Por outro, a participação de bispos no governo provincial foi aumentada pela Pragmática Sanção promulgada por Justiniano em 554 d.C. Como Russell resume, “o mundo do século VII estava se movendo definitivamente na direção de um estado teocrático”.¹⁷⁶

Expectativas escatológicas também influenciavam a maneira como os crentes interpretavam e reagiam à pandemia. Gregório de Tours, comentando a pestilência e a grande fome que acometeram algumas cidades gaulesas, com o consequente surgimento de falsos profetas, afirma que aqueles eram “o princípio das dores”¹⁷⁷, referindo-se ao famoso sermão de Jesus Cristo.¹⁷⁸

Até então, pouco se estudava o livro do Apocalipse, que ainda sofria certa rejeição na ala oriental da Igreja. Isso mudou justamente a partir da segunda metade do sexto século, quando Ecumênio produziu o primeiro comentário grego do último livro do Novo Testamento.¹⁷⁹ Aliás, em sua exposição dos versos iniciais do Apocalipse, o referido autor justifica que a promessa de que as coisas ali reveladas “brevemente devem acontecer”¹⁸⁰, embora tenha sido dita “mais de quinhentos anos” antes de sua época, deveria ser interpretada não sob a perspectiva do “tempo real do cumprimento”, mas do “poder e da eternidade de Deus”.¹⁸¹

André de Cesareia (563 – 637 d.C.), pouco tempo depois, também publicou seu comentário do Apocalipse, que se tornaria bem mais aceito e consultado que o de Ecumênio. Apesar de escrever durante o caótico cenário em que iniciava o século VII d.C., marcado não só pela pandemia, mas também por crise econômica, fome, instabilidade climática, terremotos, revoltas, e guerras, André via com cautela a

¹⁷⁵ ANGOLD, M., Bizâncio, p. 35.

¹⁷⁶ RUSSELL, J. C., *That Earlier Plague*, p. 182.

¹⁷⁷ GREGÓRIO de Tours, *História dos Francos* X,25.

¹⁷⁸ Mateus 24.6-8

¹⁷⁹ ANDREW of Caesarea, *Commentary on the Apocalypse*, p. 8-9.

¹⁸⁰ Apocalipse 1,1

¹⁸¹ OECUMENIUS, *Commentary on the Apocalypse*, p. 22.

correlação desses eventos com a proximidade do fim. Seu argumento era que as tragédias apocalípticas teriam uma proporção superior às aquelas de seu tempo. No entanto, isso não deveria promover alguma “preguiça espiritual”, pelo contrário, os crentes deveriam se manter vigilantes, pois o fim pessoal pela morte física, este sim, estava próximo para qualquer um.¹⁸²

2.2.4

A concorrência árabe

Paralelamente ao enfrentamento da pandemia nos países de maioria cristã, surgia na Arábia uma nova religião, que mais tarde se equipararia ao Cristianismo em número de adeptos. Seu fundador, Muhammad ibn Abdullah (ou Maomé), nasceu no ano 570 d.C., período em que surtos da Peste Justiniana ainda eram recorrentes em algumas regiões. Até então, a Arábia tinha pouca relevância para os dois grandes impérios que a cercava: o Império Bizantino, a oeste, e o Império Sassânida, a leste. Apesar de compartilharem o idioma, os árabes não formavam um único povo, mas vários, e a religiosidade praticada no país era igualmente diversa, predominando crenças politeístas, mas abrigando também cristãos, judeus e zoroastristas.¹⁸³

O ano de nascimento do profeta ficou conhecido como “o Ano do Elefante”, em alusão à tentativa frustrada de Abraha, governador cristão do Iêmen (à época controlado pela Etiópia), de destruir a Caaba, famoso santuário em Meca. Conforme a tradição, Abraha teria reunido um exército diante do qual ia um grande elefante enfeitado. Perto da Caaba, porém, o animal teria se ajoelhado e se recusado a avançar, e os soldados ainda teriam fugido após serem atingidos por pedras lançadas por pássaros.¹⁸⁴ Por trás dessa lenda envolvendo aves atirando pedras, existe, no entanto, a possibilidade de uma epidemia ter contido o avanço do exército etíope.¹⁸⁵ Riddell e Cotterell, por exemplo, sugerem que as pedras fossem, na verdade, uma referência alegórica a um surto de varíola, que pela primeira vez aparecia na Arábia nessa época.¹⁸⁶

¹⁸² ANDREW of Caesarea, *Commentary on the Apocalypse*, p. 11-14.

¹⁸³ RIDDELL, P. G.; COTTERELL, P., *Islam in Context*, p. 13.

¹⁸⁴ PETERSON, D. C., *Muhammad*, p. 34-36.

¹⁸⁵ SABBATANI, S.; MANFREDI, R.; FIORINO, S., *La peste di Giustiniano*, p. 218.

¹⁸⁶ RIDDELL, P. G.; COTTERELL, P., *Islam in Context*, p. 19.

A religião de Maomé, que pregava a submissão a Allah e ao Corão – daí o nome “Islam”, que significa “submissão” –, teve desde sua origem uma natureza proselitista. Sua propagação é, geralmente, dividida em três grandes períodos, o primeiro dos quais começa com a morte do profeta em 632 d.C.¹⁸⁷ Em menos de cem anos, os exércitos islâmicos invadiram diversos países, desde a Pérsia até a Espanha, avanço este que só foi refreado com a derrota para os cristãos na Batalha de Tours (ou Batalha de Poitiers), em 732 d.C.¹⁸⁸ Antes disso, porém, durante as primeiras décadas de difusão da fé maometana, predominantemente por meio da *jihad*¹⁸⁹, as campanhas militares que se estenderam por toda a Arábia, Síria, Pérsia, Egito, Norte da África, entre outras nações, ocorrem concomitantemente aos surtos epidêmicos do século VII d.C.¹⁹⁰

Assim, de forma geral, o vaivém da peste até meados do oitavo século favoreceu a expansão do Islam e a perda gradativa da hegemonia cristã nas regiões médio-orientais e norte-africanas. Ainda que não ficassem totalmente imunes às baixas e prejuízos causados pela praga, o próprio nomadismo entre áreas desérticas, característico das populações árabes de então, somado ao caráter primitivo de sua sociedade tribal, colaborou para o rápido avanço dos muçulmanos às custas da desintegração do Império Sassânida e da redução territorial do Império Bizantino.¹⁹¹

Os Impérios viram a população e o poder político-militar concentrados nas cidades, estas densamente povoadas, em más condições higiênicas, em zonas geográficas agrícolas, [...] enfraquecendo assim qualquer tipo de resistência. Com base nesta consideração, pode-se explicar facilmente como uma população nômade, numericamente pequena, embora animada por um forte espírito religioso, que incentivava a conversão de infiéis ou sua aniquilação, conseguiu desintegrar o Império Sassânida e reduzir significativamente a extensão do Império Romano do Oriente no curto espaço de algumas décadas, tornando-se a única superpotência mundial da Idade Média. Epidemias, afetando principalmente as cidades, colocaram os dois impérios de joelhos, enquanto certamente enfraqueceram menos uma população que fez do nomadismo no deserto seu principal estilo de vida.¹⁹²

¹⁸⁷ Os outros dois períodos são de 1280 d.C. a 1480 d.C. e de 1780 d.C. em diante (ZWEMER, S. M., Islam, p. 56-57).

¹⁸⁸ TUCKER, R. A., Parade of Faith, p. 129.

¹⁸⁹ Guerra santa, luta armada contra os infiéis e inimigos do Islã, motivada pela interpretação tradicional de algumas passagens do Corão. Exemplo: Surata 9,5.

¹⁹⁰ SABBATANI, S.; MANFREDI, R.; FIORINO, S., La peste di Giustiniano, p. 218.

¹⁹¹ RUSSELL, J. C., That Earlier Plague, p. 182.

¹⁹² SABBATANI, S.; MANFREDI, R.; FIORINO, S., La peste di Giustiniano, p. 225.

Na análise de Tucker, a ascensão do Islam no século VII d.C. contou com o auxílio de algumas comunidades cristãs, que se uniram aos árabes para subjugar outras tribos pagãs. Assim que os inimigos foram suprimidos, porém, os muçulmanos teriam se voltado contra os cristãos. Com isso, muitos se converteram ao Islamismo, a fim de protegerem suas propriedades, enquanto outros migraram para o Leste.¹⁹³

Naturalmente, nas regiões onde o Islam ingressava, a Igreja sofria com a perda de membros, ainda que na maioria dos casos fosse pela opressão ou pela conveniência. No Egito, por exemplo, a tomada de Pelúsio e outras cidades importantes a partir de 639 d.C., desencadeou um período de perseguição contra os cristãos, que culminou em verdadeiros massacres. A partir de 644 d.C., a opressão violenta foi substituída pela taxação de altos impostos, fato que favoreceu a conversão de muitos cristãos ao Islamismo.¹⁹⁴ Russell sugere, inclusive, que essa migração religiosa se justifique pelo fato de a maioria da população cristã no Egito ser apenas nominal, havendo sido forçada pelo governo a abandonar o antigo paganismo egípcio.¹⁹⁵

2.2.5

Conclusão: A Igreja supera a Peste Justiniana

A Peste Justiniana colocou a fé cristã à prova. Crer num Salvador que levou sobre si as enfermidades do seu povo (Is 53,4), ao mesmo tempo em que sofre pacientemente com doenças graves, representou um desafio aos cristãos. Contudo, a pandemia forjou uma Igreja que tem fé para curar, mas também para tratar e cuidar; tem fé para afastar a morte, mas também para esperar pelo porvir; tem fé para suplicar perdão diante de um suposto juízo, mas também para perdoar quem não está em condições de atender às exigências eclesiais.

A abordagem da Igreja neste capítulo começou com seu vertiginoso crescimento e culminou, em decorrência do contexto pandêmico, com a ascensão de outro segmento religioso. De certa forma, portanto, a Peste Justiniana conduziu o Cristianismo à uma nova fase da sua missão, que, inclusive, marcaria sua trajetória dali por diante: enxergar o mundo como algo maior do que um simples alvo de

¹⁹³ TUCKER, R. A., Parade of Faith, p. 128-129.

¹⁹⁴ SABBATANI, S.; MANFREDI, R.; FIORINO, S., La peste di Giustiniano, p. 224-225.

¹⁹⁵ RUSSELL, J. C., That Earlier Plague, p. 183.

proselitismo, aprendendo a conviver com outras expressões de fé também vocacionadas ao crescimento, com adeptos igualmente dispostos a morrerem pelo que acreditam. Se a Igreja, por sua vez, amadureceu o suficiente para lidar com essa pluralidade é algo a ser observado na forma como ela atravessou a Peste Negra.

3

Peste Negra

Ai, quantos grandes palácios, quantas belas casas, quantas nobres mansões outrora cheias de famílias, de senhores e senhoras, permaneceram vazias até para o servo mais desprezível! Quantas famílias memoráveis, quantas heranças amplas, quantas fortunas famosas ficaram sem herdeiro legítimo! Quantos homens valentes, quantas belas damas, quantos jovens alegres, a quem, não apenas outros, mas Galeno, Hipócrates ou Esculápio, teriam julgado mais saudáveis, tomando café da manhã com seus parentes, camaradas e amigos e que naquela mesma noite jantaram com seus ancestrais no outro mundo!

Giovanni Boccaccio

3.1

A Peste

Já havia seis séculos que o mundo não registrava surtos de peste bubônica. Nesse ínterim, outras doenças, com destaque para a lepra e a escabiose, representaram sérios riscos à saúde pública, mas nada que se equiparasse à peste. O século XIV, porém, trouxe consigo uma nova incidência pandêmica da doença causadora de bubões. Este capítulo revive aqueles dias sombrios da Baixa Idade Média, destacando as iniciativas do meio acadêmico e religioso para afastar o mal que assolou partes da Ásia e da África, mas devastou o continente europeu.

3.1.1

O Velho Mundo não evolui

Conforme já dito, os últimos registros da Peste Justiniana remontavam ao século VIII d.C.¹⁹⁶ Desde então, a Europa apresentou uma regressão considerável na ocorrência de epidemias. Para Ujvari, essa redução se deve à diminuição das locomoções humanas, decorrente da autossuficiência que o feudalismo oferecia às

¹⁹⁶ Ver subtópico 2.1.4 (De Pelúcio para o mundo)

comunidades organizadas neste sistema socioeconômico.¹⁹⁷ O médico infectologista argumenta:

Cada feudo se isolava dos demais, pois tinha em sua propriedade tudo de que precisava; assim, deixavam de ser necessários os intercâmbios comerciais entre regiões e, menos ainda, as migrações. As antigas e desenvolvidas vias romanas caíram em desuso, ficaram desabitadas e abandonadas. Os moradores das aldeias eram visitados com frequência por infecções que até se transformavam em epidemias, mas já não ocorria transmissão dos agentes bacterianos para outras localidades. Os agentes restringiam-se à aldeia e se esvaíam no momento em que não havia mais indivíduos suscetíveis a contraí-los.¹⁹⁸

A partir do século XI d.C., porém, o sistema feudal entra em declínio. As Cruzadas convocadas a partir daquele século provocam mudanças políticas e sociais importantes na Europa Ocidental. Uma delas é o próprio enfraquecimento do feudalismo, uma vez que entre os cruzados havia muitos cavaleiros e nobres que nunca retornaram às suas terras, além daqueles que as tinham vendido justamente para financiar suas campanhas militares. Com isso, muitas cidades controladas por senhores feudais recuperavam sua autonomia e, com a ajuda da classe média, os reis centralizavam o controle sobre um Estado-nação, fornecendo-lhe segurança e ordem tão essenciais ao comércio.¹⁹⁹

As Cruzadas também impulsionaram a negociação de mercadorias orientais. Com este aquecimento do comércio, as grandes cidades europeias se formaram e cresceram vertiginosamente nos séculos seguintes, fato que, aliado ao aumento populacional (mais de 70%, do século XI ao XIV) e ao constante fluxo de gente pelas rotas comerciais, tornava o Velho Mundo novamente propício à disseminação de epidemias.²⁰⁰

Aliás, a superpopulação europeia que se formou até o século XIV impactou a alimentação. Já não havia terras para plantio, o que impedia o aumento da produção de alimentos. A queda da temperatura que ampliou as geleiras ao Norte tornou inabitáveis algumas regiões da Inglaterra e da Escandinávia, fato que obrigava a população a ficar ainda mais concentrada e com menos espaço para cultivo de terra. Com isso, antes mesmo que a peste bubônica flagelasse o continente na metade daquele

¹⁹⁷ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 44.

¹⁹⁸ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 44.

¹⁹⁹ CAIRNS, E. E., *Christianity through the Centuries*, p. 216.

²⁰⁰ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 45-46.

século, os europeus já vinham sofrendo com recorrentes períodos de carestia e fome.²⁰¹

Não há consenso sobre até que ponto a escassez alimentar favoreceu a disseminação da Peste Negra. Para alguns autores, não houve correlação direta entre a fome e a peste, já que, ao que parece, a boa nutrição não constituía imunidade contra a morbidade, assim como a má alimentação não causava maior virulência. Todo paciente infectado tinha poucas chances de sobreviver independentemente de sua prévia condição de saúde.²⁰²

De qualquer forma, porém, os problemas agrícolas se multiplicaram no final da Idade Média, deixando fazendas e aldeias abandonadas. E a crise europeia se agravaria ainda mais com a Guerra dos Cem Anos, deflagrada entre França e Inglaterra a partir de 1339, sem contar as revoltas sociais que perturbaram Florença (1345 e 1378), além dos próprios franceses (1358) e ingleses (1381).²⁰³ Com esses conflitos, a Europa perdeu mais terrenos aráveis, as colheitas não eram satisfatórias e grande fome sobreveio, principalmente, à Inglaterra, Itália, Áustria e Alemanha. Uma população desnutrida ficava, naturalmente, mais predisposta a pestilências.²⁰⁴

Outro agravante para a propagação de doenças no continente europeu era a insalubridade das cidades, decorrente do abandono das práticas higiênicas legadas pelos romanos. Era muito importante na cultura romana, por exemplo, a prática do banho regular. Nas “casas de banho”²⁰⁵, geralmente divididas em quatro cômodos (*apoditerium*, para troca de roupa; *frigidarium*, com água fria; *tepidarium*, com água morna; e *caldarium*, com água quente), o usuário percorria cada ambiente limpando seu corpo progressivamente.²⁰⁶ Na Idade Média, porém, as condições de higiene são as mais baixas que a Europa jamais alcançou, e a prática do banho no Ocidente cristão já não é tão abundante quanto no Oriente Médio.²⁰⁷

Além disso, nos dias do antigo Império, muitas cidades construíram canais revestidos de pedra ou barro para drenagem da água pluvial e do esgoto. Inclusive,

²⁰¹ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 58-59.

²⁰² LORENZO, A. V., La Peste Negra en Castilla, p. 90.

²⁰³ DINZELBACHER, P.; CLARK, A. L., Middle Ages, p. 528.

²⁰⁴ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 59.

²⁰⁵ As *thermae* ou *balneae*, como eram chamadas, serviam, inclusive, como local de encontro entre cristãos nos três primeiros séculos. Eram locais apropriados para batismo, e muitas se transformaram em basílicas cristãs a partir do quarto século EC (ADAMS, E., The Earliest Christian Meeting Places, p. 171-179).

²⁰⁶ PEARSON, B. W. R., Gymnasia and Baths, p. 436.

²⁰⁷ ROMANO, R.; TENENTI, A., Los fundamentos del mundo moderno, p. 3.

o mais antigo sistema de esgoto construído em Roma, a *Cloaca Maxima*, ainda funciona.²⁰⁸ Contudo, muitas cidades abandonaram esses sistemas, deixando os dejetos acumularem-se próximo aos muros, até contaminarem os rios de onde a população consumia a água.²⁰⁹

Assim, a vida medieval criava condições cada vez mais propícias à disseminação de peste bubônica. Ratos, principais portadores da pulga transmissora da praga, multiplicavam-se pelas ruas estreitas, lamacentas, pouco iluminadas, cheias de excrementos lançados pelas janelas das casas, ou ainda pelos matadouros, cujos miúdos e carcaças eram lançados nos riachos e córregos. Além disso, a aglomeração das famílias, muitas das quais dormiam no mesmo quarto, facilitava a transmissão da forma pulmonar da doença.²¹⁰

3.1.2 Guerra biológica

No segundo século EC, uma antiga colônia grega na Península da Crimeia, chamada Theodosia, foi destruída e reconstruída como Kaffa. Mais de um milênio depois, em 1266, a cidade foi estabelecida pelos genoveses²¹¹, que a adquiriram de Möngke Temür, khan da Horda Dourada²¹², tornando-a o principal porto para os seus grandes navios mercantes.²¹³

A relação entre italianos cristãos e mongóis muçulmanos na região sempre foi meio tensa, mas piorou realmente quando um nobre veneziano matou um mercador tártaro em Tana (atual Azov, na Rússia), em setembro de 1343. Os tártaros logo montaram dois cercos em Kaffa nos anos seguintes, ambos frustrados, até seu khan, Jani Beg, liderar uma terceira campanha militar contra a cidade em 1346.²¹⁴

Este último cerco foi vividamente narrado por Gabriel de Mussis (1280 – 1356), um notário de Piacenza, cujo relato contém um dos mais antigos registros de uma guerra biológica. Mussis descreve:

²⁰⁸ JEFFERS, J. S., *The Greco-Roman world of the New Testament era*, p. 68.

²⁰⁹ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 26.

²¹⁰ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 56-57.

²¹¹ LIPMAN, J. G., *Kaffa or Feodosia*, p. 408.

²¹² Mongóis que invadiram a Europa Oriental no século XIII e dominaram a Rússia até 1486 (MERRIAM-WEBSTER, I., *Golden Horde*).

²¹³ WHEELIS, M., *Biological warfare at the 1346 siege of Caffa*, p. 971.

²¹⁴ ZANDERS, J. P., *De Mussi and the Siege of Caffa*, p. 2.

Eis que todo o exército foi afetado por uma doença que invadiu os tártaros e matou milhares e milhares todos os dias. Era como se flechas caíssem do céu para atingir e esmagar a arrogância dos tártaros. Todos os conselhos e cuidados médicos eram inúteis; os tártaros morreram assim que os sinais da doença apareceram em seus corpos: inchaços na axila ou na virilha causados por humores coagulados, seguidos de uma febre pútrida. Os tártaros moribundos, atordoados e estupefatos pela imensidão do desastre causado pela doença, e percebendo que não tinham esperança de escapar, perderam o interesse pelo cerco. Mas eles ordenaram que os cadáveres fossem colocados em catapultas e jogados na cidade na esperança de que o fedor intolerável matasse todos dentro. O que pareciam montanhas de mortos foram jogados na cidade, e os cristãos não puderam se esconder, fugir ou escapar deles, embora tenham jogado o maior número possível de corpos no mar. Logo os cadáveres em decomposição contaminaram o ar e envenenaram o abastecimento de água, e o fedor era tão forte que quase um em vários milhares estava em condições de fugir dos restos do exército tártaro. Além disso, um homem infectado podia levar o veneno para outros e infectar pessoas e lugares com a doença apenas pelo olhar. Ninguém conhecia, ou poderia descobrir, um meio de defesa.²¹⁵

A estarrecedora imagem retratada por Gabriel de Mussis, em que cadáveres infectados são catapultados para dentro de Kaffa, não é suficiente para determinar o nível de conhecimento que os tártaros tinham sobre a doença, mas ao menos sugere qual forma de contágio lhe atribuíam. O fato é que o cerco foi suspenso e o exército mongol partiu embora, mas o agente transmissor da praga não. Naturalmente, o manuseio de corpos²¹⁶ mutilados por parte dos defensores feridos pelos bombardeios os sujeitou à contaminação.²¹⁷ Além disso, roedores com o bacilo da peste em suas pulgas circulavam pela cidade livremente, ocupando, inclusive, os armazéns de alimentos e mercadorias, que ficavam próximos aos navios de onde os genoveses embarcavam com a doença a bordo e a espalhavam ao redor do Mediterrâneo.²¹⁸

Outro facilitador da propagação da peste na região foram os hábitos comerciais da população de Kaffa. Peles de marmotas da Ásia Central eram muito valorizadas e comercializadas ali. Acredita-se que uma epidemia teria causado a morte de muitos desses roedores, e que os caçadores coletaram suas peles para venderem-nas no Oeste através da cidade de Kaffa, usando o rio Don. Assim, a imensa população de roedores a bordo dos cargueiros formava o terreno fértil para os agentes da peste.²¹⁹

²¹⁵ HORROX, R., *The Black Death*, p. 17.

²¹⁶ As pulgas **não** abandonam o defunto quando sua temperatura desce abaixo de 28°C (DELORT, R., *Que a peste seja do rato*, p. 117).

²¹⁷ WHEELIS, M., *Biological warfare at the 1346 siege of Caffa*, p. 974.

²¹⁸ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 57.

²¹⁹ SÁNCHEZ-DAVID, C. E., *La Muerte Negra*, p. 134.

Não demorou para que cidades italianas, onde chegavam embarcações genovesas oriundas da Crimeia, sofressem um surto epidêmico. Messina, na Sicília, foi a primeira cidade a perceber que muitas mortes estavam ocorrendo em sua população decorrentes de uma nova doença. Cronistas detalham que tudo começou em outubro de 1347, quando doze galeras genovesas aportaram na cidade, trazendo uma tripulação já diminuída pela peste. Eles não receberam permissão para atracar e tiveram que ir de porto em porto, contaminando toda a Sicília e as ilhas gregas. Até Gênova, sua cidade natal, negou-lhes abrigo, conseguindo atracar apenas em Marselha. O mínimo contato com a população local, porém, já houvera sido suficiente para disseminar a praga por onde passaram.

Aliás, a fim de conter a propagação da peste que chegava nas embarcações provenientes do Mediterrâneo, os oficiais venezianos determinaram que os navios aguardassem um período de quarenta dias antes de adentrarem ao porto de Ragusa, à época sob controle de Veneza. O objetivo era dar tempo de os inspetores médicos examinarem a tripulação, os passageiros e a carga animal, além de permitir que uma eventual doença incubada se desenvolvesse antes que seu portador tivesse contato com a população da cidade. O período era chamado *quaranta giorni* (quarenta dias), dando origem à “quarentena”.²²⁰

Contudo, a despeito do marco histórico que a batalha em Kaffa represente para a disseminação da peste no Mediterrâneo, sua verdadeira origem ainda é objeto de discussão. Norris, por exemplo, analisou algumas teorias baseadas em relatos coetâneos da pandemia, as quais sugerem China, Índia, Ásia Central ou Rússia como focos da doença, e concluiu que o microrganismo foi transmitido para o leste a partir dos arredores do Mar Cáspio, formando outros focos menos concentrados na estepe da Ásia Central.²²¹ Sánchez-David, por sua vez, supõe que a praga tenha percorrido a Rota da Seda²²², o que seria evidenciado pelos surtos registrados em Astracã e Sarai, estações de caravanas no baixo Volga. Alguns pesquisadores, inclusive, apontam os arredores do lago Baical como um dos primeiros epicentros da

²²⁰ GOMEZ, P. F., Quarantine, p. 585.

²²¹ NORRIS, J., East or West, p. 3-24.

²²² Antiga rota comercial, com mais de 6.000km de extensão, que ligava o Mediterrâneo à China (CORWIN, G. R., MCGEE, G. B.; MOREAU, A. S., *Introducing World Missions*, p. 111), mas o nome “Rota da Seda” foi cunhado apenas em 1875 pelo geógrafo alemão Ferdinand von Richthofen (SCHNABEL, E. J., *Early Christian Mission*, p. 496).

epidemia, pois encontraram lá catacumbas cristãs com indicações claras de uma morte em massa por volta de 1340.²²³

A doença passou pela Índia até atingir a Ásia Menor, Arábia, Egito e norte da África. Após chegar às cidades marítimas da Itália em 1346, como mencionado anteriormente, apareceu no ano seguinte em Constantinopla, Chipre, Grécia, Malta, Sardenha, Córsega e, já no fim do ano, em Marselha²²⁴, por onde a praga entrou na França alcançando Languedoc, Paris, Normandia e Avignon²²⁵, deixando até o Papa Clemente VI isolado em seus aposentos por orientações médicas.²²⁶ Em 1348, Espanha, Holanda, Inglaterra, Noruega, Dalmácia, entre outras regiões, também sofreram com a pandemia²²⁷; e em 1349, foi a vez de Escócia, Irlanda, Países Baixos, Noruega, Suécia e, finalmente, Rússia.²²⁸

As vias terrestres e marítimas, que conectavam o continente europeu, se tornaram rotas de propagação da peste. Conforme dito acima, a França foi atingida a partir de Marselha, através do movimentado porto da cidade, mas as estradas que ligavam seu interior às cidades italianas também multiplicaram os canais de acesso da praga ao país. A Alemanha foi contaminada, principalmente, por caminhos terrestres, e a Inglaterra, por via marítima. Em Aragão, a doença chegou pelo porto de Barcelona e pela fronteira com o sul da França. Portugal e Granada, ambos alcançados pela pandemia através de seus portos, tornaram-se portas de entrada da peste para o Reino de Castela, que, por sua vez, também sofria contágio pelos seus portos a leste.²²⁹ Vizinho a Castela, Navarra recebeu a praga proveniente do sul da França, muito provavelmente através do Caminho de Santiago, famoso percurso de peregrinação cristã.²³⁰

Quanto às áreas atingidas, é difícil determinar quais regiões eram mais afetadas, se as urbanas ou as rurais. Analisando o comportamento da epidemia no Reino de Navarra, e levando em conta a proximidade entre as cidades e aldeias, o êxodo rural causado pela fome de 1347 e o alto grau de umidade causado pelo chuvoso

²²³ SÁNCHEZ-DAVID, C. E., *La Muerte Negra*, p. 133-134.

²²⁴ SENFELDER, L., *History of Medicine*, p. 128.

²²⁵ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 60.

²²⁶ Clemente VI era cuidado pelo doutor Guy de Chauliac (1300 – 1368). O médico francês recomendava que o papa se assentasse entre duas grandes lareiras que diariamente eram acesas em seus aposentos, as quais queimavam substâncias aromáticas que supostamente purificariam o ar contra a praga (TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 105).

²²⁷ SENFELDER, L., *History of Medicine*, p. 128.

²²⁸ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 61.

²²⁹ FOLLADOR, K. J., *A Relação entre a Peste Negra e os Judeus*, p. 32.

²³⁰ MONTEANO, P. J., *La Peste Negra en Navarras*, p. 104.

verão de 1348, Monteano conclui que a praga não fazia distinção entre as grandes cidades e as pequenas aldeias, tampouco a altitude ou isolamento dessas regiões garantia-lhes proteção contra a peste.²³¹ Romano e Tenenti explicam que a migração entre ambas as áreas, decorrente das crises sanitária e econômica, torna impossível precisar qual sofreu mais, e argumentam:

Se a peste nas cidades origina um movimento migratório de abastados [...], a fome, por sua vez, determina um fluxo do campo para as cidades, onde as medidas administrativas do poder público permitem que os famintos encontrem um remédio para as terríveis demandas da fome. Nesse movimento de fuga e afluxo, a população da cidade supera seu nível normal; e a esse ambiente urbano superpovoado (com a consequente piora das condições higiênicas), chega a peste: os vazios que cria por toda parte, sem exceção, são enormes. É claro que é impossível determinar com precisão se as cidades sofreram mais do que o campo; pelas razões expostas acima, os cálculos são quase impossíveis. De fato, muitos dos mortos nas cidades não passam de camponeses de imigração recente – e, pelo menos nos propósitos, temporal –; deve-se acreditar, por outro lado, que alguns dos mortos no campo eram “cidadãos” que, na ânsia de fugir do contágio, deixaram a cidade.²³²

O fato é que a pandemia da década de 40 não seria o único levante da praga no século XIV. Nas décadas de 60 e 80 ocorreram outros surtos da doença, os quais ainda se repetiriam de tempos em tempos, embora com consequências menos desastrosas, até o século XVIII.²³³ Os últimos registros no Ocidente são de 1712, em Malmö, de 1716, na Áustria, e de 1720, em Marselha.²³⁴

Delort sugere alguns fatores que podem explicar os ciclos da peste a cada dez ou doze anos. Primeiramente, o próprio ciclo biológico dos roedores que abrigavam bacilos causadores da doença em suas tocas. Novos surtos começavam quando as populações de ratazanas se tornavam pletóricas ou quando as marmotas da Ásia Central infectavam as mais longínquas. Por outro lado, o dinamismo demográfico dos humanos também podia causar novos surtos. Os indivíduos que sobreviviam à contaminação geravam filhos não imunizados, permitindo que a epidemia voltasse a eclodir, ceifando a vida de adultos mal ou não imunizados durante o ataque precedente.²³⁵

Algumas regiões, porém, foram poupadas. Auvergne (França), Flandres (Bélgica), Francônia (Alemanha), além de outras cidades do norte da Itália e da Europa

²³¹ MONTEANO, P. J., *La Peste Negra en Navarras*, p. 107.

²³² ROMANO, R.; TENENTI, A., *Los fundamentos del mundo moderno*, p. 6.

²³³ FOLLADOR, K. J., *A Relação entre a Peste Negra e os Judeus*, p. 27.

²³⁴ DELORT, R., *Que a peste seja do rato*, p. 121.

²³⁵ DELORT, R., *Que a peste seja do rato*, p. 120.

Central, não registraram surtos da peste, talvez porque lhes faltasse substrato murídeo. Há quem sugira também que nessas zonas houvesse maior proporção de portadores de sangue B e de RH negativo em relação ao sangue O, mais vulnerável ao bacilo da peste. Outros acreditam que tem a ver com o isolamento geográfico e a menor densidade demográfica.²³⁶

3.1.3

Peste: bubônica, negra e letal

Escritores do século XIV, testemunhas da pandemia que ora assolava o mundo, descreveram a praga com sintomas bastante semelhantes aos causados pela Peste Justiniana do século VI. Giovanni Boccaccio (1313 – 1375), por exemplo, autor do clássico *Decameron*, ilustra o caso fictício de dez jovens (sete moças e três rapazes) que se refugiaram em um castelo para fugir da doença que se espalhava por Florença. O grupo fica isolado alguns dias, e em cada dia (à exceção da sexta-feira e do sábado, por respeito às conveniências religiosas) todos os jovens contam uma história, formando os cem contos que compõem a obra.²³⁷ Já no início, Boccaccio relata o contexto epidêmico que serve como pano de fundo para a história, e descreve os sintomas da peste da seguinte forma:

Não se manifestavam como na parte oriental, onde expelir sangue pelo nariz era sinal manifesto de morte inevitável, mas começavam com o surgimento de certas tumefações na virilha ou nas axilas de homens e mulheres, algumas das quais atingiam o tamanho de uma maçã comum e outras o de um ovo, umas mais e outras menos, e a elas o povo dava o nome de bubões. E os referidos bubões mortíferos, não se limitando às duas citadas partes do corpo, em breve espaço de tempo começavam a nascer e a surgir indiferentemente em todas as outras partes, após o que a qualidade da enfermidade começava a mudar, passando a manchas negras ou lívidas, que em muitos surgiam nos braços, nas coxas e em qualquer outra parte do corpo, umas grandes e ralas, outras diminutas e espessas. E, tal como ocorrera e ainda ocorria com o bubão, tais manchas eram indício inegável de morte próxima para todos aqueles em quem aparecessem.²³⁸

Agnolo di Tura, sobrevivente do surto epidêmico que vitimou seus cinco filhos e devastou Siena em 1348, também relata que as vítimas “inchavam nas axilas e nas virilhas, e morriam por toda parte enquanto falavam”.²³⁹ O cronista italiano

²³⁶ DELORT, R., Que a peste seja do rato, p. 118.

²³⁷ SIMONI, K., De peste e literatura, p. 34.

²³⁸ BOCCACCIO, G., The Decameron, p. 10.

²³⁹ TURA, A., Plague in Siena, p. 13.

ainda acrescenta que o medo do contágio fazia com que os enfermos fossem abandonados por seus próprios parentes, “pois esta doença parecia se disseminar pelo hálito e pela vista”.²⁴⁰

Os bubões se formavam a partir do contato do bacilo com a pele da pessoa. A bactéria se desenvolvia no local da picada e avançava para os gânglios linfáticos próximos do local de sua inoculação. Os gânglios aumentavam de tamanho com a formação de pus no seu interior, causando inchaços do tamanho de um limão em quaisquer regiões do corpo, porém mais frequentemente nas axilas e virilhas, pois era bastante comum que as pulgas infectadas picassem os braços e as pernas das vítimas.²⁴¹

É popular a crença de que o nome “Peste Negra” tivesse correlação com algum sintoma físico decorrente da falta de oxigenação – consequência da queda da pressão arterial e insuficiência dos pulmões –, que acabava provocando hemorragias subcutâneas, assumindo uma coloração escura no momento terminal da doença.²⁴² No entanto, a referida expressão somente passou a ser adotada em alusão à pandemia da Baixa Idade Média a partir do século XIX. Aqueles que viveram no século XIV davam-lhe nomes mais gerais, como: peste, pestilência, praga, mortalidade.²⁴³ No Arquivo da Coroa de Aragão²⁴⁴, por exemplo, o substantivo latim *mortalitas* (mortalidade) é o mais frequente (75% das ocorrências).²⁴⁵ Cronistas muçulmanos, por sua vez, eram mais imaginativos, chamando a epidemia de “a praga universal”, “a grande destruição” ou “o ano da aniquilação”.²⁴⁶ Delumeau ainda acrescenta que as pessoas evitavam nomear o mal, a fim de não “atraí-lo e demolir a última muralha que o mantinha à distância”.²⁴⁷

Ao que parece, todavia, a expressão “Peste Negra” resulta de uma imprecisa tradução do latim *atra mors* ou *pestis atra*. O adjetivo *atra* (feminino de *ater*)

²⁴⁰ TURA, A., *Plague in Siena*, p. 13.

²⁴¹ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 55.

²⁴² SIMONI, K., *De peste e literatura*, p. 32.

²⁴³ BOWERS, K. W., *Black Death*, p. 56.

²⁴⁴ A Península Ibérica caracterizou-se, no lado oriental, por um conjunto de transformações, que deram lugar a uma organização política e cultural denominada “Coroa de Aragão”. Isto ocorreu a partir do século XII, quando o Reino de Aragão e o Condado de Barcelona ficaram subordinados ao mesmo governo (SABATÉ, F., *A Coroa de Aragão*, p. 55-56). Entre os séculos XI e XIX, o Arquivo Real de Barcelona, ou Arquivo da Coroa de Aragão, foi repositório da memória política, econômica e administrativa relacionada à realeza que governava a região (MOLINA, R. C. D., *Reyes y archivos en la Corona de Aragón*, p. 17).

²⁴⁵ ARRIZABALAGA, J., *La Peste Negra de 1348*, p. 80.

²⁴⁶ MARTIN, S., *The Black Death*, p. 29.

²⁴⁷ DELUMEAU, J., *História do Medo no Ocidente 1300-1800*, p. 172.

significa “preta”, “escura”, mas também é sinônimo de “sombria”, “infeliz”, “malévola”.²⁴⁸ Sua mais antiga aplicação à pestilência da década de 1340 ocorre apenas dois séculos mais tarde, numa crônica sueca de 1555. Posteriormente, a expressão ainda voltaria a ser usada no contexto da Grande Peste de Londres, em 1665.²⁴⁹ A locução correlata *mors nigra* (morte negra) foi aplicada ainda em 1350, pelo astrólogo belga Simon Couvin, em seu poema alegórico sobre a epidemia. O uso desses adjetivos, entretanto, referia-se à natureza terrível da doença, e não a seus sintomas físicos.²⁵⁰

A praga, na verdade, manifestava-se sob três tipos clínicos: bubônica, septicêmica e pneumônica, diferenciando-se entre si pela forma de transmissão e pela severidade dos seus sintomas.²⁵¹ A forma bubônica provocava febre, manchas negras, delírios e os famosos bubões no pescoço, nas axilas e nas virilhas. A septicêmica consistia numa infecção direta na corrente sanguínea e causava um choque séptico, acelerando a morte do paciente.²⁵² A versão pneumônica, porém, tornou-se a principal forma de contágio da doença, principalmente no outono e inverno²⁵³, uma vez que, enquanto a transmissão da bubônica era feita pela pulga, que depende de condições de umidade e temperatura específicas para sobreviver (15 a 20°C de temperatura, com umidade relativa do ar de 90% a 95%), a forma pneumônica se disseminava por meio das gotículas de saliva do indivíduo infectado, penetrando o organismo das pessoas próximas através da respiração.²⁵⁴

Ambas as versões da peste tinham altas taxas de letalidade. A forma bubônica vitimava de 60% a 80% dos pacientes, a maior parte dos quais sucumbia após três ou quatro semanas. A forma pneumônica, no entanto, era ainda mais letal, matando 100% dos indivíduos acometidos, e isso em apenas dois ou três dias.²⁵⁵ E, como já se tinha constatado na Peste Justiniana, os jovens morriam em maior proporção que os idosos, e as mulheres eram mais vulneráveis do que os homens.²⁵⁶

²⁴⁸ LEWIS, C. T.; SHORT, C., *ibid.*, p. 187-188.

²⁴⁹ MARTIN, S., *The Black Death*, p. 28.

²⁵⁰ BYRNE, J. P., *Black Death, Plague, and Pestilence*, p. 52.

²⁵¹ CARNEIRO-CARVALHO, A.; RODRIGUES, I., *A peste negra e as crenças religiosas*, p. 8.

²⁵² FOLLADOR, K. J., *A Relação entre a Peste Negra e os Judeus*, p. 28-29.

²⁵³ LORENZO, A. V., *La Peste Negra en Castilla*, p. 164.

²⁵⁴ FRANCO JÚNIOR, H., *A Idade Média*, p. 32.

²⁵⁵ FRANCO JÚNIOR, H., *A Idade Média*, p. 36.

²⁵⁶ TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 98-99.

3.1.4 Médicos que parecem pássaros

No século XIV, os micro-organismos causadores da Peste Negra ainda estavam distantes de serem descobertos. No entanto, as primeiras tentativas de oferecer uma explicação “científica” para a praga, sem depender exclusivamente do apelo ao divino, já estavam começando a serem feitas. Isso foi possível porque nos dois séculos anteriores à pandemia surgiram as primeiras universidades europeias.²⁵⁷ Bolonha e Paris, entre outras²⁵⁸, agora podiam pesquisar a doença à luz do saber disponível à época.

Inclusive, a primeira teoria científica a respeito das causas da peste foi apresentada pela Universidade de Paris, cuja escola de medicina, patrocinada pelo rei da França, pela burguesia parisiense e pela Igreja francesa, era a mais prestigiada da Europa.²⁵⁹ Consultada pelo Papa, seu parecer foi que, em decorrência de uma conjunção de planetas ocorrida três anos antes²⁶⁰, Júpiter, quente e úmido, teria feito com que se formassem vapores no ar, enquanto Marte, quente e seco, teria inflamado os vapores, provocando a doença.²⁶¹ Esse veredicto tornou-se a resposta científica oficial aceita em toda parte, inclusive pelos médicos árabes de Córdoba e Granada.²⁶²

A ideia de que o ar estava contaminado fez com que medidas preventivas fossem tomadas. Máscaras foram adaptadas, fogueiras eram acesas nas encruzilhadas, janelas eram trancadas e substâncias aromatizantes, como água de rosas, perfumes e até vinagres, eram espalhadas pelas casas.²⁶³ Mais tarde, inclusive, Charles de Lorme (1584 – 1678), primeiro médico de Luís XIII, projetaria o icônico traje dos “médicos da peste” do século XVII, que além de botas, calças, blusas e luvas, tinha como principal adorno uma máscara com o nariz em forma de bico de pássaro, no qual eram colocadas ervas, flores secas e outras substâncias perfumadas, que filtravam o ar inalado pelo profissional.²⁶⁴

²⁵⁷ BOTTON, K. V., University, p. 705-706.

²⁵⁸ As universidades do sul da Europa logo se especializaram nas disciplinas de Direito e Medicina, enquanto as da região setentrional do continente mantiveram Filosofia e Teologia como seus cursos principais (BOTTON, K. V., University, p. 706).

²⁵⁹ GOTTFRIED, R. S., La muerte negra, p. 218.

²⁶⁰ Precisamente em 20 de março de 1345 (GOTTFRIED, R. S., La muerte negra, p. 224).

²⁶¹ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 63.

²⁶² TUCHMAN, B. W., A Distant Mirror, p. 103.

²⁶³ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 63.

²⁶⁴ TIBAYRENC, M.; VIDAL, P.; GONZALEZ, J-P., Infectious Diseases and Arts, p. 680.

Conquanto alguns cuidados fossem exagerados e ineficazes, sobretudo por não prevenirem contra ratos e pulgas, outras medidas, mesmo sem o respectivo propósito, eram úteis, como a queima de tecidos onde a *Xenopsylla Cheopis* podia se esconder. As medidas de isolamento também foram importantes para conter o avanço da peste, principalmente sua versão pneumônica, embora muitos “eruditos” da época, na contramão do bom senso popular, insistissem em não as cumprir.²⁶⁵

A Europa contava, até então, com seis grandes escolas de medicina: Salerno, Montpellier, Bolonha, Paris, Pádua e Oxford. As práticas médicas, no entanto, baseavam-se, principalmente, nas ideias de Hipócrates, Galeno e seus comentaristas árabes. Prevalecia ainda a teoria humoral, pela qual se entendia que a saúde do indivíduo dependia do equilíbrio entre os quatro humores, ou fluidos corporais: sangue, fleuma, bÍlis amarela e bÍlis negra. A busca pela “eucrasia” (equilíbrio entre os humores) é o que justifica algumas das prescrições médicas fornecidas aos pacientes na época, consideradas, pela medicina contemporânea, totalmente ineficazes contra a praga.²⁶⁶

A verdade, porém, é que o receio da contaminação, durante os surtos recorrentes, dificultava a contratação de médicos dispostos a tratar pacientes da peste. Muitos fugiam, e outros, como confessa o cirurgião francês Guy de Chauliac, permaneciam trabalhando por receio da infâmia, ainda que dominados pelo medo.²⁶⁷ As cidades e vilas acometidas pela epidemia passaram, então, a recrutar profissionais de segunda categoria e jovens recém formados tentando se estabelecer. Eles ficavam em quarentena e se abstinham de relações sexuais por longos períodos, mas compensavam os desconfortos do cargo com certos benefícios exigidos em contrato.²⁶⁸

De certa forma, a pandemia do século XIV até contribuiu para uma grande revolução nos conceitos e métodos da medicina, estimulando o profissionalismo e aprimorando as cirurgias, as leis sanitárias e os próprios hospitais, que se tornariam mais eficientes na cura dos doentes, em vez de apenas isolá-los da sociedade. Contudo, nenhum médico da época observou a conexão entre a peste e a abundância de roedores mortos. Alguns comentaristas até destacaram, de forma bem geral, a

²⁶⁵ DELUMEAU, J., História do Medo no Ocidente 1300-1800, p. 159-160.

²⁶⁶ GOTTFRIED, R. S., La muerte negra, p. 211-216.

²⁶⁷ TUCHMAN, B. W., A Distant Mirror, p. 100.

²⁶⁸ CIPOLLA, C. M., A Plague Doctor, p. 65-66.

incidência de ratos nas cidades infectadas, mas nada que os ligassem diretamente à causa da praga.²⁶⁹

Na verdade, à exceção de um comentário vago de Estrabão (64 a.C. – 24 d.C.) apontando os camundongos como frequentes causadores de doenças pestilentas²⁷⁰, os roedores passavam despercebidos nas epidemias em geral. À altura da Baixa Idade Média, no entanto, há muito que as ratazanas, preta (espécie *Rattus rattus*) e cinzenta (espécie *Rattus norvegicus*), já haviam se estabelecido na Europa, oriundas da Ásia, trazendo consigo a peste.²⁷¹ Contudo, o alto índice de mortes repentinas e a velocidade com que se propagava sinalizam que a forma pneumônica da doença era a mais comum, a qual se transmitia pela respiração, fazendo do próprio ser humano seu vetor mais importante, em vez dos ratos. Ademais, mesmo a versão bubônica dependia menos dos roedores do que das pulgas, pois estas também podiam se abrigar nas roupas, forros, pelos, até picar um indivíduo.²⁷²

O fato é que somente no século XX, após o isolamento da bactéria realizado por Alexandre Yersin, a verdadeira causa da doença pôde ser revelada. Na década de 1980, a escavação de um cemitério em East Smithfield, usado exclusivamente para sepultar vítimas da Peste Negra, permitiu a reconstituição do genoma de *Yersinia pestis*. Inicialmente, alguns historiadores e cientistas duvidaram que a referida bactéria estivesse por trás das pandemias medievais. Isso porque as epidemias mais recentes, que já se sabia serem causadas por *Yersinia pestis*, pareciam mais brandas (menor mortalidade e rapidez na proliferação) que as Pestes Justiniana e Negra. No entanto, estudos conduzidos por Hendrik Poinar e Johannes Krause décadas mais tarde conseguiram convencer a maioria dos cientistas de que *Yersinia pestis* estava realmente envolvida na Peste Negra.²⁷³

3.1.5

O triunfo da morte

Os impactos dos surtos epidêmicos sobre as vítimas e a sociedade permearam o imaginário artístico dos fins da Idade Média e início da Moderna. Pieter Bruegel,

²⁶⁹ GOTTFRIED, R. S., La muerte negra, p. 223-224.

²⁷⁰ STRABO, The Geography of Strabo, p. 247.

²⁷¹ DELORT, R., Que a peste seja do rato, p. 111-113.

²⁷² DELORT, R., Que a peste seja do rato, p. 119.

²⁷³ CALLAWAY, E., Plague genome, p. 444-446.

o Velho (1525 – 1569), pintor holandês renascentista, tem como obra-prima uma paisagem sombria repleta de esqueletos que ceifam a vida de indivíduos pertencentes a todas as classes sociais. Sua pintura a óleo sobre um painel de madeira, concluída em 1562 e, geralmente, interpretada como alusiva à mortandade causada pela Peste Negra, ficou conhecida como “O Triunfo da Morte”.²⁷⁴

As testemunhas oculares da pandemia do século XIV estão em acordo sobre sua alta letalidade. Os escritores que registraram a passagem da praga por suas cidades relatam amiúde muitas mortes, cemitérios lotados e população dizimada. Agnolo di Tura, por exemplo, assim descreve o surto epidêmico que devastou Siena em 1348:

A mortalidade começou em Siena em maio de 1348. Foi uma coisa cruel e horrível e não sei por onde começar a contar a crueldade e as maneiras impiedosas. [...] E as vítimas morriam quase imediatamente. [...] E ninguém podia ser encontrado para enterrar os mortos por dinheiro ou amizade. Os membros de uma família levavam seus mortos para uma vala da melhor maneira possível, sem sacerdote, sem ofícios divinos. Nem o sino da morte soava. E em muitos lugares em Siena grandes covas foram cavadas e empilhadas com a multidão de mortos. E eles morriam às centenas dia e noite, e todos eram lançados naquelas valas e cobertos com terra. E assim que essas valas eram preenchidas, mais eram cavadas. [...] Não havia ninguém que chorasse por nenhuma morte, pois todos esperavam a morte. E morreram tantos que todos acreditaram que era o fim do mundo.²⁷⁵

É impossível determinar o número exato de vítimas da Peste Negra, mas as estimativas são, geralmente, altíssimas. Só na década de 40, ocasião da primeira passagem da praga no século XIV, calcula-se que de 25% a 45% da população europeia tenha morrido por causa da peste. Em 1351, agentes do Papa Clemente VI contabilizaram 23,8 milhões de mortes, o que equivalia, até então, a 31% do total de habitantes da Europa cristã.²⁷⁶

Relatos específicos das cidades atingidas endossam essas estimativas. Em Londres, por exemplo, fossas foram construídas para enterros coletivos, e vilas inglesas inteiras deixaram de existir.²⁷⁷ Albi e Castres, entre outras, perderam metade da população. De forma geral, a proporção de óbitos variava de 1/8 a 2/3 nas regiões afetadas²⁷⁸, fossem rurais ou urbanas, indiscriminadamente. Em Grivy, por

²⁷⁴ FRIEDLAENDER, G. E.; FRIEDLAENDER, L. K., *Art in Science*, p. 1416-1417.

²⁷⁵ TURA, A., *Plague in Siena*, p. 13-14.

²⁷⁶ GOTTFRIED, R. S., *La muerte negra*, p. 163.

²⁷⁷ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 61.

²⁷⁸ DELUMEAU, J., *História do Medo no Ocidente 1300-1800*, p. 157-158.

exemplo, um vilarejo em Borgonha com aproximadamente mil e quinhentos moradores, foram registradas seiscentas e quinze mortes no espaço de catorze semanas.²⁷⁹ A mortandade foi tão grande, que o continente só voltaria a ter os mesmos níveis populacionais anteriores à pandemia em meados do século XVI.²⁸⁰

Como se não bastasse a perda humana, a letalidade da praga ganha proporções ainda maiores se levado em conta o relato atribuído a Nicéforo Gregoras (1295 – 1360). O historiador bizantino, sobrevivente da epidemia em Constantinopla, teria informado que não apenas seres humanos, mas também animais domesticados, como cães, cavalos e pássaros, eram vítimas da pestilência.²⁸¹ Relatos locais acrescentam que bois, jumentos, ovelhas, cabras, porcos, galinhas, entre outros, também sucumbiam à praga.²⁸² Quando não morriam diretamente por causa da doença, eram abatidos em massa como “precaução”, já que muitos criam que os animais também propagavam o mal. Só em Londres, por exemplo, na epidemia de 1665, quarenta mil cães e um número cinco vezes maior de gatos foram abatidos.²⁸³

Além da alta mortalidade causada pela praga, muitas aldeias e vilas esvaziaram também devido às debandadas promovidas diante dos primeiros casos noticiados. Sobre isso, inclusive, os que permaneciam, sobretudo os mais religiosos e os que não tinham para onde ir, eram até certo ponto amargos em relação aos que partiam. Muitos insistiam que a fuga era inútil, e que o flagelo alcançaria os medrosos mais cedo ou mais tarde.²⁸⁴

O fato é que a despovoação do continente afetou diretamente a economia. A crise de subsistência, que afetara a Europa nas décadas precedentes à peste, não era mais um problema para uma quantidade de habitantes tão reduzida. O valor dos produtos agrícolas ficou mais barato, e permaneceu menor que o dos itens industriais até o século XVI. Por outro lado, o trabalhador rural ficou mais valorizado devido à escassez de profissionais no campo.²⁸⁵

A despeito de os últimos surtos locais da Peste Negra terem sido registrados nas primeiras décadas no século XVIII, a doença não deixou a humanidade. Em 1855, a partir da província chinesa de Yunnan, a praga voltaria a se espalhar pelo

²⁷⁹ TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 95.

²⁸⁰ FRANCO JÚNIOR, H., *A Idade Média*, p. 37.

²⁸¹ BARTSOCAS, C. S., *Two Fourteenth Century Greek Descriptions of the 'Black Death'*, p. 395.

²⁸² TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 98.

²⁸³ DELUMEAU, J., *História do Medo no Ocidente 1300-1800*, p. 175.

²⁸⁴ GOTTFRIED, R. S., *La muerte negra*, p. 195.

²⁸⁵ GOTTFRIED, R. S., *La muerte negra*, p. 193.

mundo e causar aquela que ficou conhecida como “Pandemia Contemporânea”.²⁸⁶ Embora sua mortalidade tenha sido relativamente inferior aos surtos medievais, foi a primeira vez que a pestilência atravessou o Atlântico e contaminou as Américas, sendo, portanto, a epidemia de peste bubônica de maior extensão geográfica, alcançando todos os continentes habitados. Só na Índia, por exemplo, estima-se que 12,5 milhões de indianos tenham morrido pela praga.²⁸⁷

3.2

A Igreja

Os oitocentos anos que separam a Igreja que superou a primeira epidemia de peste bubônica, no século VI, daquela que enfrentaria a pandemia do século XIV forjaram uma religião bem mais estruturada política e socialmente. As Escrituras cristãs estavam agora disponíveis em vinte e seis idiomas, embora a proporção de adeptos em relação à população mundial ainda fosse de 21%, havendo outros 76% que sequer tinham sido evangelizados.²⁸⁸

Já havia três séculos, após o Cisma do Oriente (1054) e o início das Cruzadas (1095), que a Europa experimentava um período de aquecimento da religiosidade popular. Multiplicaram-se as ordens religiosas, as peregrinações à Terra Santa, as buscas por relíquias sagradas. Em resumo, o cotidiano dos cidadãos estava cada vez mais influenciado pela Igreja.²⁸⁹ Este contexto ficará ainda mais evidente neste capítulo, quando forem discutidas as reações, interpretações e acusações feitas pela população predominantemente cristã à peste e aos seus supostos disseminadores. Antes, porém, será exposta a grande crise que a Santa Sé atravessava no início da pandemia.

3.2.1

O cativo de Avignon

Uma intensa animosidade desgastava, desde os fins do século XIII, a relação entre o pontificado e a coroa francesa. A fim de financiar sua guerra contra a

²⁸⁶ MARQUESA, J. E. A., et al., Covid-19, p. 750.

²⁸⁷ ZIETZ, B. P.; DUNKELBERG, H., The history of the plague and the research on the causative agent *Yersinia pestis*, p. 173.

²⁸⁸ KURIAN, G. T., Christian Centuries.

²⁸⁹ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 44.

Inglaterra, Filipe IV da França (1268 – 1314) quis aplicar tributo sobre a igreja de seu país, ao que prontamente reagiu o Papa Bonifácio VIII emitindo, em 1296, a bula *Clericis Laicos*, na qual reafirma a independência dos bens eclesiásticos frente ao poder temporal e ameaça de excomunhão qualquer nobre que insistisse na taxa-ção de imposto sobre o clero. Como represália, Filipe IV restringiu a exportação de prata, ouro, cavalos, armas e outros artigos de seu país, além de proibir que estrangeiros residissem na França, medidas que cortaram as contribuições francesas para o tesouro papal e coibiram a presença dos emissários de Bonifácio VIII em suas fronteiras.²⁹⁰

A despeito das tentativas de o papa atenuar suas relações com o monarca francês, a controvérsia entre ambos reacendeu em 1301. Um documento, provavelmente escrito pelo advogado Pierre Dubois, negava o direito do papa ao poder secular. Em resposta, o Sumo Pontífice emitiu a bula *Ausculta fili*, declarando que Deus havia colocado seu vigário terreno acima de reis e de reinos. A crise se agravou com uma carta de Filipe a Bonifácio, em que o monarca recusava submeter-se a qualquer pessoa em questões temporais, enquanto o papa, por sua vez, emitia a bula *Unam sanctam*, através da qual faz uma das mais claras reivindicações papais ao poder temporal e espiritual. O imbróglio resultou na excomunhão de Filipe IV.²⁹¹

O ápice da disputa entre os dois poderes, no entanto, ainda estava por vir. O parlamento francês acusou Bonifácio VIII de praticar simonia, feitiçaria, homicídio e outros crimes. Decidido a desobrigar seus fiéis da lealdade ao rei da França, o papa foi surpreendido por uma multidão de conspiradores, mercenários e populares, que invadiram sua própria sede em Anagni e o aprisionaram por três dias. Bonifácio acabou sendo resgatado e conduzido a Roma, mas faleceu um mês depois.²⁹²

Bento XI assumiu o pontificado e acalmou a relação entre a Santa Sé e a coroa francesa, mas morreu com apenas oito meses no cargo. Filipe IV, então, apoiou a candidatura do arcebispo de Bourdeaux, Bertrand de Gouth, à cadeira pontifícia, na qual passou a ser chamado de Clemente V. Seu pontificado foi marcado pela anulação da excomunhão decretada contra Filipe IV e pela migração da sede papal de Roma para a cidade francesa de Avignon.²⁹³ A mudança foi justificada pelos

²⁹⁰ SCHAFF, P.; SCHAFF, D. S., History of the Christian church, p. 17.

²⁹¹ SCHAFF, P.; SCHAFF, D. S., History of the Christian church, p. 18-19.

²⁹² SCHAFF, P.; SCHAFF, D. S., History of the Christian church, p. 22-23.

²⁹³ WADDINGTON, G., A History of the Church from the Earliest Ages to the Reformation, p. 2-3.

distúrbios que acometera a capital italiana, mas atendia também ao interesse do rei da França de ter o maior chefe da Cristandade sob sua influência.²⁹⁴

Avignon fica no sul da França, às margens do rio Ródano, e tornou-se residência papal em 1309. Sete papas, todos franceses, governaram lá: Clemente V (até 1314), João XXII (1316 – 1334), Bento XII (1334 – 1342), Clemente VI (1342 – 1352), Inocêncio VI (1352 – 1362), Urbano V (1362 – 1370) e Gregório XI, que transferiu a Santa Sé de volta a Roma em 1377. O período de quase setenta anos em que o papa se alojou em território francês ficou conhecido como “Cativeiro Babilônico dos Papas” ou “Cativeiro de Avignon”.²⁹⁵

A principal sede papal no século XIV foi violentamente atingida pela praga. Em Avignon, cerca de quatrocentas pessoas morriam diariamente no auge da pandemia. Mais de sete mil casas ficaram totalmente desabitadas. Um único cemitério recebeu onze mil cadáveres em apenas seis semanas, e quando não havia mais onde sepultá-los, os corpos eram jogados no rio Ródano. Estima-se que a cidade tenha perdido metade da sua população vítima da peste, incluindo nove cardeais (um terço do total) e setenta prelados menores.²⁹⁶

Quando a peste chegou em meados daquele século, no entanto, o Papado de Avignon já estava bastante desacreditado. O clero era acusado de práticas avarentas e imorais, como venda de cargos eclesiásticos e prostituição.²⁹⁷ Sismondi (1773 – 1842), historiador suíço, assim descreveu esse período:

A residência dos pontífices em Avignon teve a influência mais perniciosa sobre os costumes da Igreja, sua política, seu repouso e sua fé. A corrupção dos prelados, a vida desonesta e escandalosa dos jovens cardeais, elevados à púrpura por favores ou intrigas, a licença universal na cidade, eram tão notórias que Avignon não era mais designada senão pelo nome de Babilônia. Este epíteto é encontrado não apenas nas amargas invectivas de Petrarca, mas nas cartas e escritos dos homens mais moderados e religiosos do século XIV. Avignon continha a espuma dos italianos e dos franceses; os intrigantes de todas as nações vinham para lá em busca de fortuna; traziam consigo as faltas mais odiosas de seus compatriotas; o povo e a corte de Avignon faziam costumes do que eram considerados vícios de outras nações. Nos séculos anteriores, a corte de Roma já havia sido repreendida por sua ambição excessiva, sua ocultação, sua avarizia e sua ingratidão; mas durante a permanência dos papas na França, ela ainda era vista como venal e pérfida na administração do povo, servil em suas relações com a corte da França, licenciada e intemperante na vida privada de seus prelados.²⁹⁸

²⁹⁴ TUCKER, R. A., *Parade of Faith*, p. 193.

²⁹⁵ JACKSON, S. M., *Avignon*, p. 387.

²⁹⁶ TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 94.

²⁹⁷ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 66.

²⁹⁸ SISMONDI, J. C. L. S., *Histoire des Républiques Italiennes Du Moyen Age*, p. 2-3.

Se as imoralidades que marcaram a passagem da Santa Sé por Avignon devem ser vistas como tentações a que o clero não conseguiu resistir em território estrangeiro, ou se apenas tornaram notórias práticas antes veladas em sua sede histórica, é uma questão sobre a qual não há consenso entre os historiadores.²⁹⁹ De qualquer forma, a aparente impotência da instituição diante da população que sofria desgastava ainda mais sua imagem.³⁰⁰ Nesse contexto de descrédito sobre a liderança eclesiástica, “a peste acelerou o descontentamento com a Igreja no exato momento em que as pessoas sentiam uma maior necessidade de segurança espiritual”.³⁰¹

Na avaliação de Gottfried, “a principal falha da igreja cristã consistiu em não oferecer o necessário consolo ou apoio durante a crise”.³⁰² Para o historiador, essa falha teve duas formas, ambas diretamente relacionadas à própria imagem do clero. Primeiro, o insucesso dos médicos. Quase todos os profissionais eram clérigos, cujo preparo e licença eram supervisionados pela Igreja. Consequentemente, quando a medicina não lograva êxito no combate à peste, grande parte da culpa era compartilhada com a instituição eclesiástica. Além disso, muitos párocos fugiram sem deixar ninguém que oferecesse serviços religiosos, ministrasse os últimos ritos e confortasse os enfermos. Assim, ainda que não abandonassem totalmente a fé, muitos cristãos preferiram seguir seu próprio caminho para a salvação, mesmo depois de a praga cessar e os sacerdotes retornarem.³⁰³

Urge ressaltar, por outro lado, que o clero sofreu com a peste na mesma proporção que a população leiga. Apenas se nota que a mortalidade clerical variava de acordo com a posição, ou seja, prelados conseguiam sustentar uma taxa de sobrevivência mais alta que a do clero menor. Entre os bispos, por exemplo, estima-se que morria um em cada vinte, enquanto os padres, apesar de muitos evitarem atender os moribundos, sofriam baixas equivalentes à população em geral.³⁰⁴ Capelães e párocos, responsáveis pelas confissões e sacramentos, morriam em números desmedidos, de maneira que, conforme resumiu um cronista irlandês, “o confessor e o confessado eram levados juntos para o túmulo”.³⁰⁵

²⁹⁹ WADDINGTON, G., *A History of the Church from the Earliest Ages to the Reformation*, p. 30.

³⁰⁰ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 66.

³⁰¹ TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 123.

³⁰² GOTTFRIED, R. S., *La muerte negra*, p. 174.

³⁰³ GOTTFRIED, R. S., *La muerte negra*, p. 174-176.

³⁰⁴ TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 100.

³⁰⁵ COHN JÚNIOR, S. K., *The Black Death Transformed*, p. 121.

Deve-se considerar também que os membros do clero regular compartilhavam mosteiros e conventos extremamente populosos, e muitos deles eram idosos, portanto mais suscetíveis a infecções.³⁰⁶ Contudo, isso não impedia algumas sinistras coincidências envolvendo o prelado superior, como a morte de três arcebispos de Cantuária em sucessão, no intervalo de um ano: John de Stratford (1333 – 1348), John de Ufford (1348 – 1349) e Thomas Bradwardine (1349).³⁰⁷

3.2.2 Pestilência x Penitência

As crises sanitária e eclesiástica, que concomitantemente afligiram a Europa em meados do século XIV, repercutiram no *modus vivendi* da população. Muitos se sentiram abandonados pelas instituições e hierarquias religiosas, e entregaram-se, conseqüentemente, aos prazeres terrenos. A expectativa de uma morte iminente era combustível para uma vida de desregramentos.³⁰⁸ Nas palavras de Tuchman, “a ilegalidade e a devassidão acompanharam a praga, como aconteceram durante a grande praga de Atenas de 430 a.C.”.^{309 310}

Por outro lado, parte da sociedade renovou seu fervor religioso. Como descreve Thiago Dias, “a realidade pestilenta causou uma efervescência e uma participação maior nos ritos religiosos”.³¹¹ A convicção de que a pestilência resultava de um juízo divino sobre o pecado, o qual somente seria aplacado por meio de arrependimento e penitência, reavivou a religiosidade apática e indiferente dos cristãos

³⁰⁶ QUÍRICO, T., Peste Negra e escatologia, p. 138.

³⁰⁷ TUCHMAN, B. W., A Distant Mirror, p. 100.

³⁰⁸ QUÍRICO, T., Peste Negra e escatologia, p. 142.

³⁰⁹ TUCHMAN, B. W., A Distant Mirror, p. 100.

³¹⁰ Tucídides assim descreve o comportamento dos atenienses durante a praga de 430 a.C.: “De um modo geral a peste introduziu na cidade pela primeira vez a anarquia total. Ousava-se com a maior naturalidade e abertamente aquilo que antes só se fazia ocultamente, vendo-se quão rapidamente mudava a sorte, tanto a dos homens ricos subitamente mortos quanto a daqueles que antes nada tinham e num momento se tornavam donos dos bens alheios. Todos resolveram gozar o mais depressa possível todos os prazeres que a existência ainda pudesse proporcionar, e assim satisfaziam os seus caprichos, vendo que suas vidas e riquezas eram efêmeras. Ninguém queria lutar pelo que antes considerava honroso, pois todos duvidavam de que viveriam o bastante para obtê-lo; o prazer do momento, como tudo que levasse a ele, tornou-se digno e conveniente; o temor dos deuses e as leis dos homens já não detinham ninguém, pois vendo que todos estavam morrendo da mesma forma, as pessoas passaram a pensar que impiedade e piedade eram a mesma coisa; além disto, ninguém esperava estar vivo para ser chamado a prestar contas e responder por seus atos; ao contrário, todos acreditavam que o castigo já decretado contra cada um deles e pendente sobre suas cabeças, era pesado demais, e que seria justo, portanto, gozar os prazeres da vida antes de sua consumação” (TUCÍDIDES, História da Guerra do Peloponeso, p. 118).

³¹¹ DIAS, T. F., A religiosidade sustentada pelo medo, p. 51.

nominais. Houve um poderoso reforço na tradicional ideia de que as obras, assim como a fé, ajudavam a alcançar a salvação.³¹²

Essa renovada piedade do povo se materializou em vultuosas doações de dinheiro e de terras a mosteiros e hospitais. Receosos de seu destino *post mortem*, muitos preferiam aliviar suas culpas doando seus bens à Igreja.³¹³ Na Inglaterra, por exemplo, cerca de um quarto dos estados, terras e bens móveis de todos os testadores foram destinados a obras de piedade. Na França, as doações às instituições existentes cresceram quase 50% entre os anos de 1300 e 1350.³¹⁴

A caridade popular ganhava ainda o reforço da crença no purgatório. Rosenthal bem resume o impacto dessa doutrina nos fins da Idade Média:

O conceito de purgatório ganhou o imaginário religioso popular no final da Idade Média. Cada vez mais os esforços da igreja eram dedicados a ensinar aos vivos o que eles poderiam fazer pelos mortos – tanto o próprio doador quanto qualquer outro que ele procurasse ajudar. A religião popular se concentrou em grande parte neste capítulo de todo o *corpus* da crença cristã. Além de ocupar o tempo e os esforços do clero, a preocupação com o purgatório consumia parte considerável do dinheiro e do entusiasmo espiritual dos leigos.³¹⁵

De certa forma, a liberalidade motivada pelo sentimento de culpa foi uma importante provisão financeira para o clero. A transferência da sede papal para Avignon trouxera alguns prejuízos. Cidades e distritos populosos foram desvinculados dos estados eclesiásticos, e vários barões romanos, seus feudatários, apropriaram-se de terras da Igreja. Esse dano causado ao tesouro pontifício precisava ser ressarcido.³¹⁶ As doações dos leigos, portanto, eram uma importante fonte de renda e “constituíam uma das premissas financeiras subjacentes e sustentadoras de todo o sistema de instituições eclesiásticas corporativas”.³¹⁷

Nesse contexto, o Jubileu também se tornou uma ocasião propícia para aumentar a arrecadação. Em 1300, Bonifácio VIII havia instituído o “Ano Santo”, uma revivência do antigo calendário jubilar dos hebreus³¹⁸, prometendo indulgência plenária a todos que peregrinassem até Roma, privilégio antes oferecido apenas aos

³¹² GOTTFRIED, R. S., *La muerte negra*, p. 176.

³¹³ QUÍRICO, T., *Peste Negra e escatologia*, p. 142-143.

³¹⁴ GOTTFRIED, R. S., *La muerte negra*, p. 176-177.

³¹⁵ ROSENTHAL, J. T., *The Purchase of Paradise*, p. 11-12.

³¹⁶ WADDINGTON, G., *A History of the Church from the Earliest Ages to the Reformation*, p. 27.

³¹⁷ ROSENTHAL, J. T., *The Purchase of Paradise*, p. 13.

³¹⁸ Levítico 25

peregrinos de Jerusalém e aos voluntários das Cruzadas. O evento demonstrou ser bastante rentável, sobretudo quando a indulgência exigia alguma contribuição monetária, fato que motivou Clemente VI a proclamar outro Ano Santo em 1350, durante a pandemia, antecipando em cinquenta anos a agenda prevista originalmente. Papas posteriores reduziram ainda mais o intervalo entre os anos jubilares, primeiro para trinta e três (em 1389), e depois para vinte e cinco anos (em 1475).³¹⁹³²⁰

Durante a Baixa Idade Média, os sacramentos eram cumpridos e respeitados de forma desigual. O Batismo, por exemplo, sempre foi altamente considerado e, praticamente, todos os cristãos eram batizados. A mesma estima se tinha pela Eucaristia, embora, paradoxalmente, o mistério envolvendo o milagre da transubstanciação provocasse nos fiéis um sentimento de indignidade tal que muitos preferiam não receber a hóstia. A Crisma, por outro lado, era o mais negligenciado dos sacramentos, e muitos aguardavam por anos até que um bispo visitasse suas paróquias e realizasse uma cerimônia coletiva. Quando ao Matrimônio, frequentemente as regras eclesiásticas eram ignoradas, com destaque para o incesto, cuja definição e abrangência reconhecidas na época tornavam quase impossível um camponês encontrar em sua aldeia alguém que tivesse grau de parentesco distante o suficiente para casar sob os parâmetros da Igreja, ou um nobre encontrar dentro de seu grupo restrito e consanguíneo um cônjuge social e canonicamente aceitável.³²¹

Contudo, a preocupação de morrer devidamente preparado reacendeu o interesse pelos sacramentos, especialmente o Batismo e a Unção dos Enfermos, ambos relacionados com o perdão dos pecados e com a salvação da alma. O primeiro tornava o Paraíso acessível; o último apagaria as faltas mais graves e os pecados mortais.³²² O impasse, porém, sobretudo no caso da Unção dos Enfermos, é que muitas paróquias ficavam sem oficiantes para ministrá-los, em razão de seus párocos sucumbirem à doença.³²³ Assim, muitos morriam sem os últimos ritos, a ponto de um

³¹⁹ MAYES, B. T. G., Preface and Glosses to Two Bulls of Pope Clement VII on the Jubilee Indulgence, p. 102-103.

³²⁰ O Jubileu promovido por Clemente VII em 1525 foi duramente criticado por Martinho Lutero. O reformador traduziu para o alemão as duas bulas papais que anunciavam o Ano Santo, prefaciando-as com seu próprio comentário crítico, alegando que o papa se preocupava apenas com dinheiro. Em certo trecho, Lutero diz: “Caro Papa Clemente, você não vai nos sobrecarregar com sua clemência docemente o suficiente para nos fazer comprar mais indulgências. Querido portão dourado e queridas bulas, voltem para casa! Deixe que os italianos também deem dinheiro para você” (LUTHER, M., A Preface to the Reader on the Bulls of the Jubilee Year, p. 106-107).

³²¹ BORNSTEIN, D. E., The Bianchi of 1399, p. 14-18.

³²² QUÍRICO, T., Peste Negra e escatologia, p. 139.

³²³ FOLLADOR, K. J., A Relação entre a Peste Negra e os Judeus, p. 30.

bispo inglês permitir que os leigos fizessem confissões uns aos outros e até para mulheres. Clemente VI preferiu, então, conceder remissão de pecados a todas as vítimas da peste, já que muitas não tinham sido assistidas por padres.³²⁴

Outra forma de tentar obter o favor divino durante a pestilência eram as procissões. Culturas muito antigas já cultivavam esse costume por razões espirituais, como evitar desastres, garantir colheitas fartas e homenagear divindades, ou eventos sociais, como entronizar um rei e acompanhar um casamento.³²⁵ Os cristãos, porém, pouca liberdade tinham para organizar manifestações do gênero, senão a partir do quarto século, quando as procissões se tornaram recorrentes em toda Cristandade, fosse em festas de ação de graças, indução de bispos, consagração de igrejas ou, especialmente, como foi na Peste Negra, em tempos de calamidade pública.³²⁶ Neste último caso, as procissões penitenciais consistiam em ladainhas de petições e súplicas (lat. *litaniae rogationes, supplicationes*).³²⁷

Na segunda metade do século XIV, as procissões aumentaram. Inúmeros cortejos desse tipo foram promovidos com o fim de afastar a pestilência e aplacar a ira divina.³²⁸ E além desse propósito penitencial, acrescenta-se o aspecto do exorcismo. Todos os cantos da cidade eram percorridos, a fim de que os eflúvios dos objetos sagrados, conduzidos em cortejo, esconjurassem o mal da região.³²⁹ Para tão importante missão, todos eram convocados: clérigos, leigos, magistrados, cidadãos simples e confrades. Uma longa liturgia era cumprida, e assim devia ser, pois “uma súplica em tal perigo só tem possibilidade de ser escutada pelo Céu se se prolonga suficientemente para forçar a atenção e a compaixão do Juiz encolerizado”.³³⁰

Apenas como exemplo, pode-se destacar a procissão realizada em Perúgia, em 1476. Durante cinco dias, os peruginos caminharam pela cidade levando o estandarte de Madona de São Francisco, entre outras imagens, com grande contrição e súplicas. Como tal manifestação não foi suficiente para restaurar a saúde da população, uma nova e mais longa série de procissões, com duração de dezoito dias, incluindo três de jejum, foi convocada. Quando Perúgia foi atacada por outro surto

³²⁴ TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 94-95.

³²⁵ DUFF, P. B., *Processions*, p. 469.

³²⁶ SCHAFF, P.; SCHAFF, D. S., *History of the Christian church*, p. 466.

³²⁷ JACKSON, S. M., *Processions*, p. 264.

³²⁸ QUÍRICO, T., *Peste Negra e escatologia*, p. 144.

³²⁹ DELUMEAU, J., *História do Medo no Ocidente 1300-1800*, p. 216.

³³⁰ DELUMEAU, J., *História do Medo no Ocidente 1300-1800*, p. 217.

da peste uma década depois, coube ao franciscano Bernardino da Feltre (1439 – 1494) convocar uma nova rodada de procissões de penitentes vestidos de branco.³³¹

Mário J. Bastos esclarece que as procissões promovidas pelo clero oficial também eram uma forma de orientar, reter e canalizar as manifestações expiatórias, reafirmando “o direito exclusivo da Igreja hierárquica de impor ao pecador a ‘satisfação’ de seu erro”, coisa que àquela altura estava sendo buscada pelas históricas autoflagelações.³³² Desde a primeira metade do século XI, já havia autoflagelantes entre os eremitas de Luceoli e os monges de Fonte Avellana³³³, onde Pedro Damiano (1007 – 1072) aprendeu a prática e se tornou seu primeiro apologista literário. Por duzentos anos, o estranho costume ficou confinado aos mosteiros, onde muitos monges impunham a si próprios a penitência da leitura dos Salmos acompanhada de autoflagelação. A partir de meados do século XIII, no entanto, a prática tomou as ruas de algumas cidades, onde milhares de devotos caminhavam despidos até a cintura, carregando cruzeiros e bandeiras, cantando e se flagelando.³³⁴

Entre os anos de 1348 e 1349, já por ocasião da Peste Negra, a autoflagelação se difundiu por todas as partes da Europa. Da Itália, o movimento passou a Hungria, Alemanha, Holanda, Boêmia, Polônia, Dinamarca e Inglaterra.³³⁵ Entusiastas trazendo chicotes com pontas de ferro pontiagudas acampavam em praças públicas, e duas vezes por dia se desnudavam até a cintura, ajoelhavam-se e iniciavam os açoites contra as próprias costas.³³⁶ Em mais de um caso, os flagelantes tomaram uma posição hostil contra o clero, afetando a influência da Igreja sobre as multidões. Em 20 de outubro de 1349, porém, o Papa Clemente VI interviu e proibiu a autoflagelação, condenando os flagelantes e sua causa nos termos mais severos. O movimento foi, então, suprimido, e a prática foi mantida apenas por alguns grupos sectários.³³⁷

³³¹ BORNSTEIN, D. E., *The Bianchi of 1399*, p. 22.

³³² BASTOS, M. J. M., *Pecado, castigo e redenção*, p. 199-200.

³³³ HAUPT, H., *Flagellation*, p. 324.

³³⁴ MORGAN, R. J., *By His Stripes*.

³³⁵ HAUPT, H., *Flagellation*, p. 324.

³³⁶ MORGAN, R. J., *By His Stripes*.

³³⁷ HAUPT, H., *Flagellation*, p. 325.

3.2.3 As reformas e a peste

A Igreja não atravessou a Peste Negra ilesa. Marcas profundas foram deixadas na sua identidade, as quais mudariam para sempre o modo de os cristãos cultuarem e comungarem a fé. Contudo, antes do agitação dogmático que tomou o século XVI, mudanças mais discretas foram sentidas na liturgia. Uma delas, por exemplo, foi o culto a novos santos. Desde a Peste Justiniana, São Sebastião era preterido em surtos epidêmicos. No entanto, a alta mortalidade, mesmo entre os seus devotos, abriu espaço para a invocação de outro santo, Roque de Montpellier (1295 – 1327), piedoso cristão reconhecido por sua dedicação ao cuidado das vítimas da peste.³³⁸

De Orígenes (185 – 254 d.C.) a São Bernardo de Claraval (1090 – 1153 d.C.), a homilia consistia basicamente numa exposição popular da Escritura lida ou cantada na assembleia litúrgica.³³⁹ A partir do século XIII, porém, especialmente devido ao esforço das ordens mendicantes e ao uso de linguagem mais popular do que o latim da elite eclesiástica, percebe-se certa mudança nos sermões pregados aos leigos.³⁴⁰ A homilia toma a forma de um discurso independente da liturgia e transforma o púlpito numa plataforma para debates teológicos, denúncias de heresias e exortações morais baseadas na vida dos santos.³⁴¹

A princípio, a preocupação com as penitências era tema frequente dos sermões. Em decorrência da pandemia do século XIV, no entanto, os pregadores passam a enfatizar assuntos escatológicos, tendência que se estende ao século XV. Multiplicam-se parêneses que destacam a necessidade de arrependimento com vistas à proximidade do fim, descrevendo igualmente o terror que aguardaria os condenados ao Inferno.³⁴²

A abertura que se deu ao novo estilo de pregação prepara a Cristandade ocidental para as reformas e dissidências que viriam. Ainda no século XIV, John Wycliffe (1328 – 1384) traduziu a Vulgata para o inglês e defendeu fortes reformas na Igreja. John Hus (1369 – 1415) endossou na Boêmia muitas ideias de Wycliffe, mas foi acusado de heresia e queimado. No século XV, destaca-se Girolamo

³³⁸ SIGERIST, H. E., *Civilization and Disease*, p. 142.

³³⁹ WAZNAK, R. P., *Homily*, p. 553.

³⁴⁰ QUÍRICO, T., *Peste Negra e escatologia*, p. 143.

³⁴¹ WAZNAK, R. P., *Homily*, p. 553.

³⁴² QUÍRICO, T., *Peste Negra e escatologia*, p. 143-144.

Savonarola (1452 – 1498), que pregou contra a riqueza e luxúria do clero, mas também morreu martirizado.³⁴³

Como revela Thiago Dias, parte da população leiga passou a questionar a capacidade de intercessão da Igreja, e a crença na hierarquia eclesiástica minguava cada vez mais.³⁴⁴ Tudo isso contribuiu para a difusão do misticismo e da piedade laica. Os místicos, entre os quais Eckhart de Hochheim (1260 – 1328), John van Ruysbroeck (1293 – 1381), Johann Tauler (1300 – 1361) e Henrique Suso (1295 – 1366), criam que Deus habitava em cada pessoa, sendo sua presença proporcional à capacidade de o indivíduo suprimir suas inclinações carnis e submeter sua vontade à de Deus. A piedade laica, por sua vez, expressava-se em organizações, como “Os Irmãos da Vida Comum”, movimento oriundo dos Países Baixos em fins do século XIV. A principal característica tanto do misticismo quanto da piedade laica era a falta de necessidade de um clero para mediar o relacionamento com Deus. Após a Peste Negra, muitos cristãos estavam convencidos de que podiam comunicar-se com Deus diretamente.³⁴⁵

Os principais movimentos reformistas na Igreja, no entanto, viriam no século XVI. Delumeau opina que a tese de que “os Reformadores teriam deixado a Igreja Romana porque ela estava repleta de devassidões e impurezas é insuficiente”.³⁴⁶ O historiador francês defende que as crises dos séculos precedentes, entre as quais a Peste Negra, formaram o que ele chama de “grande angústia coletiva”, para a qual a Reforma foi, “em primeiro lugar, uma resposta religiosa”.³⁴⁷

Para Gottfried, a principal conexão entre a teologia da Reforma Protestante e a Peste Negra tem a ver com o crescente papel das indulgências nos séculos XIV e XV. A ênfase dada pelos clérigos ao chamado “tesouro de méritos”, embora não tenha sido o único tema combatido por Martinho Lutero (1483 – 1546), inspirou boa parte de suas noventa e cinco teses.³⁴⁸ Em sua décima tese, por exemplo, com uma sentença que até certo ponto interessava às vítimas da praga, o reformador alemão declara: “agem de modo errado e ignorante os sacerdotes que, no caso dos moribundos, reservam-lhes penalidades canônicas para o purgatório”.³⁴⁹

³⁴³ MATHER, G. A.; NICHOLS, L. A., *Cristianismo*, p. 140.

³⁴⁴ DIAS, T. F., *A religiosidade sustentada pelo medo*, p. 46.

³⁴⁵ GOTTFRIED, R. S., *La muerte negra*, p. 181-182.

³⁴⁶ DELUMEAU, J., *Nascimento e Afirmação da Reforma*, p. 59.

³⁴⁷ DELUMEAU, J., *Nascimento e Afirmação da Reforma*, p. 60.

³⁴⁸ GOTTFRIED, R. S., *La muerte negra*, p. 182-183.

³⁴⁹ LUTERO, M., *As 95 Teses e a Essência da Igreja*, p. 14.

Não demorou para que respostas aos dilemas da epidemia, sempre exigidas da Grande Igreja, passassem também a ser exigidas daqueles que a queriam reformar. Exemplo disso é o questionamento enviado por Johann Hess, pastor em Breslau, a Martinho Lutero, a respeito de os cristãos poderem fugir da praga. O reformador alemão pondera que não se pode colocar o mesmo fardo sobre todos, já que entre os cristãos havia “fortes” e “fracos”, mas considera que os que estivessem envolvidos nalgum ministério espiritual, como pregadores e pastores, deveriam permanecer firmes diante do perigo da morte, a não ser, é claro, que na localidade houvesse ministros suficientes para pouparem seus colegas do risco desnecessário. A mesma postura Lutero esperava dos que exerciam cargos públicos (prefeitos, juizes e afins) e das pessoas que mantinham uma relação de serviço para com outrem (criados, médicos, pais, filhos, tutores).³⁵⁰

Outro reformador protestante atuante na Peste Negra foi Ulrico Zuínglio (1484 – 1531). O protagonista da reforma suíça estava de férias quando a praga eclodiu em Zurique, em agosto de 1519. Ele logo voltou à cidade para ministrar às vítimas, mas também contraiu a doença e quase pereceu.³⁵¹ Entre os reformadores, Zuínglio era o que mais tinha habilidade com música; tocava harpa, violino, dulcimer, flauta e trompa de caça.³⁵² Foi ele quem compôs o famoso “Hino da Peste”, canção que retrata sua confiança em Deus no início da doença (estrofes 1 a 4), sua angustiada súplica quando sua saúde piorou (estrofes 5 a 8) e seu regozijo quando finalmente se recuperou (estrofes 9 a 12).

- 1) Ajuda-me, ó Senhor, minha força e rocha. Eis, na porta! Eu ouço a batida da morte.
- 2) Levante o braço brilhante, uma vez perfurado por mim, que venceu a morte. E me liberte.
- 3) Ainda, se tua voz, no meio-dia da vida. Recorda minha alma, então eu obedeco.
- 4) Em fé e esperança, a Terra eu renuncio. Seguro do céu. Pois eu sou Teu.
- 5) Minhas dores aumentam; apressa para consolar. Por medo e aflição apoderar-se de corpo e alma.
- 6) A morte está próxima; meus sentidos falham; minha língua é muda. Agora, Cristo, prevalece!
- 7) Eis deformações de Satanás para arrebatar sua presa. Eu sinto seu aperto; devo ceder?
- 8) Ele não me prejudica; não temo nenhuma perda. Por aqui eu me deito, debaixo da tua cruz.
- 9) Meu Deus! Meu Senhor! Curado pela mão. Sobre a terra mais uma vez eu me levanto.
- 10) Não deixe mais que o pecado domine sobre mim. Minha boca vai cantar sozinha a ti.
- 11) Embora agora atrasado, minha hora vai chegar. Envolvido, talvez, em trevas mais profundas.
- 12) Mas, que venha! Com alegria eu vou subir, e suportar meu jugo direto para os céus.³⁵³

³⁵⁰ LUTHER, M., *Whether One May Flee From a Deadly Plague*, p. 119-122.

³⁵¹ *Black Death Inspires Zwingli's "Plague Hymn"*

³⁵² TUCKER, R. A., *Parade of Faith*, p. 242-243.

³⁵³ *Black Death Inspires Zwingli's "Plague Hymn"*

3.2.4 De quem é a culpa?

De acordo com Delumeau, “encontrar as causas de um mal é recriar um quadro tranquilizador, reconstituir uma coerência da qual sairá logicamente a indicação dos remédios”.³⁵⁴ Em tempos medievais, essa tarefa recaía sobre a Igreja, principal mentora da população. Era ela quem interpretava o mal, sugeria suas causas e propunha seus remédios.³⁵⁵

A despeito de os eruditos do século XIV atribuírem a causa da pestilência à uma aleatória conjunção de planetas, para as pessoas em geral só havia uma explicação plausível para tamanha tragédia: Deus estava irado com a humanidade. Para alguns, tratava-se mesmo de um juízo semelhante ao Dilúvio.³⁵⁶ Clemente VI se referiu à peste “com a qual Deus aflige o povo cristão, causada pelos pecados do povo”.³⁵⁷

O entendimento de purgação perpetrada por Deus durante a vida possuía precedentes bíblicos. As Escrituras contêm numerosos relatos de punições resultantes da ira de Deus, textos que para a sociedade medieval forneciam respaldo teológico para as diversas tragédias. Passagens como as pragas no Egito³⁵⁸ ou as ameaças levíticas contra o Israel desobediente³⁵⁹ legitimavam a crença de que a pestilência era uma sanção empregada por Deus devido às faltas cometidas pelos fiéis.³⁶⁰

A ideia ganhava força à medida que a própria consciência do povo era tomada de culpa. Ganância, avareza, usura, adultério, blasfêmia, falsidade, luxo eram apenas alguns dos pecados reconhecidamente praticados por grande parte da população europeia. Como se não bastassem as faltas mais tradicionais, a consciência dos leigos era perturbada ainda mais com o jugo que a Igreja impunha sobre atos mais triviais, como deixar de jejuar ou assistir à missa. “O resultado foi um lago subterrâneo de culpa na alma que a praga agora explorou”, afirma Tuchman.³⁶¹

A ideia de se atribuir a Deus a causa da praga influenciou até mesmo a imagem de Cristo retratada nas obras de arte. Antes da Peste Negra, era comum seu

³⁵⁴ DELUMEAU, J., *História do Medo no Ocidente 1300-1800*, p. 201.

³⁵⁵ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 49.

³⁵⁶ TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 103.

³⁵⁷ CLEMENTE VI, PP., *Quamvis perfidiam Iudeorum*.

³⁵⁸ Êxodo 7,1-6

³⁵⁹ Levítico 26,14-25

³⁶⁰ DIAS, T. F., *A religiosidade sustentada pelo medo*, p. 52-53.

³⁶¹ TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 104-105.

retrato abençoando com uma mão e rejeitando com a outra. Após a pandemia, no entanto, a representação do Cristo escatológico como um juiz ocupado unicamente em amaldiçoar os condenados se torna mais frequente. No Campo Santo de Pisa, por exemplo, ele tem apenas uma mão ativa, aquela que empurra os condenados para o Inferno. Diversas obras de Fra Angelico, além da própria Capela Sistina, repetem esse gesto dramático.³⁶²

Se a praga podia ser atribuída ao divino, sua contraparte maligna também podia ser responsabilizada. Lutero, por exemplo, era da opinião de que “todas as epidemias, como qualquer praga, são espalhadas entre as pessoas por espíritos malignos que envenenam o ar, ou exalam um hálito pestilento que põe um veneno mortal na carne”.³⁶³ O reformador alemão ainda acreditava que era o diabo quem causava medo, horror, preocupação e apreensão, a fim de tornar o indivíduo incrédulo em Deus, despreparado para a morte e indisposto a ajudar doentes próximos.³⁶⁴ Para superar o pavor diabólico, Lutero recomendava a seguinte oração:

Afasto-se, seu demônio, com seus terrores! Só porque você odeia, vou te irritar indo mais rápido para ajudar meu vizinho doente. Não vou dar atenção a você: tenho dois golpes fortes para usar contra você: o primeiro é que sei que ajudar o próximo é um ato que agrada a Deus e a todos os anjos; por este ato eu faço a vontade de Deus e presto verdadeiro serviço e obediência a ele. Ainda mais porque se você o odeia tanto e se opõe tão fortemente a isso, deve ser particularmente aceitável a Deus. Se você pode aterrorizar, Cristo pode me fortalecer. Se você pode matar, Cristo pode dar vida. Se você tem veneno em suas presas, Cristo tem muito mais remédio. Não deveria meu querido Cristo, com seus preceitos, sua bondade e todo seu encorajamento, ser mais importante em meu espírito do que você, diabo malandro, com seus falsos terrores em minha carne fraca? Deus me livre! Afasto-se, diabo. Aqui está Cristo e aqui estou eu, seu servo nesta obra. Que Cristo prevaleça! Amém!³⁶⁵

Outras explicações sobrenaturais, que fugiam do simples dualismo Deus e Diabo, também eram oferecidas para desvendar a origem e propagação da peste. Entre os escandinavos, por exemplo, dizia-se que a “Donzela da Peste” emergia dos mortos na forma de uma chama azul e voava até infectar a próxima casa. Na Lituânia, a Donzela sinalizaria a chegada da praga acenando com um lenço vermelho nas portas ou janelas.³⁶⁶ No Tirol, o boato era que um fantasma de pernas longas e

³⁶² DELUMEAU, J., *O Pecado e o Medo*, p. 182.

³⁶³ LUTHER, M., *Whether One May Flee From a Deadly Plague*, p. 127.

³⁶⁴ LUTHER, M., *Whether One May Flee From a Deadly Plague*, p. 127.

³⁶⁵ LUTHER, M., *Whether One May Flee From a Deadly Plague*, p. 128.

³⁶⁶ Sobre isso, inclusive, surgiu a lenda de que um homem teria ficado de prontidão diante de sua janela aberta, com a espada desembainhada. Ao esvoaçar do lenço, porém, ele cortou a própria mão

manto vermelho deixava a epidemia em seu rasto. Na Transilvânia, a culpa era de uma feiticeira itinerante, misteriosa, velha e gemente, com um vestido preto e um xale branco. Na Turquia, falava-se de um gênio da peste que tocava suas vítimas com uma lança. Em Milão, as pessoas temiam um demônio negro de olhos brilhantes.³⁶⁷

As explicações naturais e sobrenaturais, entretanto, não descartavam, pelo menos para parte da população, a possibilidade de a praga ter sido causada voluntariamente por um agente humano. Nas palavras de Tuchman, “as pessoas em sua miséria ainda procuravam um agente humano sobre o qual descarregar a hostilidade que não podia ser descarregada em Deus”.³⁶⁸ No afã de identificar os culpados pela peste, a desconfiança logo recaía sobre os estrangeiros, os viajantes, os marginais e todos aqueles que não estavam bem integrados à comunidade, fosse por divergência de crenças, isolamento em quarentena obrigatória ou simplesmente porque eram forasteiros.³⁶⁹ Assim, a intolerância religiosa, a discriminação racial e a xenofobia ganharam espaço nesse contexto e aumentaram a largura da tragédia humana.

Um dos primeiros grupos a serem acusados foram os leprosos. Na verdade, a perseguição contra eles já vinha desde o final do século XI, quando as lesões, em meio ao aumento de casos após o retorno dos cruzados, eram interpretadas pela Igreja como sinais de impurezas pelas quais as vítimas estavam sendo castigadas por Deus. Nos três séculos seguintes, os diagnósticos se multiplicaram, embora permaneça a dúvida se se tratava de uma epidemia real ou se o elevado registro da doença decorria de avaliações imprecisas, já que à época faltavam profissionais especializados nessa patologia. O fato é que milhares de indivíduos foram expulsos das cidades e segregados, formando colônias de leprosos ou mendigando nas periferias.³⁷⁰

O clímax da perseguição aos leprosos ocorreu justamente no século XIV, poucas décadas antes da eclosão da Peste Negra. Em 1321, em decorrência de uma epidemia que afligia a França, os leprosos foram acusados de envenenarem os

e morreu. Sua aldeia teria sido poupada da peste, fazendo com o que tal lenço se tornasse relíquia da igreja local (TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 104).

³⁶⁷ DELUMEAU, J., *História do Medo no Ocidente 1300-1800*, p. 211.

³⁶⁸ TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 109.

³⁶⁹ DELUMEAU, J., *História do Medo no Ocidente 1300-1800*, p. 204.

³⁷⁰ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 50-51.

poços.³⁷¹ Segundo o bispo de Pamiers, Jacques Fournier (que se tornaria o Papa Bento XII em 1334), os líderes do plano pretendiam assumir o governo. Em pouco tempo, os inquisidores teriam descoberto que os judeus estavam patrocinando o plano com fundos enviados pelo rei muçulmano de Granada.³⁷² A conspiração para matar cristãos em massa, supostamente forjada por aqueles grupos que rejeitavam os dogmas católicos (leprosos, judeus e muçulmanos), sentenciou milhares de leprosos à fogueira. Comunidades judaicas também foram atacadas e multadas.³⁷³

Assim, a antiga acusação contra os leprosos, promovida na década de 20 daquele mesmo século, foi retomada no final da década de 40. Eles eram considerados dissimulados, melancólicos e debochados. Delumeau revela também que “acreditava-se [...] que, por uma espécie de transferência, podiam livrar-se de seu mal satisfazendo seus desejos sexuais com uma pessoa sã, ou então matando-a”.³⁷⁴ A perseguição, no entanto, diminuiu bastante na segunda metade do século XIV, até porque a própria incidência da doença teve grande redução, muito por conta das obras lançadas em 1363 por Guy de Chauliac, médico do papa, que tornavam o diagnóstico de lepra mais criterioso.³⁷⁵

A leprofobia cedeu espaço, então, ao antijudaísmo. Na verdade, já havia muito tempo que os judeus eram discriminados, marginalizados das atividades comerciais e impedidos de trabalhar nos ofícios diários. Eles sequer podiam empregar cristãos, ser médicos de cristãos ou casar-se com cristãos, fato que os obrigava a viverem em comunidades e bairros exclusivos.³⁷⁶ Sua situação se agravou a partir do século XII, quando inúmeros mitos antijudaicos foram propagados, os quais acusavam os judeus de homicídios rituais, profanação de hóstias e símbolos cristãos, associação com o diabo e com a feitiçaria, além de identificação com o Anticristo.³⁷⁷ Até seu cheiro era considerado demoníaco.³⁷⁸ Assim, como Tuchman explica, o judeu era o alvo mais óbvio, o eterno estrangeiro, o forasteiro que se separou

³⁷¹ Esse tipo de acusação tem precedentes em outras epidemias, como na Peste de Atenas (430 a.C.), quando os habitantes de Pireu, primeira região afetada, acusaram os peloponésios de terem posto veneno em suas cisternas (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, p. 115).

³⁷² UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 53.

³⁷³ TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 109.

³⁷⁴ DELUMEAU, J., *História do Medo no Ocidente 1300-1800*, p. 205.

³⁷⁵ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 53.

³⁷⁶ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 64.

³⁷⁷ ANTÓN, J. M. M., *Los mitos cristianos sobre crueldades judías y su huella en el antisemitismo medieval europeo*, p. 54-63.

³⁷⁸ FOLLADOR, K. J., *A Relação entre a Peste Negra e os Judeus*, p. 35.

da escolha do mundo cristão, a quem os cristãos durante séculos foram ensinados a odiar, já que eram sempre suspeitos de uma malevolência insone contra a Igreja.³⁷⁹

A principal acusação era que os judeus tinham envenenado os poços. A conspiração teria começado em Toledo, na Espanha, de onde teriam partido os potes com veneno. A preferência judaica pelas águas correntes dos rios e sua tradição de lavar as mãos antes das refeições, hábitos que naturalmente os deixavam menos expostos à contaminação, levantaram a suspeita de que os judeus evitavam os poços justamente por causa do mal que haviam implantado ali.³⁸⁰

Afora a hostilidade histórica, a cobiça alheia de seus bens também facilitava a colocação de judeus na berlinda. A segregação a que eram submetidos fazia com que as transações financeiras e os empréstimos a juros – este praticado pelos judeus, mas condenado pela Igreja³⁸¹ – fossem as atividades mais lucrativas que lhes restavam, e nas quais acabaram realmente se destacando. Enquanto a Igreja condenava o acúmulo de riqueza e a avariza, os judeus iam prosperando e aumentando seus devedores.³⁸² Logo, a possibilidade de cancelarem as dívidas e se apropriarem de seus bens constituía um incentivo adicional para seus adversários os incriminarem.

Os primeiros ataques ocorreram na primavera de 1348, nas cidades francesas de Narbona e Carcassona, onde os judeus foram arrastados de suas casas e queimados.³⁸³ Clemente VI reagiu e, em 26 de setembro daquele ano, emitiu a bula *Quamvis Perfidiam*, na qual declara:

Apesar da infidelidade dos judeus, que persistem em sua dureza, [...] pelo bem da humanidade nos convêm favorecê-los, invocando sobre eles a proteção de nossa custódia e a mansidão da piedade cristã. Concedemos-lhes o escudo de nossa proteção, ordenando, entre outras coisas, que nenhum cristão deve ferir ou matar qualquer um desses mesmos judeus sem o julgamento do senhor ou de um funcionário da terra ou da região em que eles vivem. [...] E que se alguém, conhecendo tal teor, contra isso vier a tentar, põe em risco seu título e seu cargo, ou então será atingido por uma condenação final de excomunhão.³⁸⁴

³⁷⁹ TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 109.

³⁸⁰ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 64.

³⁸¹ A Igreja condenava a usura, baseando-se em textos como Dt 23,19-20; Ex 22,25; Lv 25,35-37; Lc 6,34-35. Além disso, os autores eclesiásticos argumentavam que o usurário não realiza um verdadeiro trabalho, mas explora o trabalho do devedor, e que “o dinheiro não deveria gerar dinheiro”. Por fim, estava a concepção cristã do tempo, o qual na cobrança de juros estava sendo vendido como se fosse uma propriedade individual, quando pertencia somente a Deus (LE GOFF, J., *Mercadores e Banqueiros da Idade Média*, p. 73-75).

³⁸² UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 64.

³⁸³ TUCHMAN, B. W., *A Distant Mirror*, p. 109.

³⁸⁴ CLEMENTE VI, PP., *Quamvis perfidiam Iudeorum*.

Contudo, a bula papal pouco adiantou. De novembro a março de 1349, a perseguição aos judeus seguiu pelas cidades de Soleura, Landsberg, Landau, Burren, Menningen, Friburgo, Ulm, Espira, Gota, Eisenach, Dresden, Worms, Baden e Erfurt. A população estava tão convencida da responsabilidade judaica na pandemia, que muitas cidades caçaram os judeus antes mesmo de registrarem algum caso da doença. Foi o que ocorreu em Estrasburgo, por exemplo, onde semanas antes de a peste chegar mais de dois mil judeus foram mortos.³⁸⁵ Em Stuttgart, judeus foram queimados em 1348, enquanto a praga só chegaria à cidade em 1350.³⁸⁶ No total, foram exterminadas mais de sessenta grandes comunidades judaicas, além de outras cento e cinquenta de menor porte. Os sobreviventes se alojaram, principalmente, em terras da Polônia e da Lituânia.³⁸⁷

Ironicamente, porém, os judeus sucumbiam à epidemia tanto quanto os cristãos. A peste chegava às comunidades judaicas muito provavelmente por meio dos médicos judeus que as assistiam sem saberem que tinham contraído a doença de outros pacientes gentios.³⁸⁸ Aliás, há muito que reis, nobres e os próprios mosteiros cristãos se utilizavam dos serviços médicos dos judeus, sendo sua profissão com maior prestígio social.³⁸⁹

Os cristãos, na verdade, ao menos com a forma pulmonar da praga, eram infectados não pelo contato com os judeus, mas com seus próprios irmãos, principalmente os sacerdotes, amplamente requisitados pelas famílias dos moribundos.³⁹⁰ Lutero, inclusive, sugere que entre os próprios alemães havia portadores da doença que a tentavam transmitir intencionalmente, pensando talvez que a transmissão fizesse com que a praga saísse deles ou simplesmente pelo egoísmo de não serem suas únicas vítimas.³⁹¹

Apesar disso, a acusação contra os judeus satisfazia a imaginação popular. Em seu poema *Le Jugement dou Roy de Navarre*, Guillaume de Machaut (1300 – 1377) bem ilustra a ordem dos fatos sugerida por muitas pessoas na época. Para o poeta francês, primeiro ocorreram prodígios no céu, tremores de terra e malefícios

³⁸⁵ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 65.

³⁸⁶ DELUMEAU, J., História do Medo no Ocidente 1300-1800, p. 205.

³⁸⁷ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 66.

³⁸⁸ FOLLADOR, K. J., A Relação entre a Peste Negra e os Judeus, p. 30.

³⁸⁹ SACRISTÁN, T. M., La práctica de la medicina por los judíos entre la magia y la ciencia., p. 18-19.

³⁹⁰ FOLLADOR, K. J., A Relação entre a Peste Negra e os Judeus, p. 30.

³⁹¹ LUTHER, M., Whether One May Flee From a Deadly Plague, p. 132-133.

de toda espécie, incluindo a poluição de poços pelos judeus; depois a ira divina teria se manifestado com tormentas e tempestades; e, finalmente, o ar teria se contaminado pelas tormentas anteriores.³⁹² Dessa forma, as explicações naturais e religiosas, pelo menos para alguns, convergiam.

A despeito do antijudaísmo que predominava, nem sempre os judeus podiam constituir os únicos bodes expiatórios. Em 1596, os espanhóis acreditavam que a epidemia tinha origem flamenga; em Lorena, a peste foi qualificada como “húngara” e depois como “sueca”; em Toulouse, no século XVII, já se falava em “peste de Milão”. Na Rússia, a culpa era dos tártaros; em Londres (1665), dos holandeses. Em Chipre, durante a Peste Negra, cristãos massacraram escravos muçulmanos.³⁹³

3.1.6

Conclusão: A Igreja supera a Peste Negra

Difícil determinar de maneira uniforme o modo como a Igreja atravessou a Peste Negra. Ações positivas e retrógradas, bem como interpretações coerentes e preconceituosas, expuseram as várias faces de um Cristianismo cada vez mais heterogêneo. Se as reformas do século XVI deixaram isso ainda mais evidente, este capítulo revelou que, a despeito da manutenção de sua unidade essencial, o Catolicismo também sofreu com a desarmonia de populações leigas que agiam na contra-mão do que prescrevia seu próprio Papa.

Há que destacar, no entanto, a lucidez de um clero que investiu e consultou a Ciência, como visto na relação da igreja francesa com a Universidade de Paris. Ainda que àquela altura a contribuição científica tenha sido bastante discreta, por conta das próprias limitações do saber então disponível, a postura eclesiástica sinalizou a parceria entre fé e razão que se tornaria cada vez mais frequente nos séculos seguintes. Tal como um astigmático usando lentes para desembaçar sua vista, os avanços acadêmicos passariam a fornecer descobertas fundamentais para os cristãos enxergarem o mundo sem algumas das superstições e crendices que distorciam sua cosmovisão.

Ainda assim, a Igreja que superou a Peste Negra teve dificuldade para superar a intolerância religiosa. A injusta perseguição contra os judeus aprofundou o

³⁹² MACHAUT, G., *Le Jugement dou Roy de Navarre*, p. 143-154.

³⁹³ DELUMEAU, J., *História do Medo no Ocidente 1300-1800*, p. 206-207.

abismo que há séculos distanciava os seguidores de Jesus Cristo dos descendentes de Abraão, e trouxe à tona ressentimentos decorrentes de interpretações equivocadas sobre o que realmente ocorreu na fatídica Semana da Paixão. A relação entre as duas religiões ainda demoraria mais alguns séculos para ser apaziguada, mas nesse ínterim o mundo enfrentaria a pior pandemia de sua história.

4

Gripe Espanhola

*Baratear a vida, eis a primeira medida, que ao Governo já propus...
Obrigá a lavar-se a quem não queira, no Brás, no Cambuci, na Lapa e Luz!...
Dá fome a Gripe, é filha e da sujeira, transmite-se no escarro e pelo pus...
Evitar dar a mão! Desta maneira é que o mal se propaga e reproduz!
Alimentado o corpo e bem lavado, a casa varridinha, onde se mora, Juro! Não haverá um só gripado!...
Sem isso, todo o povo a perna estica, e com pão a cada hora,
— Salvo São Paulo inteiro sem botica!...*

Miguel Meira

4.1

A Peste

Além das bactérias, principais responsáveis pelas pragas estudadas até aqui, o mundo passou a temer outros agentes infecciosos: os vírus, especialmente os causadores da gripe. Devido à velocidade em que surgem novas cepas, a doença ocorre anualmente, ainda que, via de regra, de forma gerenciável e previsível. Não obstante, cepas extremamente letais também surgem com frequência, resultando em surtos epidêmicos de largo alcance. Foi isso que em 1918 causou a pandemia mais devastadora da história, a Gripe Espanhola.³⁹⁴

4.1.1

Guerra mundial, doença global

Já havia quatro anos que o mundo estava em guerra. A mobilização de milhões de soldados para os conflitos entre a Tríplice Aliança e a Tríplice Entente³⁹⁵

³⁹⁴ LEWIS, J., *Influenza*, p. 306.

³⁹⁵ Na última década do século XIX, a Europa comportava três blocos de poder: o Império Britânico, a aliança franco-russa e a Tríplice Aliança, composta pela Alemanha, o Império Austro-Húngaro e a Itália. No início do século XX, o clima competitivo entre esses países se intensificou, provocando a formação de dois conglomerados rivais: a Tríplice Aliança, com os mesmos países supracitados, e a Tríplice Entente, reunindo a força bélica de Inglaterra, França e Rússia (PRESSOTO, T. F., *A abordagem ganha-perde nas relações internacionais*, p. 176).

fez das trincheiras um apropriado espaço para disseminação de doenças respiratórias. Assim, há consenso entre os historiadores sobre o fato de que a Primeira Guerra Mundial de diversas formas contribuiu para a pandemia de influenza do século XX. Sobre isso, Ana Coelho, Joana Oliveira e Isilda Rodrigues explicam:

É inegável que a guerra desempenhou um papel importante durante a pandemia de influenza. Fatores como concentração de homens, circulação de tropas, mobilização/desmobilização de soldados, quartéis lotados, reuniões relacionadas à propaganda de guerra criaram um ambiente favorável para uma pandemia, assim como, os pratos sujos, as moscas, a poeira, ou mesmo as condições adversas do clima. Algumas más decisões foram tomadas, como evitar a quarentena e proibições de viagens para avanços militares. Em campos sobrelotados, o risco de gripe aumentou dez vezes. A pandemia agravou o saneamento precário, a fome, a superlotação ou outras doenças infecciosas comuns à época, como o tifo, ou a tuberculose. Por outro lado, o retorno dos soldados que estavam na frente da guerra, a migração dos refugiados e a mobilidade em atividades extra domésticas favoreceram a rápida propagação do vírus desde o início da primeira onda pandémica.³⁹⁶

Embora a pandemia de Gripe Espanhola tenha ocorrido a partir de 1918, acredita-se que os primeiros surtos acometeram os campos de batalha nos anos prece-
dentes, no decorrer da Primeira Guerra Mundial. Foi sugerido, por exemplo, que as primeiras vítimas foram atingidas numa base militar britânica em Étaples, na costa setentrional da França, onde amontoados entre pântanos e se alimentando de patos, gansos e porcos, os soldados sofreram entre dezembro de 1916 e março de 1917 com um surto de infecção respiratória clinicamente bastante parecida com a gripe de 1918.³⁹⁷ As infecções foram registradas com o nome de “bronquite purulenta”, cujos sintomas eram febre alta, tosse e cianose heliotrópica (cor azulada da pele do rosto), sendo sua taxa de mortalidade semelhante à pandemia de gripe dos anos seguintes.³⁹⁸ Outros associam o vírus à “Pneumonia de Annamite”, uma série de epidemias de infecções respiratórias, as quais vitimaram soldados indochineses do antigo Reino de Annam, que combatiam na França entre 1916 e 1918.³⁹⁹

Radusin endossa que o vírus se espalhava primeiramente entre os militares, para só então alcançar os civis. O pesquisador explica:

³⁹⁶ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemónio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 103-104.

³⁹⁷ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemónio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 101.

³⁹⁸ RADUSIN, M., The Spanish flu-Part I, p. 814.

³⁹⁹ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemónio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 101.

Por regra, a doença aparecia primeiramente em bases militares e quartéis, para ser levada à população civil, como resultado do contato com os membros do exército. Abraços de cônjuges, que não se viam há meses, beijos de pais, que acabavam de voltar da frente, eram formas de propagação do vírus mortal. Praticamente por regra, a doença podia ser encontrada primeiramente entre os soldados, antes de se espalhar em ambientes locais.⁴⁰⁰

Muitos países beligerantes, com o fim de não alarmarem a população já abalada com os horrores da Grande Guerra, não noticiavam a propagação da infecção.⁴⁰¹ Autoridades governamentais omitiam a gravidade da doença e recusavam-se a comunicar o número de vítimas.⁴⁰² Na Espanha, por sua vez, neutra no conflito, os jornais tinham a liberdade de noticiar os efeitos devastadores que a gripe estava causando no país, fato que deu ao mundo a impressão de que a pandemia havia começado ali, conferindo-lhe a alcunha de “Gripe Espanhola”.⁴⁰³ A primeira publicação ocorreu em 22 de maio de 1918 pelo jornal “ABC” de Madri, que noticiou a chegada de uma doença “semelhante à gripe” naquele mês. Uma semana depois, membros do governo adoeceram, incluindo o rei Afonso XIII, o que fortaleceu o apelido.⁴⁰⁴ Estima-se que oito milhões de pessoas tenham morrido durante a pandemia; em Madri, um terço dos habitantes contraiu o vírus.⁴⁰⁵

Três grandes portos marítimos foram determinantes para a propagação da doença até os continentes da Europa, Ásia e África: Freetown, em Serra Leoa, Brest, na França, e Boston, em Massachusetts. Sobre isso, Oldstone explica:

Freetown era um dos principais portos da África Ocidental e uma importante estação de abastecimento de carvão. Lá, os africanos ocidentais locais se misturaram com soldados britânicos, sul-africanos, africanos do leste e australianos indo e voltando da guerra na Europa. Mais de dois terços da população nativa de Serra Leoa contraiu gripe, levando o vírus aos transportes de tropas que viajavam de um lado para o outro para a zona de guerra e, eventualmente, para os países de origem dos militares. Brest, na França, era o principal porto de desembarque dos aliados europeus, e Boston era o principal porto de transporte de tropas americanas de e para a Europa.⁴⁰⁶

⁴⁰⁰ RADUSIN, M., *The Spanish flu-Part I*, p. 919.

⁴⁰¹ MARTINI, M., et al., *The Spanish Influenza Pandemic*, p. E65.

⁴⁰² COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., *O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias*, p. 100.

⁴⁰³ MARTINI, M., et al., *The Spanish Influenza Pandemic*, p. E65.

⁴⁰⁴ RADUSIN, M., *The Spanish flu-Part I*, p. 812.

⁴⁰⁵ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 240.

⁴⁰⁶ OLDSTONE, M. B. A., *Viruses, Plagues, and History*, p. 309.

O vírus da gripe costuma ser mais letal em idosos, no entanto os soldados jovens apresentaram taxas de mortalidade sem precedentes. Como exemplo, uma análise dos dados demográficos, hospitalizações e óbitos de todos os indivíduos que serviram à Força Imperial Australiana de 1914 a 1919, na Europa e no Oriente Médio, constatou que os militares que serviam há mais tempo, além daqueles que serviam no departamento médico ou que chegaram a ser hospitalizados com doenças respiratórias nas estações anteriores estavam “relativamente protegidos” durante os surtos de gripe do outono-inverno que encerraram 1918.⁴⁰⁷ Por outro lado, soldados de origem urbana, tanto dos Estados Unidos quanto da Austrália, tiveram mortalidade significativamente inferior aos de origem rural, provavelmente porque estes tinham sido pouco expostos a agentes infecciosos anteriormente.⁴⁰⁸ Shanks observa ainda que “nenhum general ou almirante morreu a menos que fossem particularmente jovens para seu posto devido à rápida promoção”.⁴⁰⁹

O impacto no andamento da guerra foi significativo. Pelo menos três quartos das tropas francesas e mais da metade das tropas britânicas adoeceram na primavera de 1918.⁴¹⁰ Na marinha americana, 75% das mortes durante a Grande Guerra foram devidos à doença.⁴¹¹ Milhões de soldados foram infectados, havendo, em algumas estimativas, cerca de cem mil jovens militares mortos. O quanto isso impactou no fim da Primeira Guerra Mundial ainda provoca debates entre os pesquisadores.⁴¹²

Além do contexto bélico, estudos recentes têm revelado que fatores climáticos também contribuíram para a rápida disseminação do vírus. A partir de um núcleo de gelo retirado de Colle Gnifetti, um dos picos do Monte Rosa, no coração da Europa, um grupo internacional de estudiosos constatou que entre os anos de 1914 a 1919 houve influxos anormalmente altos de ar marinho do Atlântico Norte. Essa anomalia extrema, segundo a equipe, preparou “o cenário para o início, disseminação e mutação da pandemia de H1N1, além de aumentar as mortes por todas as

⁴⁰⁷ SHANKS, G. D., et al., Mortality Risk Factors During the 1918-1919 Influenza Pandemic in the Australian Army, p. 1887-1888.

⁴⁰⁸ PAYNTER, S.; WARE, R. S.; SHANKS, G. D., Host and environmental factors reducing mortality during the 1918-1919 influenza pandemic, p. 1427.

⁴⁰⁹ SHANKS, G. D., Insights from unusual aspects of the 1918 influenza pandemic, p. 218.

⁴¹⁰ MARTINI, M., et al., The Spanish Influenza Pandemic, p. E64.

⁴¹¹ SHANKS, G. D., How World War 1 changed global attitudes to war and infectious diseases, p. 1705.

⁴¹² COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 100.

causas devido a fracassos generalizados de colheita e piora nas condições do campo de batalha”.⁴¹³

4.1.2 Ondas de terror

A história da Gripe Espanhola é geralmente narrada tomando por referência as três ondas de contaminações que ocorreram entre 1918 e 1919. Devido à uma mutação no vírus, é aceito amiúde que a segunda onda foi a mais grave. Alguns pesquisadores consideram ainda uma quarta onda que teria sucedido nos primeiros meses de 1920.⁴¹⁴ De acordo com Taubenberger e Morens, “os dados históricos e epidemiológicos são inadequados para identificar a origem geográfica do vírus, e a análise filogenética recente do genoma viral de 1918 não coloca o vírus em nenhum contexto geográfico”.⁴¹⁵

A despeito de casos suspeitos terem sido observados nos anos precedentes, como citado anteriormente, o primeiro surto reconhecido da doença ocorreu em março de 1918, no Camp Funston, um campo de treinamento do exército norte-americano no estado do Kansas, onde chineses contratados para trabalharem no local apresentaram os primeiros sintomas gripais.⁴¹⁶ Logo o vírus se espalhou exigindo a hospitalização de mil e cem soldados em apenas três semanas, além de milhares outros que receberam atendimento nas enfermarias ao redor do campo.⁴¹⁷ Ao todo, havia cinquenta e seis mil soldados naquele campo, mas somente duzentos e trinta e sete desenvolveram pneumonia, levando a óbito trinta e oito pacientes. Isso já era um número de vítimas maior que o de uma epidemia de gripe “comum”, mas não o suficiente para chamar a atenção no ano da Grande Guerra.⁴¹⁸

⁴¹³ MORE, A. F., et al., The Impact of a Six-Year Climate Anomaly on the “Spanish Flu” Pandemic and WWI, p. 1.

⁴¹⁴ ERKOREKA, A., Origins of the Spanish Influenza pandemic (1918-1920) and its relation to the First World War, p. 190.

⁴¹⁵ TAUBENBERGER, J. K.; MORENS, D. M., 1918 Influenza, p. 16.

⁴¹⁶ Outra narrativa sugere que o primeiro caso registrado da doença no Camp Funston foi de um cozinheiro chamado Albert Gitchel, o qual teria apresentado um quadro gripal constituído por tosse, febre e dores de cabeça (COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 101).

⁴¹⁷ WEVER, P. C.; BERGEN, L., Death from 1918 pandemic influenza during the First World War, p. 539.

⁴¹⁸ RADUSIN, M., The Spanish flu-Part I, p. 814-815.

À época, o transporte ferroviário, entre as bases estadunidenses, e o marítimo, entre a América e a Europa, eram bastante agitados, fato que acelerou a disseminação da doença. Em pouco tempo, vinte e quatro das trinta e seis bases militares nos Estados Unidos e trinta das cinquenta principais cidades do país registraram aumento de vítimas. Na Europa, a chegada de soldados americanos em abril de 1918 trouxe ao continente a cepa do vírus pandêmico, infectando primeiramente a cidade portuária francesa de Brest, de onde rapidamente se espalhou para seus arredores em círculos concêntricos. Nessa primeira fase, a doença se manifestou de forma branda, causando relativamente poucas mortes.⁴¹⁹

A segunda e mais devastadora onda da Gripe Espanhola começou em agosto daquele ano. Simultaneamente, Estados Unidos, Europa e a costa oeste da África sofreram surtos epidêmicos. Freetown, em Serra Leoa, recebeu o vírus pelas embarcações inglesas, e dois terços da população adoeceram em apenas um mês. Entre os norte-americanos, a gripe alastrou-se a partir de Boston, mas novamente os acampamentos militares, onde os combatentes se preparavam antes de embarcarem para a Europa, sofreram maior impacto.⁴²⁰

De setembro a novembro de 1918 a doença se disseminou globalmente, causando a maior parte das infecções e das mortes de toda a pandemia.⁴²¹ É nesta fase, inclusive, que a Gripe Espanhola chega ao Brasil a bordo do navio inglês Demerara, o qual deixara imigrantes em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos, antes de seguir rumo ao Uruguai e à Argentina.⁴²² Em 15 de outubro daquele ano, o diário recifense “A Província” publicava uma matéria intitulada *A maré da morte*, na qual relatava o aumento no número de casos e cobrava respostas do governo:

A epidemia aumentou de um modo trágico e sinistro. A onda luctuosa sobe, invadindo impávida e silenciosamente, como uma inundação, os pontos mais altos da sociedade. [...] A maré da morte avança. E, como há um responsável pela saúde pública, e que colhe as glórias do bem estado sanitário, quando tudo corre bem, o povo pergunta quem responde agora pelos mortos e que não soube evitar nem sabe debelar a calamidade. O governador⁴²³, ao contrário, telegrafou para o Rio, desmentindo ‘A Província’ que afirmava a gravidade da epidemia. Quem é que mentia? Agora a maré da morte sobe e entra-lhe pela casa a dentro.⁴²⁴

⁴¹⁹ RADUSIN, M., The Spanish flu-Part I, p. 815.

⁴²⁰ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 240-241.

⁴²¹ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 101-102.

⁴²² NOVAES, A. M., Consolo escatológico, p. 50.

⁴²³ À época, Manuel Borba (1915 – 1919).

⁴²⁴ A maré da morte, p. 1.

Só no Rio de Janeiro, à época capital federal com uma população aproximada de um milhão de pessoas, quinze mil morreram da gripe.⁴²⁵ Levantou-se a hipótese, inclusive, de que o presidente Rodrigues Alves, morto em 1919, fosse uma das vítimas, mas Schwarcz e Starling descredibilizam esta informação.⁴²⁶ Outros países sul-americanos também foram devastados, como o Chile que perdeu 23.789 de seus 3,6 milhões de habitantes.⁴²⁷

Foi justamente o desenrolar da segunda onda que mudou a percepção social sobre a pandemia. As autoridades públicas não conseguiam mais sustentar sua propaganda de guerra maquiando a crise sanitária. Alarme e pânico tomaram conta dos cidadãos que, com auxílio da imprensa, denunciaram o atraso das medidas governamentais. Não apenas os políticos, responsabilizados pelas más condições socioeconômicas, estruturais e conjunturais da saúde pública, mas até os profissionais de saúde ficaram sob desconfiança popular.⁴²⁸

O auge da segunda onda de Gripe Espanhola foi o mês de outubro de 1918. A taxa de mortalidade atingiu os mais altos índices de toda a pandemia. Nos Estados Unidos, por exemplo, quarenta e cinco mil homens foram hospitalizados com sintomas da gripe, entre os quais 10% morreram. Só no estado da Filadélfia houve sete mil vítimas em apenas duas semanas. A Alemanha perdeu duzentas e vinte e cinco mil pessoas. A Inglaterra perdeu duzentas e vinte e oito mil almas. Na Itália, a doença matou trezentos e setenta e cinco mil habitantes, com Turim contabilizando quatrocentos óbitos por dia. Paris contabilizou cinco mil mortes semanais.⁴²⁹

O ano findou prometendo o fim da pandemia, e 1919 trouxe a esperança de que dias melhores viriam. A Austrália, inclusive, até suspendeu a quarentena. No entanto, já na última semana de janeiro, a terceira onda da Gripe Espanhola atingiu Nova Iorque e também Paris, onde, inclusive, ocorriam as negociações de paz do

⁴²⁵ GOULART, A., Revisitando a espanhola, p. 105.

⁴²⁶ SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M., A bailarina da morte, p. 292-318.

⁴²⁷ OLDSTONE, M. B. A., Viruses, Plagues, and History, p. 307.

⁴²⁸ GALLO, M. I. P.; ORTEGA, M. R., Los efectos de la pandemia de 1918-19 en la lucha contra la gripe en España, p. 19.

⁴²⁹ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 241-242.

pós-guerra.⁴³⁰ Na primavera, chegou à Espanha e a quase todos os países da Europa.⁴³¹

Em perspectiva, a primeira onda teve impacto pouco notado, enquanto a segunda chamou bastante a atenção devido ao aumento considerável de óbitos. Foi a terceira onda, no entanto, que fez aumentar a cobertura da gripe nos jornais e revistas médicas, a publicidade de remédios para gripe e, conseqüentemente, as respectivas vendas nas farmácias.⁴³²

4.1.3 Influenza H1N1

Não se sabe exatamente quando a influenza se manifestou pela primeira vez na população humana. Para alguns biblistas, inclusive, o relato de Números 11,31-34, quando os israelitas sofreram com uma praga após comerem codornizes, pode ter alguma correlação com a gripe aviária, o que evidenciaria a antiguidade da doença.⁴³³

Todavia, pelo fato de ter inicialmente se alastrado em uma estação incomum (primavera) e levar a óbito vítimas de uma faixa etária geralmente resistente (jovens adultos), os médicos pensaram se tratar de uma doença nova, razão por que lhe foram atribuídas diferentes denominações em cada país atingido. Os americanos a chamaram de “Febre dos Três Dias” ou “Morte Púrpura”; os franceses, “Bronquite Purulenta”; os italianos, “Febre das Moscas de Areia”; os portugueses, “Pneumônica”.⁴³⁴ Devido à rapidez com que abatia os soldados, os alemães a chamaram de “*Blitzkatarrh*” (i.e., “catarro relâmpago”).⁴³⁵ Em uma troca de telegramas entre autoridades e oficiais americanos a doença foi chamada até de “Peste Negra”.⁴³⁶

Contudo, o mal que causava todas aquelas mortes era mesmo o vírus da gripe. Os vírus influenza pertencem à família Orthomyxoviridae, sendo classificados com os tipos A, B, C, além do tipo D, que foi identificado mais recentemente, em 2011.

⁴³⁰ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 102.

⁴³¹ GALLO, M. I. P.; ORTEGA, M. R., Los efectos de la pandemia de 1918-19 en la lucha contra la gripe en España, p. 20.

⁴³² JOHNSON, N., Britain and the 1918–19 Influenza Pandemic, p. 117.

⁴³³ OLDSTONE, M. B. A., Viruses, Plagues, and History, p. 313.

⁴³⁴ SOUZA, C. M. C., Da gripe espanhola à COVID-19, p. 73.

⁴³⁵ CROSBY, A. W., America's Forgotten Pandemic, p. 26.

⁴³⁶ RADUSIN, M., The Spanish flu-Part I, p. 917.

Os tipos A e B causam epidemias de inverno em humanos, enquanto o C ataca mais frequentemente as crianças. O genoma da gripe A codifica três proteínas polimerase (PB1, PB2 e PA); duas glicoproteínas de superfície principais, hemaglutinina (HA) e neuraminidase (NA); três proteínas estruturais (NP, M1 e M2); e duas proteínas não estruturais envolvidas na exportação nuclear (NS1 e NS2). De acordo com os alelos das duas glicoproteínas de superfície (HA e NA), a influenza possui seus subtipos virais, por exemplo, H2N1, H3N2, entre dezenas de outras variantes.⁴³⁷

A necrópsia de soldados americanos mortos em 1918 mostrou que a variante responsável pela pandemia daquele ano foi a H1N1.⁴³⁸ Após a Gripe Espanhola, essa mesma variante ainda causou a Gripe Russa de 1977 e a pandemia de 2009. Outras variantes também causaram surtos em diversas regiões, como o H2N2, que matou um milhão de pessoas na Ásia em 1957, o H3N2, responsável pela Gripe de Hong Kong em 1968, e o H5N1, presente nas epidemias de 1997 e 2004.⁴³⁹

Antes disso, porém, os bacteriologistas alemães, desde Richard Pfeiffer (1892), sustentavam que o agente da gripe era o bacilo *Haemophilus influenzae*. A despeito dos questionamentos feitos já no início do século XX, esta era a doutrina etiológica oficial quando a pandemia de 1918 irrompeu.⁴⁴⁰ A escola francesa, por outro lado, defendia que esse bacilo não era o causador da gripe, argumentando que o mesmo só foi encontrado em um número menor de casos, sendo particularmente notável que os casos mais graves da doença, em que ocorre broncopneumonia, *Haemophilus influenzae* não estava presente.⁴⁴¹ Outros pesquisadores da época, como o americano Richard E. Shope, também suspeitavam que as bactérias não eram o verdadeiro agente etiológico da gripe.⁴⁴²

Ainda durante a pandemia, dois cientistas do Instituto Pasteur em Paris, Nicolle e Lebaillly, avançaram pela primeira vez a hipótese de que o patógeno responsável pela gripe era um agente infeccioso de reduzida dimensão, um vírus.⁴⁴³ Contudo, apenas na década de 30 que os ingleses Smith, Andrewes e Laidlaw

⁴³⁷ BUSH, R. M., Influenza Evolution, p. 199-200.

⁴³⁸ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 243.

⁴³⁹ ZOU, X.; CAO, B., Battling COVID-19 Using Lessons Learned from 100 Years of Fighting Against Influenza, p. 867.

⁴⁴⁰ GALLO, M. I. P.; ORTEGA, M. R., Los efectos de la pandemia de 1918-19 en la lucha contra la gripe en España, p. 18.

⁴⁴¹ RADUSIN, M., The Spanish flu-Part I, p. 918.

⁴⁴² COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 100.

⁴⁴³ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 99-100.

conseguiram isolar o vírus influenza A das secreções nasais de pacientes infectados, a partir de experimentos com furões.⁴⁴⁴ Bem mais tarde, em 1999, a sequência completa de hemaglutinina do vírus foi publicada, e no ano seguinte, a de neuraminidase. Finalmente, mediante sua abordagem molecular reversa, conseguiu-se obter as sequências de RNA viral e a reconstrução completa do vírus pandêmico de 1918, identificando o subtipo H1N1.⁴⁴⁵

A Gripe Espanhola se manifestava com diversos sintomas. Hemorragia nasal, pneumonia, encefalite, febre de quarenta graus, aborto espontâneo, trabalho de parto prematuro, edema pulmonar, ruptura dos músculos do reto, tornozelos inchados, nefrite simulada e urina com manchas de sangue são apenas alguns dos males mais graves causados pela doença.⁴⁴⁶ Outro sintoma frequentemente mencionado era a cianose heliotrópica, isto é, a coloração azulada da pele.⁴⁴⁷

Um cartaz impresso em outubro de 1918 retratava o quadro clínico da Gripe Espanhola de forma ainda mais detalhada:

Quais são os sintomas da gripe espanhola? Geralmente leva de 2 a 3 dias desde o momento da entrada do germe contagioso no corpo até as manifestações da gripe espanhola. Os primeiros sinais da doença são: sensação de frio, às vezes calafrios fortes, febre tardia, fraqueza geral, dor de cabeça, dores nos lombos e articulações, às vezes náuseas com vômitos, perda de apetite, resfriado, tosse, olhos vermelhos e às vezes dor de garganta; o paciente geralmente fica constipado, raramente tendo diarreia; o nariz sangra às vezes, a língua fica enrugada, seca, o paciente muitas vezes fica surdo mais tarde. Entende-se que todos os sinais indicados podem não aparecer em todos os pacientes e que alguns podem não se manifestar. A febre e os outros sinais da doença duram de 3, 5 ou 7 dias, após os quais a febre começa a diminuir e desaparece completamente em 2 a 3 dias, e com ela os outros sinais da doença. Se a febre não for muito alta, muitos dos pacientes não ficam acamados, mas se arrastam e fazem seu trabalho. Mas muitos ficam com uma temperatura muito alta, chegando a 39-40 graus ou mais, e se sentem tão mal que precisam ir para a cama; a inflamação que começou na garganta e na traqueia, desce para os ramos brônquicos maiores e depois menores, e muitas vezes também para os alvéolos pulmonares, causando pneumonia. Às vezes, a gripe começa imediatamente com pneumonia, enquanto na maioria dos casos ocorre apenas após alguns dias de doença. Não é raro que os pacientes se livrem da alta temperatura primeiro e se sintam muito bem por 3 a 5 dias e, em alguns casos, até saiam da cama; quando, de repente, a febre volta com uma temperatura alta, que é uma introdução à pneumonia grave. A pneumonia é muito

⁴⁴⁴ SMITH, W.; ANDREWES, C. H.; LAIDLAW, P. P., A Virus Obtained from Influenza Patients, p. 66-68.

⁴⁴⁵ TUMPEY, T. M., et al., Characterization of the reconstructed 1918 Spanish influenza pandemic virus, p. 77-80.

⁴⁴⁶ TSOUICALAS, G., et al., The first announcement about the 1918 Spanish flu pandemic in Greece through the writings of the pioneer newspaper Thessalia almost a century ago, p. 80.

⁴⁴⁷ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 104.

perigosa em caso de gripe e termina após 3, 5 ou 10 dias, muito frequentemente em morte.⁴⁴⁸

A variedade de sintomas acabava dificultando o diagnóstico e confundindo médicos e pacientes. Durante a segunda onda da pandemia, por exemplo, o famoso jornal *Denver Post* tentou instruir seus leitores na diferenciação entre a gripe e um simples resfriado. A matéria destacava que o resfriado não iniciava de forma tão repentina, e as dores e febre causadas pelo mesmo não eram tão altos, além de seus calafrios serem mais moderados. Tal distinção, todavia, era imprecisa.⁴⁴⁹

A evolução do quadro clínico do paciente para pneumonia era de fato preocupante. Amiúde, pacientes com pneumonia viral por influenza produzem grande quantidade de espuma sanguinolenta ou escarro hemorrágico.⁴⁵⁰ De acordo com Morens, Taubenberger e Fauci, “a maioria das mortes na pandemia de influenza de 1918-1919 provavelmente resultou diretamente de pneumonia bacteriana secundária causada por bactérias comuns do trato respiratório superior”.⁴⁵¹ Estima-se que um em cada três pacientes teria morrido pela pneumonia bacteriana secundária⁴⁵², a qual resultava da invasão de bactérias nos tecidos já danificados pelo vírus.⁴⁵³ Nesses casos, os pacientes vinham a óbito geralmente em sete dias, sendo vítimas de bactérias como a *Haemophilus influenzae*, *Streptococcus pneumoniae*, *S. pyogenes* e *Staphylococcus aureus*.⁴⁵⁴

Por outro lado, havia também mortes por pneumonia viral primária, e era isso que tornava a Gripe Espanhola especial e passível de confusão com outras doenças. A morte por essa forma primária era rápida, após dois ou três dias dos primeiros sintomas, e a maneira terrível como fazia sofrer pacientes jovens e aparentemente fortes era marcante para quem os acompanhavam.⁴⁵⁵

A pneumonia bacteriana tinha a ver com a infecção do epitélio respiratório. O vírus infectava as células causando uma traqueobronquite aguda, que podia se

⁴⁴⁸ RADUSIN, M., The Spanish flu-Part I, p. 918.

⁴⁴⁹ CROSBY, A. W., America's Forgotten Pandemic, p. 18.

⁴⁵⁰ TAUBENBERGER, J. K.; MORENS, D. M., The Pathology of Influenza Virus Infections, p. 507.

⁴⁵¹ MORENS, D. M.; TAUBENBERGER, J. K.; FAUCI, A. S., Predominant role of bacterial pneumonia as a cause of death in pandemic influenza, p. 962.

⁴⁵² VAUGHAN, V. C., Communicable Disease in the United States Army During the Summer and Autumn of 1918, p. 594.

⁴⁵³ RADUSIN, M., The Spanish flu-Part I, p. 918.

⁴⁵⁴ SHANKS, G. D.; BRUNDAGE, J. F., Pathogenic Responses among Young Adults during the 1918 Influenza Pandemic, p. 202.

⁴⁵⁵ RADUSIN, M., The Spanish flu-Part I, p. 918.

estender até o parênquima pulmonar e causar pneumonite. Essa destruição do epitélio respiratório permitia a entrada de bactérias que colonizavam outras partes da árvore respiratória para dar início a pneumonia bacteriana.⁴⁵⁶

Contra os males causados pela H1N1, medidas não farmacêuticas de saúde pública, como uso de máscaras e imposição de quarentenas, eram os únicos meios de proteção, uma vez que vacinas e antivirais eficazes ainda não estavam disponíveis.⁴⁵⁷ Nos Estados Unidos, até houve a tentativa de administrar duas vacinas, uma elaborada por bacteriologistas da Universidade de Minnesota, para prevenir a pneumonia, e outra para prevenir pneumonia e gripe, ambas, porém, frustradas, pois não continham o vírus causador da doença.⁴⁵⁸

4.1.4

Bailarina da morte

Um dos apelidos pelos quais a Gripe Espanhola foi chamada era “bailarina da morte”. Segundo Schwarcz e Starling, tal alcunha lhe fora dada “porque dançava e se disseminava em larga escala, e porque o vírus deslizava com facilidade para o interior das células do hospedeiro e se alterava ao longo do tempo e nos vários lugares em que incidia”.⁴⁵⁹

A vírus da gripe já causou inúmeras epidemias na história da humanidade, mas sua taxa de mortalidade sempre foi baixa. Na verdade, as mortes geralmente decorrem mais por conta de complicações da doença, como a pneumonia, e a maioria das vítimas é composta de crianças e idosos. Todavia, a pandemia de 1918 demonstrou um poder de infecção e letalidade muito maior, vitimando também muitos jovens adultos. Cerca de um quinto da população mundial foi acometida pela doença, apresentando uma taxa de mortalidade ao redor de 0,5% a 1,2%.⁴⁶⁰

Esta curva de mortalidade causada pela Gripe Espanhola foi observada com alguma variação em todo o mundo, e é representada pela letra “W”. Ou seja, a maior parte das vítimas se concentrou nas duas faixas extremas de idade – crianças e

⁴⁵⁶ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 104.

⁴⁵⁷ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 108.

⁴⁵⁸ MATTA, S.; ARORA, V. K.; CHOPRA, K. K., Lessons to be learnt from 100 year old 1918 influenza pandemic viz a viz 2019 corona pandemic with an eye on NTEP, p. S135.

⁴⁵⁹ SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M., A bailarina da morte, p. 25.

⁴⁶⁰ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 239-240.

idosos – e na faixa mediana de jovens adultos de 20 a 40 anos. Na verdade, quase 50% de todas as mortes pela Gripe Espanhola ocorreram entre pessoas de 20 a 40 anos.⁴⁶¹ Dentro dessa faixa intermediária, notou-se ainda uma maior vulnerabilidade de indivíduos com 28 anos de idade. Assim, os nascidos em 1890 apresentaram taxas de mortalidade maiores que daqueles nascidos alguns anos antes ou depois.⁴⁶²

A razão desse comportamento do vírus nos jovens adultos não está totalmente esclarecida, porém Short, Kedzierska e Sandt acreditam que possa estar associada ao estado imunológico do hospedeiro. As pesquisadoras australianas explicam:

As altas taxas de mortalidade observadas em adultos jovens durante a pandemia de 1918 têm sido tradicionalmente atribuídas à indução de uma resposta pró-inflamatória aberrante e desregulada (muitas vezes referida como “tempestade de citocinas”). Esta hipótese é baseada em estudos experimentais em vários modelos animais usando o vírus influenza de 1918 reconstruído. Esses estudos experimentais mostraram que o vírus influenza de 1918 desencadeou uma resposta pró-inflamatória potente e desregulada, o que provavelmente contribuiu para as lesões pulmonares graves observadas em vítimas da pandemia de influenza de 1918.⁴⁶³

A despeito da faixa etária, o vírus parecia ser mais letal em indivíduos com organismo enfraquecido, fosse por estado puerperal, doenças preexistentes ou crônicas, ou ainda em razão das precárias condições materiais de existência. Christiane Souza acrescenta que pessoas sujeitas à total indigência, subalimentação, extenuação decorrente de longas horas de trabalho, péssimas condições de moradia ou expostos às intempéries do tempo e às bruscas mudanças climáticas, eram mais vulneráveis à doença.⁴⁶⁴

A moléstia se espalhou pelo mundo inteiro, mas algumas nações foram mais impactadas. No continente europeu, por exemplo, a Itália foi o país que apresentou a taxa de mortalidade mais elevada. Em números globais, Índia, Madagascar, México, África, Nova Zelândia, Guatemala e China foram os mais atingidos.⁴⁶⁵ No México, inclusive, os estados que mantiveram registros calcularam mais de um décimo de baixas na população; e na Guatemala, quarenta e três mil pessoas faleceram

⁴⁶¹ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 103.

⁴⁶² SHANKS, G. D., Insights from unusual aspects of the 1918 influenza pandemic, p. 218.

⁴⁶³ SHORT, K. R.; KEDZIERSKA, K.; SANDT, C. E., Back to the Future, p. 4-5.

⁴⁶⁴ SOUZA, C. M. C., Da gripe espanhola à COVID-19, p. 80.

⁴⁶⁵ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 100.

em decorrência da gripe, em uma população de dois milhões.⁴⁶⁶ Estima-se que um terço da população mundial (aproximadamente, 500 milhões de pessoas) tenha sido infectado, apresentando doenças clinicamente aparentes durante a pandemia. O número de mortes pode ter passado dos 50 milhões.⁴⁶⁷

A diferença de impacto da pandemia em cada região também teve correlação com a imunidade de seus habitantes. Locais onde a doença nunca havia ocorrido apresentaram taxas de mortalidade relativamente altas. Enquanto nos Estados Unidos, por exemplo, 0,5% da população morria pela moléstia, em Samoa esse percentual chegava a 25%. No Alasca, diversas vilas de esquimós foram dizimadas. Na Índia, país mais devastado em números absolutos de vítimas, doze milhões de indivíduos morreram com a Gripe Espanhola.⁴⁶⁸

O total de vítimas é impreciso devido às dificuldades com as estatísticas de óbitos na África, nas regiões superpovoadas da Ásia e na Rússia, que estava no auge de sua revolução.⁴⁶⁹ Além disso, à época, a gripe não figurava como doença de notificação obrigatória⁴⁷⁰, fato que resultou na omissão de dados por parte dos médicos aos órgãos competentes. Muitos atestados de óbitos apresentavam como *causa mortis* doenças do aparelho digestivo, tuberculose, arteriosclerose ou meningite, enquanto, informalmente, as famílias reconheciam que seus parentes haviam sido vitimados pela gripe. Ademais, as restrições impostas às vítimas da moléstia, como isolamento nos hospitais e enfermarias, expurgo de suas casas, queima de seus objetos pessoais e sepultamento sem acompanhamento dos familiares, contribuíam para a adulteração dos diagnósticos.⁴⁷¹

Aquela altura os médicos já estavam cientes que um indivíduo infectado se tornava um veículo disseminador da doença. Os perdigotos expelidos por intermédio da fala, da tosse ou de espirros ofereciam risco de contaminação às pessoas próximas dos pacientes. Assim, para impedir a propagação da moléstia, medidas clássicas de prevenção foram implantadas, tais como: interdição de eventos que

⁴⁶⁶ OLDSTONE, M. B. A., *Viruses, Plagues, and History*, p. 307.

⁴⁶⁷ TAUBENBERGER, J. K.; MORENS, D. M., 1918 Influenza, p. 15.

⁴⁶⁸ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 240.

⁴⁶⁹ UJVARI, S. C., *A História e suas Epidemias*, p. 240.

⁴⁷⁰ Segundo Johnson, a notificação compulsória para a gripe era rara naquela época, à exceção de algumas nações escandinavas. Em alguns locais isso foi alterado posteriormente, ainda que de forma temporária. Um exemplo foi a Grã-Bretanha, onde a pneumonia por influenza se tornou notificável por vários anos a partir de 1919 (JOHNSON, N., *Britain and the 1918–19 Influenza Pandemic*, p. 116).

⁴⁷¹ SOUZA, C. M. C., *Da gripe espanhola à COVID-19*, p. 80-81.

favorecessem aglomerações, vigilância domiciliária e portuária, quarentena dos navios, desinfecção dos locais públicos, isolamento dos infectados. Naturalmente, as relações sociais também sofreram restrições, como evitar visitas, abraços, beijos e apertos de mão. Lavar sempre as mãos e desinfetar as vias respiratórias superiores se tornaram hábitos indispensáveis.⁴⁷²

Fonte de discórdia foi o uso de máscaras. Em algumas regiões era obrigatório, havendo níveis de fiscalização e resistência variados. Na Grã-Bretanha, por sua vez, o governo descentralizou as medidas preventivas e facultou às autoridades locais esta decisão, além de outras.⁴⁷³ À época, as máscaras eram feitas de gaze e foram apelidadas de “focinhos”, “escudos de germes” e “armadilhas de lixo”. Desafiando as orientações médicas, alguns indivíduos abriam buracos nas suas máscaras, para fumar charutos, enquanto outros colocavam até em seus cães. Bandidos também aproveitaram a obrigatoriedade das máscaras para cobrirem seus rostos e assaltarem bancos.⁴⁷⁴

As quarentenas também geraram polêmicas. Poucos países além da Samoa Americana e da Austrália ousaram promover uma quarentena a nível nacional. Era a nível local que se debatia mais frequentemente o fechamento de assentamentos, prédios ou atividades. A facilidade com a qual o vírus se disseminava tornava a quarentena muitas vezes ineficaz. As maiores controvérsias, todavia, relacionavam-se com as inquietações decorrentes da aplicação desigual das restrições. Questionava-se, por exemplo, o fechamento de entretenimentos públicos ao mesmo tempo em que os trabalhadores não podiam paralisar suas labutas, submetendo-se para tal a transportes públicos superlotados.⁴⁷⁵

O fato é que as cidades engajadas em intervenções não farmacêuticas obtiveram resultados mais satisfatórios na redução das taxas de mortalidade. Em seu estudo de caso focado nos efeitos das medidas preventivas em cidades norte-americanas durante a Gripe Espanhola, Bootsma e Ferguson concluíram que “o momento das intervenções de saúde pública teve uma profunda influência no padrão da onda de outono da pandemia de 1918 em diferentes cidades”. E mais: “as cidades que

⁴⁷² SOUZA, C. M. C., Da gripe espanhola à COVID-19, p. 76-77.

⁴⁷³ JOHNSON, N., Britain and the 1918–19 Influenza Pandemic, p. 120.

⁴⁷⁴ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 106.

⁴⁷⁵ JOHNSON, N., Britain and the 1918–19 Influenza Pandemic, p. 122.

introduziram medidas no início de suas epidemias alcançaram reduções moderadas, mas significativas, na mortalidade geral”.⁴⁷⁶

Além da alta mortandade, já seria esperado que uma moléstia que vitimou milhões de pessoas afetasse diversos setores da sociedade. Dissabores decorrentes da sobrecarga no sistema de saúde e do absenteísmo massivo de todas as indústrias e serviços, como transporte, telefonia e correio, foram sentidos em todos os cantos do planeta.⁴⁷⁷ Destaca-se nesse contexto uma crise econômica sem igual. Ujvari assim descreve o colapso da economia mundial:

A economia mundial entrou em crise. Diminuíram as explorações de ouro na África do Sul. Com a falência de empresas em todos os continentes, as plantações de café na América Central foram duramente prejudicadas. A fome agravou a situação no vale do rio Ganges; batatas não eram plantadas na Polônia; sem contar a situação que vivia a Europa, recém-saída da Primeira Grande Guerra.⁴⁷⁸

A Espanha, por exemplo, nação onde a moléstia ganhou notoriedade mundial, estava imersa em uma profunda crise política, econômica e social. A instabilidade era tamanha que alguns governos espanhóis duraram um mês ou um mês e meio no biênio da pandemia. Havia escassez de alimentos e medicamentos, e parte da população vivia em habitações insalubres. O sistema de saúde era precário, sem legislação e infraestrutura adequadas.⁴⁷⁹

A despeito da crise econômica agravada pela pandemia e pela guerra, muitos países se despertaram para o investimento nas ciências biológicas. Mais dinheiro passou a ser investido nas pesquisas sobre a gripe, e mais cientistas empreenderam estudos na área. Crosby informa que “dentro de uma década da pandemia da Gripe Espanhola, os cientistas publicaram mais de quatro mil livros e artigos sobre a gripe”.⁴⁸⁰

Exemplo de investimento na ciência, em decorrência da pandemia, foi o próprio Brasil. O sistema de saúde do país havia entrado em colapso com a chegada da Gripe Espanhola, mas a epidemia propiciou um renovado interesse pelo conhecimento sanitário, contexto que culminou na reestruturação do próprio sistema

⁴⁷⁶ BOOTSMA, M. C. J.; FERGUSON, N. M., The effect of public health measures on the 1918 influenza pandemic in U.S. cities, p. 7590-7591.

⁴⁷⁷ JOHNSON, N., Britain and the 1918–19 Influenza Pandemic, p. 119.

⁴⁷⁸ UJVARI, S. C., A História e suas Epidemias, p. 242.

⁴⁷⁹ GALLO, M. I. P.; ORTEGA, M. R., Los efectos de la pandemia de 1918-19 en la lucha contra la gripe en España, p. 18.

⁴⁸⁰ CROSBY, A. W., America's Forgotten Pandemic, p. 264-265.

público e na elaboração de uma política sanitária alinhada com a comunidade científica internacional.⁴⁸¹

Além de investimento financeiro, bons hábitos de higiene foram promovidos. Em alguns locais houve distribuição gratuita de sabão, fornecimento de água potável aos mais carentes, organização dos serviços de remoção de dejetos humanos, regulamentação de banheiros públicos, controle da qualidade do leite e de outros alimentos, proibição de cuspir nas ruas, publicações sobre as virtudes terapêuticas da água, entre diversas outras medidas.⁴⁸² Nesse particular, destaca-se a boa aceitação das medidas higiênicas por parte das comunidades japonesas, em cuja cultura tradicional as crianças são acostumadas desde muito cedo a cultivarem práticas como tirar os sapatos e lavar as mãos sempre que retornam às suas casas.⁴⁸³

4.2 A Igreja

Naturalmente, enfatizou-se até aqui o comportamento da Igreja Católica durante as pandemias. Mesmo no contexto da Peste Negra, quando o Protestantismo já começava a se disseminar, o movimento era ainda bastante embrionário, e as ações eclesiais realmente relevantes no combate à peste eram aquelas conduzidas pelo rebanho do Bispo de Roma. No século XX, entretanto, o mundo cristão é bastante diferente. Igrejas protestantes estão presentes em toda parte, sendo, inclusive, o segmento majoritário em muitos países. Este capítulo, portanto, apresenta de forma equilibrada as mais importantes reações e interpretações dos variados segmentos cristãos em face da Gripe Espanhola.

4.2.1 O grande século

O século que precedeu a pandemia de Gripe Espanhola foi bastante movimentado para o Cristianismo, tanto no segmento católico quanto no protestante. Kurian afirma que “o século XIX representou o melhor e o pior dos tempos para a

⁴⁸¹ NOVAES, A. M., Consolo escatológico, p. 51.

⁴⁸² MARTINI, M., et al., The Spanish Influenza Pandemic, p. E65.

⁴⁸³ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias, p. 107.

igreja cristã”.⁴⁸⁴ Não por acaso, Latourette, em sua “História do Cristianismo”, denomina o período desde 1815 até 1914 (do exílio de Napoleão ao início da Primeira Guerra Mundial) como “o grande século” da Igreja, quando movimentos seculares que ameaçavam a própria existência da fé cristã concorreram com ações de evangelização e expansão sem precedentes.⁴⁸⁵ O historiador americano assim o descreve:

Os noventa e nove anos de 1815 a 1914 formaram um período distinto na história da humanidade e do cristianismo. Eles, em vez do convencional 1800 a 1900, foram o século XIX. Por causa de uma combinação de expansão geográfica, vitalidade interior e efeito sobre a humanidade como um todo, eles constituíram o maior século que o Cristianismo havia conhecido até então. Essa conquista do cristianismo foi associada a uma prodigiosa explosão de criatividade nos povos da Europa Ocidental, a cristandade tradicional. Isso esteve paralelo a movimentos que pareciam ameaçar a própria existência da fé e por desafios que evocavam todos os seus recursos internos.⁴⁸⁶

No âmbito católico, o século XIX serviu à oficialização de dois dogmas da maior relevância à tradição romana: a imaculada concepção de Maria e a infalibilidade papal. Em ambos os temas, o pontificado de Pio IX (1846 – 1878) foi protagonista. Em dezembro de 1854, o papa proclamou que a Virgem não compartilhava de nenhuma mácula do pecado original, uma questão debatida entre os católicos desde a Idade Média. Foi no final da década seguinte, no entanto, que ocorreu o evento culminante sob o governo do referido pontífice: o Concílio Vaticano I (1869 – 1870). Sua resolução mais importante, por uma votação de quinhentos e trinta e três a dois, foi a afirmação da infalibilidade papal, selando, com isso, o triunfo do ultramontanismo.⁴⁸⁷ No dia 18 de julho de 1870, foi definido o que se segue:

Portanto, aderindo fielmente à tradição recebida desde o início da fé cristã, para glória de Deus nosso Salvador, a exaltação da religião católica e a salvação do povo cristão, com a aprovação do Sagrado Concílio, nós ensinamos e definimos que é um dogma divinamente revelado: que o Romano Pontífice, quando fala *ex cathedra*, isto é, quando no desempenho do ofício de Pastor e Mestre de todos os cristãos, em virtude de sua suprema autoridade apostólica, define uma doutrina sobre a fé ou moral a ser mantida pela Igreja universal, é, pela assistência divina prometida a ele no Bem-aventurado Pedro, possui aquela infalibilidade com a qual o divino Redentor quis que Sua Igreja fosse dotada na definição de doutrina sobre fé ou moral; e que, portanto, tais definições do Romano Pontífice são por si mesmas, e não pelo

⁴⁸⁴ KURIAN, G. T., *Christian Centuries*.

⁴⁸⁵ LATOURETTE, K. S., *A History of Christianity*, p. 1061.

⁴⁸⁶ LATOURETTE, K. S., *A History of Christianity*, p. 1063.

⁴⁸⁷ WALKER, W., *A History of the Christian Church*, p. 560-561.

consentimento da Igreja, irreformáveis. Mas se alguém – que Deus possa evitar! – presumir contradizer esta nossa definição, que seja anátema.⁴⁸⁸

Para os protestantes, por sua vez, o décimo nono século da Era Cristã foi de intenso labor missionário. Nas palavras de J. Kane, “nunca antes na história da Igreja Cristã houve um esforço tão coordenado, organizado e hercúleo para levar o evangelho até os confins da terra”.⁴⁸⁹ Latourette corrobora dizendo: “nunca antes em um período de igual duração o cristianismo ou qualquer outra religião penetrou pela primeira vez uma área tão grande quanto no século XIX”.⁴⁹⁰ Kurian denomina o referido período como “a Era dos Grandes Missionários”.⁴⁹¹ Gingrich considera aquele o maior entre três grandes períodos de atividade missionária da Igreja, sendo o primeiro na era apostólica, quando os cristãos primitivos evangelizaram os povos do Império Romano; o segundo na era medieval, quando o norte e leste europeus foram alcançados; e o terceiro no século XIX, quando “a igreja moderna foi para os povos de todo o mundo”.⁴⁹²

Entre os séculos XVII e XVIII, a dedicação dos protestantes à evangelização global foi bastante discreta. Os reformadores tinham dado pouca importância ao tema, talvez por conta das expectativas escatológicas que nutriam. Todavia, após os reavivamentos promovidos por metodistas, pietistas e anglicanos, além dos despertamentos americanos, o zelo pelas missões reacendeu.⁴⁹³

Conforme o empreendimento missionário avançava, diferentes métodos eram aplicados. As primeiras agências eram interdenominacionais, mas logo cada denominação passou a organizar seu próprio conselho de missões. Havia também trabalhos especializados, ou seja, ações de proselitismo direcionadas a públicos específicos (judeus, índios, militares, deficientes físicos, crianças, etc.), ou que se dedicavam a algum tipo particular de trabalho (distribuição de literatura, radiodifusão, serviço social, etc.).⁴⁹⁴

Àquela altura, as missões católicas já eram conduzidas pela Congregação para a Propagação da Fé, órgão fundado em 1622 que centralizava em Roma as atividades missionárias antes encabeçadas pelas ordens religiosas e pelas monarquias

⁴⁸⁸ McNABB, V. (Org.), *The Decrees of the Vatican Council*, p. 46-47.

⁴⁸⁹ KANE, J. H., *A Concise History of the Christian World Mission*, p. 93.

⁴⁹⁰ LATOURETTE, K. S., *A History of The Expansion of Christianity*, p. 469.

⁴⁹¹ KURIAN, G. T., *Christian Centuries*.

⁴⁹² GINGRICH, R. E., *The History of the Church*, p. 55.

⁴⁹³ GINGRICH, R. E., *The History of the Church*, p. 55.

⁴⁹⁴ KANE, J. H., *A Concise History of the Christian World Mission*, p. 94-95.

portuguesa e espanhola. De certa forma, a humilhação sofrida por Pio VII nas mãos de Napoleão Bonaparte acabou criando um movimento de apoio papal e renovação religiosa em toda a igreja. Os jesuítas foram restabelecidos (1814) e novas ordens dedicadas à evangelização foram criadas, como: as Irmãs de São José de Cluny (1805), os Oblatos de Maria Imaculada (1816), os Maristas (1817), a Congregação de Maria Imaculada (1862), os Missionários de Mill Hill (1866), os Missionários Combonianos (homens, 1867; mulheres, 1872), a Sociedade do Verbo Divino (1875), as Irmãs do Precioso Sangue (1885), entre outras.⁴⁹⁵ A Congregação para a Propagação da Fé estimulou os esforços missionários católicos sobretudo na Etiópia, Mongólia e no norte da África.⁴⁹⁶

Havia bastante diversidade entre os missionários, desde artesãos semianalfabetos até graduados universitários. Onde chegaram lidavam com suspeita, hostilidade, perseguição, prisão, martírio, afora a exposição a doenças tropicais e moléstias desconhecidas em suas terras natais.⁴⁹⁷ Embora amiúde católicos e protestantes fossem pioneiros em suas próprias áreas missionárias, eles ocasionalmente competiam uns contra os outros.⁴⁹⁸ Por outro lado, através deles a Igreja combateu diversos males sociais presentes em cada região alcançada, como: imolação de viúvas e prostituição na Índia; pés de lótus, vício em ópio e abandono de bebês na China; poligamia, tráfico de escravos⁴⁹⁹ e assassinato de gêmeos na África. Os missionários também fundaram inúmeras escolas, hospitais, clínicas, universidades, orfanatos, leprosários, entre outras instituições de caridade e recuperação da dignidade humana.⁵⁰⁰

Ao findar o século XIX, os cristãos representavam 34,4% da população mundial. Pouco mais da metade do planeta, 51,3%, tinha sido evangelizada. Havia exemplares da Bíblia Sagrada disponíveis em quinhentos e trinta e sete idiomas.⁵⁰¹ Tais números continuaram crescendo no século XX, não sem diversas oposições e dificuldades.

⁴⁹⁵ BEVANS, S. B.; NYQUIST, J., *Roman Catholic Missions*, p. 838-839.

⁴⁹⁶ KURIAN, G. T., *Christian Centuries*.

⁴⁹⁷ KANE, J. H., *A Concise History of the Christian World Mission*, p. 96-97.

⁴⁹⁸ BEVANS, S. B.; NYQUIST, J., *Roman Catholic Missions*, p. 839.

⁴⁹⁹ Nesse particular, destaca-se o episcopado de Charles-Martial Allemand Lavigerie, cardeal e prímaz da África, fundamental para persuadir as potências coloniais a abolirem a escravidão (KURIAN, G. T., *Christian Centuries*).

⁵⁰⁰ KANE, J. H., *A Concise History of the Christian World Mission*, p. 97-100.

⁵⁰¹ KURIAN, G. T., *Christian Centuries*.

4.2.2 Devoção dentro e fora do templo

A década de 10 no século XX refreou muitos esforços missionários, tanto pela Grande Guerra quanto pela pandemia. O conflito internacional, por exemplo, dificultou o avanço e a presença dos missionários entre os países beligerantes e até entre as nações não diretamente envolvidas. Foi o caso de Gana, que durante a Primeira Guerra Mundial expulsou os missionários oriundos da Europa Continental, os quais foram parcialmente substituídos por enviados das igrejas livres da Escócia.⁵⁰²

Em 1919, ainda no contexto da pandemia de Gripe Espanhola, o Papa Bento XV⁵⁰³ deu novo incentivo ao trabalho missionário. Sua preocupação com as missões resultou na carta apostólica *Maximum illud*, pela qual o Sumo Pontífice se opunha fortemente à subordinação permanente do clero nativo e pedia uma melhor formação espiritual e intelectual dos missionários.⁵⁰⁴

O fato, porém, é que durante a crise sanitária que devastou o mundo a atividade da Igreja foi bastante prejudicada. Na verdade, epidemias sempre foram ferrenhos opositores do trabalho missionário, especialmente no continente africano onde a malária, a febre amarela, o tifo e a desintéria ceifaram inúmeros obreiros.⁵⁰⁵ Não foi diferente com a Gripe Espanhola, que afetou, sobretudo, as atividades dos templos. Em algumas regiões, as igrejas continuaram abertas com a ressalva de que as reuniões deveriam ser curtas, fazendo com que os sermões longos fossem proibidos e as missas dominicais não durassem mais do que cinco minutos.⁵⁰⁶

Quando as igrejas foram efetivamente fechadas devido ao risco de proliferação da gripe, houve pouca objeção e resistência, a não ser a inquietação de alguns que ressaltavam os benefícios que a religião podia trazer aos devotos em dias de luto e caos generalizado.⁵⁰⁷ Assim, enquanto a maioria das igrejas simplesmente cancelou os cultos, algumas se reuniam ao ar livre, prática que não deixava de constituir uma violação técnica à ordem de fechamento, mas que representava o anseio

⁵⁰² CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A., *Christianity in Ghana*, p. 676.

⁵⁰³ O próprio Papa Bento XV também morreu vítima de gripe, em 1922 (CARLEN, C., *The Papal Encyclicals*, p. 142).

⁵⁰⁴ CARLEN, C., *The Papal Encyclicals*, p. 142.

⁵⁰⁵ KANE, J. H., *A Concise History of the Christian World Mission*, p. 97.

⁵⁰⁶ COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I., *O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias*, p. 105.

⁵⁰⁷ JOHNSON, N., *Britain and the 1918–19 Influenza Pandemic*, p. 120.

dos devotos pelas orações coletivas.⁵⁰⁸ Nesse particular, parece que os cristãos reformados foram mais sensíveis ao fechamento dos templos. Em uma matéria de outubro de 1918, do jornal *Grand Rapids Herald*, intitulada *Ordem de fechamento de domingo fortemente sentida pelos membros da Igreja Reformada*, o periódico publicou:

Talvez existam poucas congregações na cidade sentindo as dificuldades da ordem de fechamento da igreja tão intensamente quanto as 17 igrejas cristãs reformadas. Os membros dessas igrejas foram treinados desde a infância para considerar a frequência regular à igreja tão natural em suas vidas quanto tomar café da manhã, e em cada uma das duas ou três sessões dominicais as igrejas costumam ficar lotadas. O pessoal da igreja está feliz em fazer tudo ao seu alcance para ajudar a conter a propagação da gripe, mas muito descontentamento é expresso tanto pelo clero quanto pelos leigos sobre a distinção aparentemente injusta feita entre escolas e igrejas. As escolas funcionam cinco dias por semana e parece que, se houvesse perigo de contágio em algum lugar, seria entre os jovens fisicamente subdesenvolvidos que se reuniam nas salas da escola dia após dia. Por outro lado, tendo em vista a suprema importância do serviço ao Todo-Poderoso nestes tempos críticos e a necessidade de oração, parece que a igreja seria a última de todas as instituições a ser solicitada a fechar suas portas.⁵⁰⁹

O jornal americano prossegue destacando que os cristãos passaram a conduzir os cultos em suas próprias casas. Os pais reuniam sua família aos domingos de manhã e à tarde e liam seus sermões favoritos. Os pastores, por sua vez, aproveitaram o tempo livre para se dedicarem a estudos específicos que há muito careciam de atenção, além de realizarem um trabalho pastoral mais alargado, incluindo até visitas aos membros.⁵¹⁰

Uma vez que, concomitantemente à pandemia, desenrolava-se uma guerra de nível global, o papa convocou os cristãos a intensificarem suas orações pela paz mundial. Após o Armistício de Compiègne, em 11 de novembro de 1918, Bento XV escreveu a encíclica *Quod Iam Diu*, na qual exorta a patriarcas, arcebispos, bispos e demais ordinários do mundo católico a promoverem orações públicas em favor da Conferência de Paz que seria realizada a partir de janeiro de 1919. O Sumo Pontífice recomendou:

As palavras, então, não são necessárias para mostrar quão grande necessidade eles têm de serem iluminados do alto para que possam realizar bem sua grande tarefa. E, como suas decisões serão de supremo interesse para toda a humanidade, não há

⁵⁰⁸ BARRY, J. M., *The Great Influenza*, p. 180-181.

⁵⁰⁹ Sunday closing order keenly felt by members chr. reformed churches, p. 1.

⁵¹⁰ Sunday closing order keenly felt by members chr. reformed churches, p. 1.

dúvida de que os católicos, para quem a manutenção da ordem e do progresso civil é um dever de consciência, devem invocar a assistência divina para todos os que participam da conferência de paz. Desejamos que esse dever seja apresentado a todos os católicos. Portanto, Veneráveis Irmãos, para que venha do Congresso a ser realizado em breve aquele grande dom do céu, a verdadeira paz fundada nos princípios cristãos da justiça, que a iluminação do Pai Celestial desça sobre eles, será de seu cuidado ordenar orações públicas em cada paróquia de suas dioceses da maneira que julgar mais conveniente.⁵¹¹

Afora os serviços litúrgicos, a Igreja se mostrou atuante também na assistência médica aos enfermos. Destaca-se nesse quesito o trabalho das freiras. A revista *Records of the American Catholic Historical Society of Philadelphia*, em sua edição de setembro de 1919, traz um registro do trabalho das irmãs americanas durante a epidemia de influenza do ano anterior. Segundo o periódico, na ausência de profissionais da saúde, centenas de irmãs foram recrutadas para servirem nos hospitais e visitarem os enfermos em suas próprias casas. Elas limpavam, lavavam, cozinhavam, cuidavam dos órfãos e realizavam os mais diversos serviços de enfermagem, tudo isso em favor de famílias católicas e não católicas.⁵¹² Em muitos casos, os pacientes acabavam se afeiçoando às irmãs em detrimento das próprias enfermeiras, como o dramático relato abaixo:

Visitando as casas desta paróquia, cuidando dos enfermos, limpando, lavando e cozinhando, as Irmãs encontravam tantas carências e necessidades reais entre os abastados quanto nas habitações mais simples dos pobres. Em um triste caso, as Irmãs encontraram uma jovem que havia amarrado o marido à cama. Ele estava violentamente delirante. Ela própria logo se tornaria mãe. O marido foi removido para o hospital e as Irmãs encontraram uma enfermeira. A criança nasceu, mas a mãe não viveu para ver seu rosto. Ela implorou às Irmãs que permanecessem com ela até o fim, dizendo: "Eu quero você, não a enfermeira".⁵¹³

No Brasil, mesmo contrariando a profilaxia recomendada naquele período, a maior parte dos ritos religiosos foi mantida. Missas e romarias, no objetivo de suplicar a misericórdia divina diante da ameaça da epidemia, seguiram reunindo muitos fiéis nos templos. A Igreja do Bonfim, por exemplo, atraiu ainda mais devotos para as tradicionais romarias das sextas-feiras, inclusive mantendo o rito do “beijapé” da imagem sagrada, pois os fiéis não temiam o risco de contaminação.⁵¹⁴ Nesse período, a imagem de São Roque, antigo protetor contra a peste, também desceu

⁵¹¹ CARLEN, C., The Papal Encyclicals, p. 161.

⁵¹² TOURSCHER, F. E., Work Of The Sisters During The Epidemic Of Influenza, p. 193-215.

⁵¹³ TOURSCHER, F. E., Work Of The Sisters During The Epidemic Of Influenza, p. 195.

⁵¹⁴ SOUZA, C. M. C., A Gripe Espanhola na Bahia, p. 236.

para o corpo da nave da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, tornando-se alvo das súplicas dos fiéis.⁵¹⁵

Não demorou para que tudo isso elevasse o índice de contaminação entre os sacerdotes. Muitos sucumbiram à gripe, submetidos, pelo ofício, à proximidade com os fiéis durante a ministração dos sacramentos e dos demais atos de devoção, onde a aglomeração das pessoas favorecia o contágio.⁵¹⁶ O Arcebispo Primaz do Brasil na época, D. Jerônimo Thomé da Silva, ordenou que em todas as igrejas da Bahia fosse rezada a oração *Pro vitanda mortalitate vel tempore pestilentiae*, própria para epidemias. Ademais, os sacerdotes deveriam reforçar as orações com a recitação do terço, a ladainha a Nossa Senhora, o *Tantum ergo* e a benção do Santíssimo Sacramento, concluindo as preces com o cântico “Senhor Deus misericórdia”.⁵¹⁷

Além de conforto e esperança aos enlutados, os fiéis também procuravam na religião a cura que a medicina da época não garantia. A impotência da medicina acadêmica frente a Gripe Espanhola colocou em destaque outros meios de prevenção e cura, geralmente de cunho religioso. Sobre isso, Jaqueline Pereira explica:

Na República, os curandeiros, feiticeiros, rezadeiras e parteiras práticas prestavam um papel social, pois preenchiam lacunas deixadas pelas instituições de poder na cura da grande parcela dos despossuídos, que não tinham a mínima chance de recorrer aos especialistas das áreas médicas. Até para a classe média e para as elites eles serviam como “socorro” espiritual e físico, quando as esperanças no saber especializado já haviam se esgotado. Por outro lado, frequentar as casas das comadres e os terreiros, usar receitas de chás e mesinhas, simpatias e rezas era uma tradição para as classes populares, tradição esta que, graças a um processo de circularidade cultural, estava difundida, em grande parte, nos meios sociais mais elitizados.⁵¹⁸

No continente africano, a busca de cura por intermédio da fé popularizou as igrejas dos Aladuras (em iorubá, “pessoas que oram”). Os Aladuras promoveram o poder da oração para curar, e quando a pandemia de 1918 se espalhou para a África Ocidental, foi entre eles que o povo procurou curas milagrosas. Os testemunhos de milagres e a sobrevivência de tantos nigerianos entre os Aladuras durante a Gripe

⁵¹⁵ SOUZA, C. M. C., A gripe espanhola na Bahia de Todos os Santos, p. 57.

⁵¹⁶ SOUZA, C. M. C., A Gripe Espanhola na Bahia p. 237.

⁵¹⁷ SOUZA, C. M. C., A gripe espanhola na Bahia de Todos os Santos, p. 55.

⁵¹⁸ PEREIRA, J. A., Práticas Mágicas e Cura Popular na Bahia, p. 45-46.

Espanhola estimularam o crescimento e a disseminação desses grupos de oração na década de 1920.⁵¹⁹

Os templos, contudo, não eram os únicos locais para expressão da fé. Outras instituições públicas também serviam a rituais religiosos relevantes aos crentes, como os cemitérios. No Brasil, por exemplo, até o século XIX o sepultamento de fiéis nas igrejas era uma prática corrente, alterada somente a partir dos decretos imperiais de 1828.⁵²⁰ Em outubro daquele ano, em meio à onda de liberalismo que permeava a política brasileira, foram promulgadas diversas leis que regulamentavam os municípios, entre as quais o segundo parágrafo do artigo 66, que recomendava às câmaras municipais “o estabelecimento de cemitérios fora do recinto dos Templos, conferindo a esse fim com a principal Autoridade Eclesiástica do Lugar”.⁵²¹ Os cemitérios passaram, então, a receber ritos fúnebres e procissões no Dia de Finados, mas até isso foi vetado em algumas regiões durante a pandemia, como aconteceu na Bahia em outubro de 1918.⁵²²

Local de procissão para os católicos, os cemitérios eram vistos como locais apropriados para o proselitismo por parte dos evangélicos. A tradição adventista, por exemplo, enxergava no feriado de Finados uma ocasião propícia para a divulgação da crença na morte como inexistência e da esperança na ressurreição por ocasião do retorno de Cristo. O período pós-pandêmico, inclusive, devido ao afluxo de visitantes às necrópoles que provocava, era visto como o momento oportuno para a transmissão da “luz da verdade”, expressão com a qual os adventistas se referiam às suas doutrinas distintivas.⁵²³

Sobre isso, a Revista Mensal, periódico da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, na edição de outubro de 1919, orienta aos fiéis:

Visto ocorrer este ano o primeiro aniversário da gripe espanhola ao nosso país, devendo por esta razão ser maior do que de costume a concorrência para os cemitérios, resolvemos aproveitar esta ocasião para lançar uma forte campanha com o “Signaes dos Tempos”. Para este fim temos preparado um excelente número de nosso jornal, tratando sobre a questão da imortalidade e ressurreição. A maior parte dos artigos, que serão ilustrados por grande número de apropriadas gravuras, foram escritos especialmente para esta ocasião pelos obreiros mais experimentados de nossa obra no Brasil, os quais, habilitados por longa experiencia no trabalho neste país, estão

⁵¹⁹ BARNES, M., *Eternal Sacred Order of Cherubim and Seraphim*, p. 5113.

⁵²⁰ NOVAES, A. M., *Consolo escatológico*, p. 45.

⁵²¹ REIS, J. J., *A Morte é uma Festa*, p. 275-276.

⁵²² SOUZA, C. M. C., *A Gripe Espanhola na Bahia*, p. 169.

⁵²³ NOVAES, A. M., *Consolo escatológico*, p. 56.

melhor no caso de oferecer ao povo brasileiro o alimento espiritual de que ele precisa. Apelamos, pois, a todos os obreiros, diretores de igrejas e grupos, secretários de sociedades de tratados e colportores, e irmãos em geral para que, unidos, aproveitem esta ocasião para espalhar a luz da verdade. Será conveniente que os irmãos se organizem em grupos, os quais, postando-se às entradas dos cemitérios, devem oferecer este número 11 do Signaes dos Tempos aos que vão passando.⁵²⁴

4.2.3

Tempo do fim ou do recomeço?

Na pandemia do século XX a Igreja ocupa uma posição diferente daquela que exercera na Idade Média, no tocante à interpretação que se dava às tragédias. Cabia, agora, à Ciência explicar a causa das catástrofes humanas, fato que tornava necessário considerar também os imperativos da natureza e das ações humanas em detrimento dos meros desígnios divinos. “Em 1918”, revela Rosalira Oliveira, “já se conheciam os micro-organismos patogênicos e se instaura, portanto, uma disputa entre as razões religiosa e científica, ambas buscando tornar inteligível um mundo em crise”.⁵²⁵

Isso não impediu, como outrora já tinha ocorrido em outras pandemias, que a Gripe Espanhola também ganhasse conotações religiosas. Na avaliação de Allan Novaes, pelo menos três razões provocavam essas interpretações: primeira, a associação com a Primeira Grande Guerra, que por si só já recebia sentido escatológico de diversos movimentos religiosos; segunda, devido ao alcance global da moléstia; e terceira, pelo caráter aleatório da doença, particularmente letal para adultos de 20 a 40 anos de idade, e não somente para grupos de risco.⁵²⁶

No entanto, percebe-se uma nova perspectiva sobre a pandemia no século XX. O imaginário popular continuava a atribuir ao divino a causa primaz da moléstia, mas agora ocorre o que Cristina Gurgel chama de “democratização dos culpados”, isto é, a punição divina alcança um público mais amplo de “pecadores”, e não apenas as minorias marginalizadas na Idade Média. A pesquisadora explica:

Em pleno século XX, as incertezas, a falta de esclarecimentos factíveis e, finalmente, o medo da morte fizeram com que parte significativa da população se voltasse para a milenar explicação sobre a origem divina da gripe espanhola. Deus puniria um mundo em transformação, assolado por uma guerra, marcado pela cobiça e que parecia querer livrar-se dos bons costumes. Contudo, são notórias algumas diferenças

⁵²⁴ Signas dos Tempos para o mez de novembro, p. 16.

⁵²⁵ OLIVEIRA, R. S., Espanhola ou a gripe que ninguém queria.

⁵²⁶ NOVAES, A. M., Consolo escatológico, p. 51.

conceituais em relação a epidemias pregressas. Não havia mais feiticeiras ou grupos religiosos que pudessem ser culpados pela epidemia. Em 1918, o conhecimento sobre a existência de micro-organismos patogênicos e de sua transmissão acarretou a consciência de que todos poderiam ser os “pecadores” e de que teriam as mesmas responsabilidades como possíveis portadores e disseminadores da doença. Na epidemia de gripe espanhola, houve a democratização dos culpados.⁵²⁷

Quanto à ideia de fim do mundo, a segunda década no século XX foi particularmente notável. Diversas denominações evangélicas chamaram a atenção dos fiéis para a sequência de catástrofes que sinalizariam a proximidade da Vinda do Senhor e do Juízo Final. Entre esses grupos, destacam-se as Testemunhas de Jeová, que enxergaram naquela década o efetivo encerramento do “Tempo dos Gentios” e o início do Reino Messiânico:

Nós, portanto, propomos provar neste argumento que a ordem social das coisas, ou seja, o segundo mundo, terminou legalmente em 1914 e que desde esse tempo está desaparecendo; que está chegando e tomando seu lugar a nova ordem das coisas; que dentro dum limitado período de tempo a velha ordem estará completamente desarraigada e a nova ordem em pleno domínio.⁵²⁸

A Grande Guerra e a pandemia daquela década foram interpretadas como evidências do princípio do fim do mundo, conforme Rutherford, um dos antigos líderes das Testemunhas de Jeová, esclarece em outro trecho:

Isto não é devido a que a terra seja menos produtiva, nem tão pouco à incapacidade do homem para plantar e produzir mais, mas sim às condições resultantes da guerra mundial, as quais Jesus claramente predisse que viriam com a guerra, subministrando-nos assim mais uma evidência de que 1914 marca o princípio do fim do mundo. [...] Mais ainda está observado que Jesus disse que a guerra e fome seriam acompanhadas de peste e observa-se que todas estas profecias têm sido literalmente realizadas. A influenza espanhola, que se propagou por toda a terra e que em menos de doze meses fez mais do dobro das vítimas do que a guerra mundial, durante quatro anos. Ainda atualmente todos os povos da Europa se estão prevenindo contra a terrível epidemia do tifo.⁵²⁹

Àquela altura já se disseminava também a linha de interpretação escatológica que se tornaria a mais popular entre os cristãos fundamentalistas: o

⁵²⁷ GURGEL, C. B. F. M., 1918, p. 383.

⁵²⁸ RUTHERFORD, J. F., Milhoes que Agora Vivem Jamais Morrerão, p. 8.

⁵²⁹ RUTHERFORD, J. F., Milhoes que Agora Vivem Jamais Morrerão, p. 12.

Dispensacionalismo. O cerne desta visão é a divisão da História em “dispensações”⁵³⁰, interpretadas como diferentes estágios na revelação progressiva de Deus. Esse tipo de periodização histórica já havia sido proposto por outros teólogos, mas John Nelson Darby (1800 – 1882) foi o primeiro a criar um sistema completo de interpretação sob essa perspectiva. No início do século XX, a doutrina alcançava cada vez mais adeptos, porém se popularizou definitivamente a partir da *Scofield Reference Bible*, lançada em 1909 e editada um ano antes da pandemia, em 1917.⁵³¹

Já durante o agitado ano de 1918, Scofield, um dos principais expoentes do Dispensacionalismo, prefaciava seu livro *O que dizem os profetas?* com o seguinte comentário:

Que a raça humana está em uma crise suprema é óbvio para a inteligência mais obtusa. Nada como isso jamais marcou a longa vida da humanidade na Terra. É impossível conter o esforço para encontrar o significado de tudo isso. Ninguém está realmente satisfeito ou convencido com as soluções fáceis propostas por um otimismo superficial. Por trinta anos, esses profetas da paz sem retidão nos asseguraram que grandes e sérias guerras terminaram para sempre; e, no entanto, estamos na maior e mais séria de todas as guerras. O que tudo isso significa? O cristão acredita que de alguma forma, em algum lugar, a resposta está nos escritos dos Profetas — escritos autenticados por Jesus Cristo (Lucas 16:31; 24:27,44) e por centenas de cumprimentos literais.⁵³²

A partir da reação da população de Manaus/AM à chegada da pandemia, Rosineide Gama explica como os manauenses atrelaram a Gripe Espanhola ao cumprimento de profecias bíblicas, muito por influência dos próprios meios de comunicação. A pesquisadora comenta:

Essas representações sobre o dia do juízo final na cidade de Manaus se deram nos momentos mais difíceis da passagem da gripe espanhola, com exposição de cadáveres e com a ruptura das relações pessoais. Tudo indica que esse medo do fim do mundo não se deu somente por causa das desgraças que estavam acontecendo como a crise econômica, a fome e a Hespnhola, mas também pelo papel que os meios de comunicação deram ao evento e como a população recebeu essas notícias. É importante destacar que os meios de comunicação colocaram esse momento como aterroizante, o que fez surgir na população manauense a ideia do fim dos tempos inspirada no livro bíblico do Apocalipse. [...] Juntamente com as procissões, os jornais de oposição, ante a esse quadro de abandono do poder público, de pobreza e mortes, começaram a publicar, também, matérias sobre as profecias do livro bíblico do

⁵³⁰ Scofield define dispensação como “um período de tempo durante o qual o homem é testado em relação à obediência a alguma revelação específica da vontade de Deus” (SCOFIELD, C. I., *The Scofield Reference Bible*, p. 5).

⁵³¹ WEBER, T. P., *Dispensationalism*, p. 358.

⁵³² SCOFIELD, C. I., *What Do the Prophets Say*, p. 5.

Apocalipse: com o fim do mundo cercado de fome, guerra e peste. Segundo essas matérias, a profecia estava literalmente sendo cumprida, esperando somente a vinda do Salvador, principalmente depois da hecatombe que houve no mundo, proporcionada pela guerra e pela gripe espanhola.⁵³³

A mensagem escatológica também oferecia um importante consolo aos fiéis enlutados. Analisando os obituários de crentes adventistas vítimas da Gripe Espanhola, Allan Novaes observa que a narrativa trazia conforto mediante dois recursos textuais: primeiro, a descrição elogiosa da vida de fé das falecidas; e segundo, a ênfase na esperança de um reencontro com os irmãos que partiram por ocasião do grande evento utópico da Segunda Vinda de Cristo. Assim, eles apoiavam-se na crença apocalíptica como certeza do reencontro corpóreo e literal com os queridos que se foram.⁵³⁴

Na ala católica, por sua vez, o início do século XX trouxe mudanças significativas para a Escatologia. Desde o século XVIII, quando as ideias de Tomás de Aquino e das várias vertentes da tradição foram transformadas em manuais de teologia, a Escatologia tornou-se focada apenas nas “últimas coisas” além do mundo, passando a ser estruturada em torno de categorias determinadas quase exclusivamente pelo que acontece depois desta vida. Isso fez da Escatologia um mero apêndice da teologia, cada vez mais especulativa e periférica à proclamação da fé. Essa marginalização da Escatologia na teologia católica entrou em conflito com a “descoberta” histórico-crítica da própria pregação de Jesus como completamente escatológica. Conforme teólogos protestantes, como Johannes Weiss (1863 – 1914) e Albert Schweitzer (1875 – 1965), avançavam a perspectiva imanente do Reino de Deus, o foco no início do século XX era reconciliar as doutrinas cristãs sobre o fim dos tempos e a própria pregação de Jesus sobre o fim dos tempos.⁵³⁵

O resultado desta nova abordagem à Escatologia tornou a Igreja menos preocupada com o fim do mundo e mais engajada no melhoramento do mundo. Como testemunha em sua encíclica *Pacem, Dei Munus Pulcherrimum*, em maio de 1920, Bento XV não mediu esforços em prol da paz universal e da reconciliação dos povos:

⁵³³ GAMA, R. M., Dias Mefistofélicos, p. 148-149.

⁵³⁴ NOVAES, A. M., Consolo escatológico, p. 60.

⁵³⁵ FLETCHER, J. H., Eschatology, p. 629-630.

Por Nós mesmos, nunca desde que, pelos desígnios ocultos de Deus, fomos elevados à Cátedra, deixamos de fazer tudo em Nosso poder desde o início da guerra para que todas as nações do mundo pudessem retomar relações cordiais o mais rápido possível. Para tanto, nunca deixamos de rezar, de repetir exortações, de propor formas de conciliação, de tentar todos os meios, de fato, para abrir com a ajuda divina um caminho para uma paz justa, honrosa e duradoura; e, ao mesmo tempo, exercemos todo o nosso cuidado paterno para aliviar em todos os lugares aquela terrível carga de tristeza e desastre de todo tipo que acompanhou a imensa tragédia.⁵³⁶

Essa cosmovisão mais “otimista” marcaria a tradição romana pelo restante do século XX, sendo estabelecida definitivamente no Concílio Vaticano II. De acordo com a constituição pastoral *Gaudium et spes*, “a expectativa da nova terra não deve enfraquecer, mas antes ativar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra”.⁵³⁷ Após o Concílio, a escatologia católica inspiraria vários movimentos, como a Teologia da Revolução e a Teologia da Libertação.⁵³⁸

4.2.4

Conclusão: A Igreja supera a Gripe Espanhola

Percebeu-se, neste capítulo, a recorrência de temas já tratados nos capítulos anteriores, como a correlação da pandemia com o juízo divino ou com o fim dos tempos. Nota-se, porém, mais um avanço na escalada de amadurecimento da Igreja. A maior parte dos cristãos se mostrou mais alinhada com o progresso científico, poupando sua própria fé do desgaste com teorias de conspiração e discursos apocalípticos assustadores.

Por outro lado, os frutos desse amadurecimento obtido ao longo dos séculos para as próximas pandemias ainda é uma incógnita. Isso porque novas comunidades e seitas cristãs se proliferam cada dia mais, e estas, por sua vez, nem sempre se apropriam do legado histórico construído pela Igreja peregrina, ecoando as interpretações particulares de seus próprios líderes-fundadores. O fato é que a Igreja superou não apenas a Gripe Espanhola e a Grande Guerra daquela década, como também a Segunda Guerra Mundial e outras epidemias do restante do século XX e do início do século XXI, mantendo-se como baluarte da verdade e da esperança.

⁵³⁶ CARLEN, C., The Papal Encyclicals, p. 171.

⁵³⁷ GS 3,39.

⁵³⁸ ZACHARY HAYES, O. F. M., Eschatology, p. 276.

5

Considerações finais

Revisitar algumas das piores tragédias humanitárias que a Igreja atravessou não foi uma tarefa confortável. Rer o testemunho de cristãos que lidaram com momentos tão sombrios de caos e incertezas reacende no pesquisador e no leitor a dor outrora sentida pelos irmãos que comungam da mesma fé. Embora o contexto pandêmico se assemelhe ao que ocorre em pleno século XXI, cada lágrima é única, cada luto é singular. Logo, pesquisar a história das maiores pestilências e moléstias enfrentadas pela Igreja renova, inevitavelmente, o pesar pela assolação que cada surto causou entre os fiéis.

Por outro lado, olhar para trás e observar tantas crises que a Igreja superou reafirma a convicção na promessa de Jesus Cristo, de que “as portas do Hades nunca prevalecerão contra ela” (Mt 16,18). Em cada pandemia, milhões de almas, inclusive cristãs, adentraram o submundo dos mortos. Isso, todavia, não impediu que a Igreja continuasse cumprindo sua grande comissão. A despeito das perdas e aflições de cada geração, o Espírito Santo garantiu o bom ânimo de que os crentes precisavam para perseverarem.

O primeiro período destacado nesta pesquisa cobriu os séculos VI a VIII d.C. A Peste Justiniana desferiu um duro golpe contra a Cristandade. Contudo, apesar da falta de conhecimento científico suficiente para decifrar a causa de tamanha mortalidade, a Igreja superou a escassez de informação transbordando em caridade. As xenodóquias e nosocômios cristãos, por exemplo, representaram um importante avanço na história da medicina, sendo protótipos dos hospitais que futuramente seriam tão úteis no tratamento de todo tipo de enfermidade.

A pesquisa avançou sobre a Baixa Idade Média e reviveu os anos sombrios da Peste Negra. Encontrou-se ali uma instituição em crise, tentando reaprender seus próprios princípios éticos e dogmáticos. Destacou-se também, por outro lado, uma Igreja intercessora, penitente, engajada em lançar mão das ferramentas espirituais que dispunha para atrair o favor divino e afastar o mal. Superada a pandemia, a Idade Moderna revelava ao mundo um Cristianismo renovado e multifacetado, com marcas em sua liturgia, doutrina e comunhão que carregaria para sempre.

Finalmente, a pandemia de 1918 foi colocada em destaque. Talvez não tenha havido um desafio maior em toda a história do Cristianismo que o da segunda

década do século XX, quando o Povo de Deus precisou apaziguar um mundo em guerra e assistir à uma população acometida de tal moléstia sem precedentes. A Igreja que lidou com a Gripe Espanhola, porém, não era mais uma jovem instituição aprendendo a lidar com crises humanitárias, mas uma senhora de vinte séculos, experimentada, amadurecida, capaz de apresentar explicações e soluções mais coerentes para os problemas do mundo.

Fez parte do amadurecimento da Igreja ao longo dos séculos aprender com seus próprios erros. Entre os momentos mais obscuros das pandemias, destacam-se aqueles em que os cristãos insistiram em identificar um culpado pela crise, postura que não poucas vezes resultou em ações de intolerância e discriminação injustificadas. Sobre tais faltas, a Igreja, sempre disposta a perdoar e redimir aos que a ela imploram perdão, faz bem quando repetidas vezes reconhece ser a sua vez de arrepender-se e suplicar misericórdia.

Cabe salientar, no entanto, o quanto a Igreja investiu na Ciência para compreender e combater as doenças. A história das pandemias revela como em diversos aspectos a religião cristã não se colocou como estorvo ao progresso científico, como às vezes é acusada. Antes, pelo contrário, a Igreja financiou pesquisas, criou universidades e reavaliou seus próprios posicionamentos à luz do saber acadêmico. A ciência não foi vista como rival ou como uma ameaça à fé, mas como uma parceira, uma dádiva celestial.

O legado construído ao longo das pandemias históricas é fundamental para nortear a Igreja contemporânea no enfrentamento da Covid-19. Fechar os olhos ao que já foi vivido pelo Povo de Deus é submeter os cristãos aos mesmos erros do passado. O mundo carece de uma Igreja contextualizada, evoluída, apta para socorrer os aflitos. Para tão nobre missão, recordar as lições aprendidas por cada geração cristã torna-se indispensável.

A experiência com a Peste Bubônica, que entre idas e vindas atormentou a população durante séculos, e mesmo com o vírus da Gripe, cujas variantes se manifestaram de forma recorrente nos séculos XX e XXI, alerta a Igreja sobre a pandemia iniciada em 2020. O imperativo “vigiai”, que tantas vezes Jesus Cristo exortou aos seus seguidores, também se aplica aos cristãos hodiernos, os quais precisam manter-se atentos e aderentes às medidas preventivas, até que essa praga seja erradicada.

Ainda é cedo para avaliar como a Igreja enfrentou a Covid-19. Enquanto esta pesquisa foi produzida, a pandemia ainda segue em curso. Naturalmente, em meio à pluralidade cristã, observa-se um grupo ou outro repetindo erros do passado, como a insistente acusação de que a peste resulta de uma conspiração geopolítica (não são poucos os cristãos que rotulam a praga pejorativamente de “peste chinesa”) ou a obstinada resistência às medidas preventivas, como uso de máscaras, distanciamento social e aplicação de vacinas (alguns líderes religiosos promoveram liturgias aglomeradas e desestimularam a vacinação dos membros). Caberá aos pesquisadores das próximas décadas olhar para a década de 20 e analisar, com mais insumos, a maneira como a Igreja atravessou esta era tão sombria.

Não se pode negar, porém, que, via de regra, a Igreja tem cumprido um papel fundamental neste tempo, assim como foi nas pandemias históricas. Como uma mãe que embala e afaga seus filhos acometidos de dores e desconfortos, a Igreja tem abraçado os enlutados, acolhido órfãos e viúvas, assistido aos famintos e desempregados pela crise econômica, bem como evangelizado os que sofrem. O Povo de Deus permanece parceiro da população global na promoção da paz e do bem-estar social.

Quanto ao futuro das pandemias, é difícil fazer um prognóstico otimista. Doenças novas surgem anualmente, algumas com potencial de letalidade assustador. Mesmo moléstias que já atormentaram a humanidade no passado, muitas não foram totalmente erradicadas e seguem representando ameaças de novos surtos. Ao que parece, antes que adentre a Cidade Eterna, onde a dor e a morte serão extintos (Ap 21,4), a Igreja continuará convivendo com as aflições do tempo presente.

Nesse contexto, é natural que a perda de amigos e parentes durante as pandemias provoque ansiedade pela vida além-túmulo. É um verdadeiro alento esperar rever os queridos que se foram e com eles desfrutar uma eternidade de pleno gozo. Essa esperança conforta a dor e dá sentido à vida, devendo ser reafirmada por todos os que acreditam na fidedignidade das promessas do Ressuscitado e das Escrituras em geral.

Contudo, justamente porque se alicerça na solidez dessas promessas, a esperança cristã impele o crente a viver o Reino que já chegou. Esse Reino não é um lugar distante para onde estamos caminhando, mas uma realidade que já opera dentro do crente e o acompanha durante todo o seu caminhar (Lc 17,20-21). Com os

ideais e valores do Reino permeando sua jornada, o crente esperançoso promove paz, justiça e alegria por onde passa.

Não se pretende com esse discurso ignorar as dificuldades que a realidade nos apresenta. Todavia, a esperança cristã se fundamenta naquele que venceu o maior dos desafios, a morte. Logo, se o adágio popular reconhece a esperança como a última sobrevivente, a esperança cristã vai além; ela não apenas sobrevive, como ainda reaviva as esperanças mortas, fazendo com que miseráveis, enfermos, cativos, discriminados e pecadores recebam efetivamente uma nova vida.

Referências bibliográficas

A MARÉ da morte. **A Província**, Recife, 15 out. 1918. p. 1.

ADAMS, E. **The Earliest Christian Meeting Places**: Almost Exclusively Houses? London / New Delhi / New York / Sydney: Bloomsbury, 2013.

ANDREW of Caesarea. **Commentary on the Apocalypse**. Washington: The Catholic University of America Press, 2011.

ANGOLD, M. **Bizâncio**: A Ponte da Antiguidade para a Idade Média. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

ANTÓN, J. M. Los mitos cristianos sobre crueldades judías y su huella en el antisemitismo medieval europeo. In: FERNÁNDEZ, E. G. (Org.). **Exclusión, Racismo y Xenofobia en Europa y America**. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2002. p. 13-87.

ARRIZABALAGA, J. La Peste Negra de 1348: los orígenes de la construcción como enfermedad de una calamidad social. **Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam**, v. 11, n. 1, p. 73-117, 1991.

BARRY, J. M. **The Great Influenza**: The Epic Story of the Deadliest Plague in History. New York: Viking, 2004.

BARTSOCAS, C. S. Two Fourteenth Century Greek Descriptions of the 'Black Death'. **Journal of the History of Medicine and Allied Sciences**, v. 21, n. 4, p. 394-400, 1966.

BASTOS, M. J. Pecado, castigo e redenção: a peste como elemento do proselitismo cristão. **Tempo**, v. 2, n. 3, p. 183-205, 1997.

BEVANS, S. B.; NYQUIST, J. Roman Catholic Missions. In: MOREAU, A. S.; NETLAND, H.; ENGEN, C. (Orgs.). **Evangelical Dictionary of World Missions**. Grand Rapids: Baker Books; Carlisle: A. Scott Moreau, 2000. p. 837-841.

BIRABEN, J.-N.; LE GOFF, J. La peste dans le Haut Moyen Âge. **Annales. Histoire, Sciences sociales**, v. 24, n. 6, p. 1484-1510, 1969.

BLACK Death Inspires Zwingli's "Plague Hymn". **Christian History Magazine**, n. 4, 1984.

BOCCACCIO, G. **The Decameron**. London: George Routledge, 1889.

BÖHMER, H. Pelagius. In: JACKSON, S. M. (Ed.). *The new Schaff-Herzog encyclopedia of religious knowledge: embracing Biblical, historical, doctrinal, and practical theology and Biblical, theological, and ecclesiastical biography from the earliest times to the present day*. New York / London: Funk & Wagnalls, 1908-1914. p. 437.

BOOTSMA, M. C.; FERGUSON, N. M. The effect of public health measures on the 1918 influenza pandemic in U.S. cities. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, v. 104, n. 18, p. 7588-7593, may. 2007.

BORNSTEIN, D. E. **The Bianchi of 1399**: Popular devotion in late medieval Italy. Ithaca / London: Cornell University Press, 1993.

- BOTTÉRO, J. A magia e a medicina reinam na Babilónia. In: LE GOFF, J. (Org.). **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985. p. 11-37.
- BOTTON, K. V. University. In: ANTHONY, M. J. et al. (Eds.). *Evangelical Dictionary of Christian Education*. Grand Rapids: Baker Academic, 2001. p. 705-707.
- BOURDON DE SIGRAIS, C.-G. **Histoire des rats pour servir à l'histoire universelle**. Paris: [s.n.], 1737.
- BOWERS, K. W. Black Death (1347–1352). In: BYRNE, J. P. (Ed.). *Encyclopedia of Pestilence, Pandemics, and Plagues*. Westport / London: Greenwood Press, 2008. p. 56-63.
- BRUCE, F. F. **The Book of the Acts**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988.
- BUSH, R. M. Influenza Evolution. In: TIBAYRENC, M. (Ed.). *Encyclopedia of Infectious Diseases*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2007. p. 199-214.
- BUTLER, A. **The Lives of the Fathers, Martyrs and Other Principal Saints**. New York: P. J. Kenedy, 1903. v. III/4.
- BYRNE, J. P. Black Death, Plague, and Pestilence. In: BYRNE, J. P. (Ed.). *Encyclopedia of the Black Death*. Santa Barbara / Denver / Oxford: ABC-CLIO, 2012. p. 52.
- CAIRNS, E. E. **Christianity through the Centuries: A History of the Christian Church**. Grand Rapids: Zondervan, 1996.
- CALLAWAY, E. Plague genome: The Black Death decoded. **Nature**, v. 478, n. 1, p. 444-446, oct. 2011.
- CARLEN, C. **The Papal Encyclicals: 1903–1939**. Ypsilanti: The Pierian Press, 1990.
- CARNEIRO-CARVALHO, A.; RODRIGUES, I. A peste negra e as crenças religiosas: Conflito Ciência e Religião. **Revista Multidisciplinar**, v. 4, n. 2, p. 5-19, jun. 2022.
- CIPOLLA, C. M. A Plague Doctor. In: MISKIMIN, H. A.; HERLIHY, D.; UDOVITCH, A. L. (Orgs.). **The Medieval City**. New Haven / London: Yale University Press, 1977. p. 65-72.
- CLEMENTE VI, PP. **Quamvis perfidiam Iudeorum**. Disponível em: <http://telma.irht.cnrs.fr/outils/relmin/extrait87469/>. Acesso em: 10 out. 2022.
- COELHO, A. C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, I. O pandemônio da Gripe Espanhola e as lições sobre o conhecimento científico de prevenção de pandemias. **Multidisciplinar**, v. 4, n. 2, p. 95-115, 2022.
- COHN JUNIOR, S. K. **The Black Death Transformed: Disease and Culture in Early Renaissance Europe**. London: Arnold, 2003.
- COPPEDGE, D. F. Microscopic Magnificence: Antony van Leeuwenhoek found God's great glory in His tiny creations. **Christian History Magazine**, v. [s.i.], n. 76, 2002.
- CORWIN, G. R.; MOREAU, A. S. **Introducing World Missions: A Biblical, Historical, and Practical Survey**. Grand Rapids: Baker Academic, 2004.

CROSBY, A. W. **America's Forgotten Pandemic: The Influenza of 1918**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. (Eds.). Christianity in Ghana. In: *The Oxford dictionary of the Christian Church*. Oxford / New York: Oxford University Press, 2005. p. 675-676.

CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. (Eds.). Code of Justinian. In: *The Oxford dictionary of the Christian Church*. Oxford / New York: Oxford University Press, 2005. p. 921.

DEBARROS, A. C. **Doze homens, Uma missão: Um perfil bíblico-histórico dos doze discípulos de Cristo**. São Paulo: Editora Hagnos, 2006.

DEIROS, P. A. **Historia del Cristianismo: Los primeros 500 años**. Buenos Aires: Ediciones del Centro, 2005.

DELORT, R. Que a peste seja do rato! In: LE GOFF, J. (Org.). **As Doenças têm História**. Lisboa: Terramar, 1985. p. 109-126.

DELUMEAU, J. **História do Medo no Ocidente 1300-1800: Uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

DELUMEAU, J. **Nascimento e Afirmação da Reforma**. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia. Ltda., 1989.

DELUMEAU, J. **O Pecado e o Medo: A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)**. Bauru: EDUSC, 2003.

DIACONO, P. **Storia Fatti De' Langobardi**. Udine: Fratelli Mattiuzzi, 1826. v.I/2.

DIAS, T. F. A religiosidade sustentada pelo medo: elementos de mudança no imaginário medieval a partir da peste do século XIV. **Em Tempo de Histórias**, n. 29, p. 39-57, ago./dez. 2016.

DINZELBACHER, P.; CLARK, A. L. Middle Ages. In: FAHLBUSCH, E.; BROMLEY, G. W. (Eds.). *The encyclopedia of Christianity*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans; Leiden: Brill, 1999–2003. p. 518-531. v.III/5.

DUFF, P. B. Processions. In: FREEDMAN, D. N. (Ed.). *The Anchor Yale Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. p. 469-473. v.V/6.

ECHENBERG, M. Alexandre Yersin (1863–1943). In: BYRNE, J. P. (Ed.). *Encyclopedia of Pestilence, Pandemics, and Plagues*. Westport / London: Greenwood Press, 2008. p. 798.

ERKOREKA, A. Origins of the Spanish Influenza pandemic (1918-1920) and its relation to the First World War. **Journal of Molecular and Genetic Medicine**, v. 3, n. 2, p. 190-194, dec. 2009.

ETERNAL Sacred Order of Cherubim and Seraphim. In: BARNES, M. (Ed.). *Dictionary of Christianity and the Bible*. [s. i.]: [s. n.], [s. d.]. p. 5113.

EVAGRIUS. **A History of the Church in Six Books**. London: Samuel Bagster and Sons, 1846.

FERGUSON, E. **Backgrounds of Early Christianity**. Grand Rapids / Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2003.

FLETCHER, J. H. Eschatology. In: FIORENZA, F. S.; GALVIN, J. H. (Orgs.). **Systematic Theology: Roman Catholic Perspectives**. Minneapolis: Fortress Press, 2011. p. 621-650.

FOLLADOR, K. J. A Relação entre a Peste Negra e os Judeus. **Vértices**, n. 20, p. 25-46, 2016.

FOSTER, J.; FREND, W. H. **The first advance**: Church history 1, AD 29-500. London: SPCK, 1991.

FRANCISCO, PP. Pastoral Constitution on the Church in the Modern World: *Gaudium Et Spes*. In: **Vatican II Documents**. Vatican City: Libreria Editrice Vaticana, 2011.

FRANCO, H. J. **A Idade Média**: Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREITAS, E. C. A Peste na Gália do Século VI. **Brathair**, v. 20, n. 2, p. 128-148, 2020.

FRIEDLAENDER, G. E.; FRIEDLAENDER, L. K. Art in Science: Pieter Bruegel the Elder and the Plague. **Clinical Orthopaedics and Related Research**, v. 478, n. 7, p. 1416-1418, jul. 2020.

GABRIEL, R. A. **The Great Armies of Antiquity**. Westport: Greenwood Publishing Group, 2002.

GALLI, M.; OLSEN, T. Justinian I and Theodora I. In: **131 Christians everyone should know**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2000. p. 312-314.

GALLO, M. I.; ORTEGA, M. R. Los efectos de la pandemia de 1918-19 en la lucha contra la gripe en España: el papel de los cambios de percepción del riesgo y la posterior creación de la OMS (1918-1969). In: FERREIRA, A. (Org.). **A Gripe Espanhola de 1918**. Guimarães: Casa de Sarmiento, 2020. p. 13-34.

GAMA, R. M. **Dias Mefistofélicos**: A Gripe Espanhola nos Jornais de Manaus. Manaus, 2013. 172p. Dissertação. Universidade Federal do Amazonas.

GIBBON, E. **The History of the Decline and Fall of the Roman Empire**. London: W. STRAHAN / T. CADELL, 1777. v.I/6.

GIBBON, E. **The History of the Decline and Fall of the Roman Empire**. Boston: Phillips Sampson and Company, 1854. v.IV/6.

GIETMANN, G. Byzantine Architecture. In: HERBERMANN, C. G. et al. (Eds.). *The Catholic Encyclopedia*. New York: Robert Appleton Company, 1908. p. 94-95. v.III/15.

GINGRICH, R. E. **The History of the Church**. Memphis: Riverside Printing, 1999.

GOMEZ, P. F. Quarantine. In: BYRNE, J. P. (Ed.). *Encyclopedia of Pestilence, Pandemics, and Plagues*. Westport / London: Greenwood Press, 2008. p. 548-586. v.I/2.

GOTTFRIED, R. S. **La muerte negra**: Desastres en la Europa medieval. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

GOULART, A. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 12, n. 1, p. 101-142, 2005.

GRANT, M. **The Collapse and Recovery of the Roman Empire**. London / New York: Routledge, 1999.

GREGORIO de Tours. **History of the Franks**. New York / London: W. W. Norton & Company, 1969.

GURGEL, C. B. 1918: a gripe espanhola desvendada? **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 11, n. 4, p. 380-385, out./dez. 2013.

HARPER, K. **The Fate of Rome**: climate, disease, and the end of an Empire. Princeton: Princeton University Press, 2017.

HAUPT, H. Flagellation, Flagellants. In: JACKSON, S. M. (Ed.). *The new Schaff-Herzog encyclopedia of religious knowledge: embracing Biblical, historical, doctrinal, and practical theology and Biblical, theological, and ecclesiastical biography from the earliest times to the present day*. New York / London: Funk & Wagnalls, 1908–1914. p. 323-326. v.IV/13.

HOMERO. **Ilíada**. Jandira: Principis, 2021.

HORROX, R. **The Black Death**. Manchester / New York: Manchester University Press, 1994.

HUBBARD, M. V. **Christianity in the Greco-Roman World**: A Narrative Introduction. Grand Rapids: Baker Academic, 2010.

HUGHES, R. B.; LANEY, J. C. **Tyndale concise Bible commentary**. Wheaton: Tyndale House Publishers, 2001.

JACKSON, S. M. (Ed.). Avignon. In: *The new Schaff-Herzog encyclopedia of religious knowledge: embracing Biblical, historical, doctrinal, and practical theology and Biblical, theological, and ecclesiastical biography from the earliest times to the present day*. New York / London: Funk & Wagnalls, 1908-1914. p. 387. v.I/13.

JACKSON, S. M. (Ed.). Processions. In: *The new Schaff-Herzog encyclopedia of religious knowledge: embracing Biblical, historical, doctrinal, and practical theology and Biblical, theological, and ecclesiastical biography from the earliest times to the present day*. New York / London: Funk & Wagnalls, 1908–1914. p. 264. v.IX/13.

JEFFERS, J. S. **The Greco-Roman world of the New Testament era**: Exploring the background of early Christianity. Downers Grove: InterVarsity Press, 1999.

JOHNSON, N. **Britain and the 1918–19 Influenza Pandemic**: A dark epilogue. Abingdon: Taylor & Francis Ltd., 2006.

JOSEPHUS, F. **The works of Josephus**: complete and unabridged. Peabody: Hendrickson, 1987.

KANE, J. H. **A Concise History of the Christian World Mission**: A Panoramic View of Missions from Pentecost to the Present. Grand Rapids: Baker Book House, 1982.

KELHOFFER, J. A. Egnatian Way. In: FREEDMAN, D. N.; MYERS, A. C.; BECK, A. B. (Eds.). *Eerdmans dictionary of the Bible*. Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 2000. p. 375-376.

KISLINGER, E.; STATHAKOPOULOS, D. Pest und Perserkriege Bei Prokop Chronologische Überlegungen Zum Geschehen 540-545. **Byzantion**, v. 69, n. 1, p. 76-98, 1999.

KLEINIG, J. W. **Leviticus**. Saint Louis: Concordia Pub. House, 2003.

KURIAN, G. T. (Ed.). Appendix 1: Christian Centuries. In: *Nelson's new Christian dictionary: the authoritative resource on the Christian world*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2001.

LATOURETTE, K. S. **A History of Christianity**. New York: Harper & Bros., 1953.

LATOURETTE, K. S. **A History of The Expansion of Christianity: The Great Century in the Americas, Austral-Asia, and Africa**. New York / London: Harper & Brothers Publishers, 1943.

LE GOFF, J. **Mercadores e Banqueiros da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEWIS, C. T.; SHORT, C. (Eds.). *ater*. In: *Harpers' Latin Dictionary*. New York: Harper & Brothers; Oxford: Clarendon Press, 1891. p. 187-188.

LEWIS, J. Influenza. In: BYRNE, J. P. (Ed.). *Encyclopedia of Pestilence, Pandemics, and Plagues*. Westport / London: Greenwood Press, 2008. p. 304-309.

LEWIS, O. F. Social Service of The Church. In: JACKSON, S. M. (Ed.). *The new Schaff-Herzog encyclopedia of religious knowledge: embracing Biblical, historical, doctrinal, and practical theology and Biblical, theological, and ecclesiastical biography from the earliest times to the present day*. New York / London: Funk & Wagnalls, 1908–1914. p. 466-483. v.X/13.

LIPMAN, J. G. Kaffa or Feodosia (Theodosia). In: SINGER, I. (Ed.). *The Jewish Encyclopedia: A Descriptive Record of the History, Religion, Literature, and Customs of the Jewish People from the Earliest Times to the Present Day*. New York / London: Funk & Wagnalls, 1901–1906. p. 408-409.

LONGMAN III, T.; ENNS, P.; STRAUSS, M. (Eds.). King's Highway. In: *The Baker Illustrated Bible Dictionary*. Grand Rapids: Baker Books, 2013. p. 1014.

LORENZO, Á. V. La Peste Negra en Castilla. Aportación al estudio de algunas de sus consecuencias económicas y sociales. **Studia Historica. Historia Medieval**, v. 2, n. 2, p. 89-107, 1984.

LORENZO, Á. V. La Peste Negra en Castilla: Nuevos Testimonios. **Studia Histórica**, v. 8, p. 159-171, 2009.

LUTERO, M. **As 95 Teses e a Essência da Igreja**. São Paulo: Vida, 2016.

LUTHER, M. A Preface to the Reader on the Bulls of the Jubilee Year. In: BROWN, C. B. (Org.). **Luther's Works**. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2012. p. 106-119. v.LIX/60.

LUTHER, M. Whether One May Flee From a Deadly Plague. In: PELIKAN, J. J.; OSWALD, H. C.; LEHMANN, H. T. (Orgs.). **Luther's works: Devotional Writings II**. Philadelphia: Fortress Press, 1999. p. 119-138. v.XLIII/60.

MACHAUT, G. Le Jugement dou Roy de Navarre. In: **Oeuvres de Guillaume de Machaut**. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie., 1908. p. 137-282. v.I/3.

MARQUESA, J. E. et al. Covid-19: Implicações históricas e atuais diante das pandemias e práxis educacionais. **Interfaces**, v. 8, n. 3, p. 748-756, 2020.

MARTIN, S. **The Black Death**. Harpenden: Pocket Essentials, 2007.

MARTINI, M. et al. The Spanish Influenza Pandemic: a lesson from history 100 years after 1918. **Journal of Preventive Medicine and Hygiene**, v. 60, n. 1, p. E64-E67, mar. 2019.

MATHER, G. A.; NICHOLS, L. A. (Eds.). Cristianismo. In: *Diccionario de creencias, religiones, sectas y ocultismo*. Terrassa: Editorial CLIE, 2001. p. 140.

MATTA, S.; ARORA, V. K.; CHOPRA, K. K. Lessons to be learnt from 100 year old 1918 influenza pandemic viz a viz 2019 corona pandemic with an eye on NTEP. **The Indian Journal of Tuberculosis**, v. 67, n. 4, p. S132-S138, dec. 2020.

MAYES, B. T. Preface and Glosses to Two Bulls of Pope Clement VII on the Jubilee Indulgence. In: BROWN, C. B. (Org.). **Luther's Works**. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2012. p. 102-105. v.LIX/60.

McNABB, V. (Ed.). **The Decrees of the Vatican Council**. New York: Benziger Brothers, 1907.

MELTZER, E. S. Pelusium. In: FREEDMAN, D. N. (Ed.). *The Anchor Yale Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. p. 221-222.

MERRIAM-WEBSTER, I. (Ed.). Golden Horde. In: **Merriam-Webster's collegiate dictionary**. Springfield: Merriam-Webster, Inc., 2003.

MILLER, D. J.; SARRIS, P. (Orgs.). **The Novels of Justinian: A Complete Annotated English Translation**. Cambridge / New York: Cambridge University Press, 2018.

MOLINA, R. C. **Reyes y archivos en la Corona de Aragón: Siete siglos de reglamentación y praxis archivística (siglos XII-XIX)**. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2008.

MOLLARET, H. H. La découverte par Paul-Louis Simond du rôle de la puce dans la transmission de la peste. **La Revue du Praticien**, v. 41, n. 20, p. 1947-1951, 1991.

MONTEANO, P. J. La Peste Negra en Navarra: La Catástrofe Demográfica de 1347-1349. **Príncipe de Viana**, v. 62, n. 222, p. 87-120, 2001.

MORDECHAI, L.; EISENBERG, M. Rejecting Catastrophe: The Case of the Justinianic Plague. **Past & Present**, v. 244, n. 1, p. 3-50, aug. 2019.

MORE, A. F. et al. The Impact of a Six-Year Climate Anomaly on the "Spanish Flu" Pandemic and WWI. **GeoHealth**, v. 4, n. 9, sep. 2020.

MORENS, D. M.; TAUBENBERGER, J. K.; FAUCI, A. S. Predominant role of bacterial pneumonia as a cause of death in pandemic influenza: implications for pandemic influenza preparedness. **The Journal of Infectious Diseases**, v. 198, n. 7, p. 962-970, oct. 2008.

MORGAN, R. J. (Org.). By His Stripes. In: **On this day: 365 amazing and inspiring stories about saints, martyrs & heroes**. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997.

NORRIS, J. East or West? The Geographic Origin of the Black Death. **Bulletin of the History of Medicine**, v. 51, n. 1, p. 1-24, 1977.

NOVAES, A. M. Consolo escatológico: cemitérios, morte e porvir em relatos e obituários adventistas durante a Gripe Espanhola (1918-1920). **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 14, n. 40, p. 43-67, mai./ago. 2021.

OEUMENIUS. **Commentary on the Apocalypse**. Washington: The Catholic University of America Press, 2006.

OLDSTONE, M. B. **Viruses, Plagues, and History: Past, Present, and Future**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

OLIVEIRA, R. S. Espanhola ou a gripe que ninguém queria: o imaginário das pandemias no Ocidente. **Pesquisa Escolar**. Disponível em: <<https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/espanhola-ou-gripe-que-ninguem-queria-o-imaginario-das-pandemias-no-ocidente/2021>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

ORNELLAS, C. P. Os hospitais: lugar de doentes e de outros personagens menos referenciados. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 51, n. 2, p. 253-262, 1998.

PAYNTER, S.; WARE, R. S.; SHANKS, G. D. Host and environmental factors reducing mortality during the 1918-1919 influenza pandemic. **Epidemiology and Infection**, v. 139, n. 9, p. 1425-1430, mar. 2011.

PEARSON, B. W. Gymnasia and Baths. In: EVANS, C. A.; PORTER, S. E. (Eds.). *Dictionary of New Testament background: a compendium of contemporary biblical scholarship*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2000. p. 435-436.

PEREIRA, J. A. **Práticas Mágicas e Cura Popular na Bahia (1890-1940)**. Salvador, 1998. 156p. Dissertação. Universidade Federal da Bahia.

PERRY, R. D.; FETHERSTON, J. D. Yersinia pestis: Etiologic Agent of Plague. **Clinical Microbiology Reviews**, v. 10, n. 1, p. 35-66, jan. 1997.

PETERSON, D. C. **Muhammad, Prophet of God**. Grand Rapids / Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2007.

POTTIER, H. L'empereur Justinien survivant à la peste bubonique (542). **Mélanges Cécile Morrisson**, p. 685-69, 2010.

PRESSOTTO, T. F. A abordagem ganha-perde nas relações internacionais. **Race**, v. 6, n. 2, p. 175-184, 2007.

PROCÓPIO de Cesareia. **História de Las Guerras: Libros I-II**. Madrid: Editorial Gredos, 2000.

PSEUDO-DIONYSIUS of Tel-Mahre. **Chronicle: Part III**. Liverpool: Liverpool University Press, 1996.

QUÍRICO, T. Peste Negra e escatologia: os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV. **Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages**, p. 135-155, n. 14, 2012.

RADUSIN, M. The Spanish Flu – Part I: the first wave. **Vojnosanitetski Pregled**, v. 69, n. 9, p. 812-817, 2012.

RADUSIN, M. The Spanish Flu – Part II: the second and third wave. **Vojnosanitetski Pregled**, v. 69, n. 10, p. 917-927, 2012.

REID, T. R. The power and the glory of the Roman Empire. **National geographic**, v. 192, n. 1, p. 2-40, 1997.

REIS, J. J. **A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIDDELL, P. G.; COTTERELL, P. **Islam in Context: Past, Present, and Future.** Grand Rapids: Baker Academic, 2003.

ROMANO, R.; TENENTI, A. **Los fundamentos del mundo moderno:** Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma. Madrid: Siglo Veintiuno, 1980.

ROSENTHAL, J. T. **The Purchase of Paradise.** London: Routledge & Kegan Paul; Toronto: University of Toronto Press, 1972.

RUIZ-MOIRET, D. Tite-Live Et Les Maladies Pestilentiellles. **Eruditio Antiqua**, v. 11, n. 1, p. 5-25, 2019.

RUPPRECHT, A. Pelusium. In: SILVA M.; TENNEY, M. C. (Eds.). *The Zondervan Encyclopedia of the Bible, M-P.* Grand Rapids: The Zondervan Corporation, 2009. p. 756.

RUSSELL, J. C. That Earlier Plague. **Demography**, v. 5, n. 1, p. 174-184, 1968.

RUTHERFORD, J. F. **Milhões que Agora Vivem Jamais Morrerão.** Lisboa: Publicitas, 1925.

SABATÉ, F. A Coroa de Aragão: Identidade e Especificidade Política e Social. **Signum**, v. 14, n. 2, p. 54-72, 2013.

SABBATANI, S.; MANFREDI, R.; FIORINO, S. La peste di Giustiniano (seconda parte) L'influenza dell'epidemia sulla formazione dell'Impero Islamico. **Le Infezioni in Medicina**, n. 3, p. 217-232, 2012.

SACRISTÁN, T. M. La práctica de la medicina por los judíos entre la magia y la ciencia. Aceptación y rechazo. In: AMRÁN R. (Org.). **Las minorías: Ciencia y religión, magia y superstición en España y América (siglos XV al XVII).** Santa Barbara: eHumanista, 2015. p. 16-29.

SÁNCHEZ-DAVID, C. E. La Muerte Negra: “El Avance De La Peste”. **Revista Med**, v. 16, n. 1, p. 133-135, jan./jun. 2008.

SANDGREN, L. D. **Vines Intertwined: A History of Jews and Christians from the Babylonian Exile to the Advent of Islam.** Peabody: Hendrickson Publishers, 2010.

SARRIS, P. New Approaches to the ‘Plague of Justinian’. **Past & Present**, v. 254, n. 1, p. 315-346, feb. 2022.

SCHAFF, P.; SCHAFF, D. S. **History of the Christian church.** New York: Charles Scribner’s Sons, 1910. v.II/8.

SCHAFF, P.; SCHAFF, D. S. **History of the Christian church.** New York: Charles Scribner’s Sons, 1910. v.III/8.

SCHAFF, P.; SCHAFF, D. S. **History of the Christian church.** New York: Charles Scribner’s Sons, 1910. v.VI/8.

SCHAFF, P.; WACE, H. (Orgs.). The Captions of the Arabic Canons Attributed to the Council of Nice. In: **The Seven Ecumenical Councils.** New York: Charles Scribner’s Sons, 1900. p. 46-50.

SCHMIDT, A. J. **How Christianity Changed the World.** Grand Rapids: Zondervan, 2004.

SCHNABEL, E. J. **Early Christian Mission**. Downers Grove: InterVarsity Press; Leicester: Apollos, 2004. v.I/2.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **A bailarina da morte: A gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SCOFIELD, C. I. (Org.). **The Scofield Reference Bible: The Holy Bible Containing the Old and New Testaments**. New York / London / Toronto / Melbourne / Bombay: Oxford University Press, 1917.

SCOFIELD, C. I. **What Do the Prophets Say?** Philadelphia: The Sunday School Times Company, 1918.

SECONDAT, C-L. **Consideraciones sobre las causas de la grandeza y decadencia de los romanos**. Tarragona: Public Domain, 1835.

SENFELDER, L. History of Medicine. In: HERBERMANN, C. G. et al. (Eds.). *The Catholic Encyclopedia*. New York: The Encyclopedia Press, 1913. p. 122-142. v.X/15.

SHANKS, G. D. How World War 1 changed global attitudes to war and infectious diseases. **The Lancet**, v. 384, n. 9955, p. 1699-1707, nov. 2014.

SHANKS, G. D. Insights from unusual aspects of the 1918 influenza pandemic. **Travel Medicine and Infectious Disease**, v. 13, n. 3, p. 217-222, may./jun. 2015.

SHANKS, G. D.; BRUNDAGE, J. F. Pathogenic Responses among Young Adults during the 1918 Influenza Pandemic. **Emerging Infectious Diseases**, v. 18, n. 2, p. 201-207, feb. 2012.

SHANKS, G. D. et al. Mortality Risk Factors During the 1918-1919 Influenza Pandemic in the Australian Army. **The Journal of Infectious Diseases**, v. 201, n. 12, p. 1880-1889, may. 2010.

SHORT, K. R.; KEDZIERSKA, K.; SANDT, C. E. Back to the Future: Lessons Learned From the 1918 Influenza Pandemic. **Frontiers in Cellular and Infection Microbiology**, v. 8, p. 1-19, oct. 2018.

SIGERIST, H. E. **Civilization and Disease**. Ithaca: Cornell University Press, 1945.

SIGNAS dos Tempos para o mez de novembro. **Revista Mensal**, v. 14, n. 10, p. 16, out. 1919.

SIMONI, K. De peste e literatura: imagens do Decameron de Giovanni Boccaccio. **Anuário de Literatura**, v. 12, n. 12, p. 31-40, 2007.

SISMONDI, J. C. **Histoire des Républiques Italiennes Du Moyen Age**. Paris: Des Académies italienne, 1809. v.VII/16.

SMITH, W.; ANDREWES, C. H.; LAIDLAW, P. P. A Virus Obtained from Influenza Patients. **The Lancet**, v. 222, n. 5732, p. 66-68, jul. 1933.

SOANES, C.; STEVENSON, A. (Eds.). zoonosis / ˌzuːəˈnəʊsɪs, ˌzəʊə-. In: *Concise Oxford English Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SOUZA, C. M. **A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia**. Rio de Janeiro: Fiocruz; Salvador: Edufba, 2009.

SOUZA, C. M. A gripe espanhola na Bahia de Todos os Santos: entre os ritos da ciência e os da fé. **Dynamis**, v. 30, p. 41-63, 2010.

SOUZA, C. M. Da gripe espanhola à COVID-19: uma análise comparativa de epidemias e pandemias do século XX ao XXI. **Diálogos**, v. 25, n. 2, p. 68-85, ago. 2021.

SOZOMEN. **A History of the Church in Nine Books**. London: Samuel Bagster and Sons, 1846.

STEENSMA, D. P.; KYLE, R. A. Alexandre Yersin: Discoverer of the Plague Bacillus. **Mayo Clinic Proceedings**, v. 95, n. 1, p. e7-e8, jan. 2020.

STRABO. **The Geography of Strabo**. Literally translated, with notes, in three volumes. Medford: George Bell & Sons, 1903.

STRONG, J. 01698 דָּבַר *deber*. In: STRONG, J. (Ed.). *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

STRONG, J. 04046 מַגֵּפָה *maggephah*. In: STRONG, J. (Ed.). *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

STRONG, J. 04347 מַכָּה *makkah* ou (masc.) מַכֶּה *makkeh*. In: STRONG, J. (Ed.). *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

STRONG, J. 05061 נֶגַע *nega* '. In: STRONG, J. (Ed.). *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

STRONG, J. 05063 נֶגֶף *negeph*. In: STRONG, J. (Ed.). *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

SUNDAY closing order keenly felt by members chr. reformed churches. **Grand Rapids Herald**, p. 1, oct. 1918.

TACITUS, C. **The Annals of Tacitus: Books XI-XVI**. London: John Murray, 1909.

TAUBENBERGER, J. K.; MORENS, D. M. 1918 Influenza: the Mother of All Pandemics. **Emerging infectious diseases**, v. 12, n. 1, p. 15-22, jan. 2006.

TAUBENBERGER, J. K.; MORENS, D. M. The Pathology of Influenza Virus Infections. **Annual Review of Pathology**, v. 3, p. 499-522, aug. 2008.

TAYLOR, M. D. **The complete book of Bible basics**. Illinois: Tyndale House Publishers, 2005.

TIBAYRENC, M.; VIDAL, P.; GONZALEZ, J.-P. Infectious Diseases and Arts. In: Tibayrenc, M. (Ed.). *Encyclopedia of Infectious Diseases: Modern Methodologies*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2007. p. 677-740.

TOURSCHER, F. E. Work of the Sisters During the Epidemic of Influenza, October, 1918. **Records of the American Catholic Historical Society**, v. 30, n. 8, p. 193-226, sep. 1919.

TSIAMIS, C.; POULAKOU-REBELAKOU, E.; PETRIDOU, E. The Red Sea and the port of Clysma: A possible gate of Justinian's plague. **Gesnerus**, v. 66, n. 2, p. 209-217, 2009.

TSOUCALAS, G. et al. The first announcement about the 1918 Spanish flu pandemic in Greece through the writings of the pioneer newspaper Thessalia almost a century ago. **Le Infezioni in Medicina**, v. 23, n. 1, p. 79-82, mar. 2015.

TUCHMAN, B. W. **A Distant Mirror: The Calamitous 14th Century**. New York: Ballantine Books, 1978.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Brasília: Universidade de Brasília, 1987.

TUCKER, R. A. **Parade of Faith: A Biographical History of the Christian Church**. Grand Rapids: Zondervan, 2011.

TUMPEY, T. M. et al. Characterization of the reconstructed 1918 Spanish influenza pandemic virus. **Science**, v. 310, n. 5745, p. 77-80, oct. 2005.

TURA, A. Plague in Siena: An Italian Chronicle. In: BOWSKY, W. M. (Org.). **The Black Death: A Turning Point in History?** Davis: University of California Press, 1971. p. 13-14.

UJVARI, S. C. **A História e suas Epidemias: A convivência do homem com os micro-organismos**. São Paulo: Senac, 2003.

VAUGHAN, V. C. Communicable Disease in the United States Army During the Summer and Autumn of 1918. **The Journal of Laboratory and Clinical Medicine**, v. 4, p. 587-623, jul. 1919.

WADDINGTON, G. **A History of the Church from the Earliest Ages to the Reformation**. London: Baldwin and Cradock, 1835. v.III/3.

WALKER, W. **A History of the Christian Church**. New York: Charles Scribner's Sons, 1919.

WARD-PERKINS, B. **The Fall of Rome and The End of Civilization**. New York: Oxford University Press, 2005.

WAZNAK, R. P. Homily. In: FINK, P. E. (Ed.). *The New dictionary of sacramental worship*. Collegeville: Liturgical Press, 2000. p. 552-558.

WEBBER, R. E. Justinian I. In: DOUGLAS, J. D.; COMFORT, P. W. (Orgs.). **Who's Who in Christian history**. Wheaton: Tyndale House, 1992. p. 391.

WEBER, T. P. Dispensationalism. In: REID, D. G. et al. (Eds.). *Dictionary of Christianity in America*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1990. p. 358.

WEINSTEIN, J. M. Pelusium. In: POWELL, M. A. (Ed.). *The HarperCollins Bible Dictionary*. New York: HarperCollins, 2011. p. 765.

WEVER, P. C.; BERGENC, L. Death from 1918 pandemic influenza during the First World War: a perspective from personal and anecdotal evidence. **Influenza Other Respir Viruses**, v. 8, n. 5, p. 538-546, sep. 2014.

WHEELIS, M. Biological warfare at the 1346 siege of Caffa. **Emerging Infectious Diseases**, v. 8, p. 971-975, sep. 2002.

WICKHAM, C. **Framing the Early Middle Ages: Europe and the Mediterranean 400–800**. New York: Oxford University Press, 2005.

WIECHMANN, I.; GRUPE, G. Detection of Yersinia pestis DNA in Two Early Medieval Skeletal Finds from Aschheim (Upper Bavaria, 6th Century A.D.). **American Journal of Physical Anthropology**, v. 126, n. 1, p. 48-55, jan. 2005.

ZACHARY HAYES, O. Eschatology. In: GLAZIER, M.; HELLWIG, M. K. (Eds.). *The Modern Catholic Encyclopedia*. Collegeville: Liturgical Press, 2004. p. 274-276.

ZANDERS, J. P. De Mussi and the Siege of Caffa: Origin of a Biological Warfare Allegation. **French Historical Studies**, n. 1, dec. 2021.

ZIETZ, B. P.; DUNKELBERG, H. The history of the plague and the research on the causative agent *Yersinia pestis*. **International Journal of Hygiene and Environmental Health**, v. 207, n. 2, p. 165-178, feb. 2004.

ZOU, X.; CAO, B. Battling COVID-19 Using Lessons Learned from 100 Years of Fighting Against Influenza. **China CDC Weekly**, v. 2, n. 44, p. 867-869, oct. 2020.

ZWEMER, S. M. **Islam: A Challenge to Faith**. New York: Student Volunteer Movement for Foreign Missions, 1909.